



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA  
ESCOLA DE DANÇA DA UFBA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA – PRODAN**

**DANIELA ALVES**

**direção múltipla virtual (DMV):  
dispositivo de composição em Dança  
interativa e processual**

**SALVADOR**

**2023**

**DANIELA ALVES**

**direção múltipla virtual (DMV):  
dispositivo de composição em Dança  
interativa e processual**

Trabalho de conclusão de curso do Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para título de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirella de Medeiros Misi

**SALVADOR**

**2023**



Dados internacionais de catalogação-na-publicação  
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Alves, Daniela.

Direção múltipla virtual (DMV): dispositivo de composição em Dança interativa e processual / Daniela Alves. - 2023.

140 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Mirella de Medeiros Misi.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2023.

1. Dança moderna. 2. Dança moderna - Inovações tecnológicas. 3. Arte interativa. 4. Arte e sociedade. 5. Comunicação na arte. 6. Imagem corporal. 7. Linguagem corporal. 8. Criação (Literária, artística etc.). I. Misi, Mirella de Medeiros. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3  
CDU - 793.3



## ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA – PRODAN

### MODALIDADE REMOTA

Aos vinte e oito dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três, às 14h, **na modalidade remota**, via webconferência (RNP/UFBA), foi realizada a **Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Dança da UFBA de DANIELA ALVES** intitulado “**Direção Múltipla Virtual (DMV): dispositivo de composição em Dança interativa e processual**”, com a presença da Banca Avaliação composta por: Professora Doutora Mirella de Medeiros Misi, orientadora, docente do PRODAN/UFBA e presidente da banca; Professora Doutora Isabelle Cordeiro Nogueira, participante interna, docente do PRODAN/UFBA; e a Professora Doutora Dorotea Souza Bastos, participante externa, docente do PPGCOM/UFRB. Dando sequência à abertura, a mestranda fez a exposição do seu trabalho e, em prosseguimento, cada membro da Banca procedeu à arguição em relação ao trabalho apresentado. Após a finalização dessa etapa, a banca reunida emitiu o parecer conjunto final e indica pela aprovação do trabalho, concluindo assim que **DANIELA ALVES** está apta a receber o título de Mestra em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-UFBA. Ao final, lavrou-se a presente ata que será assinada pelos membros da Banca e a mestranda. Em 28 de novembro de 2023.

Documento assinado digitalmente



**DOROTEA SOUZA BASTOS**  
Data: 20/08/2024 00:31:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



**ISABELLE CORDEIRO NOGUEIRA**  
Data: 19/08/2024 20:01:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente



**DANIELA ALVES**  
Data: 07/12/2023 13:19:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**DANIELA ALVES**

**direção múltipla virtual (DMV):  
dispositivo de composição em Dança  
interativa e processual**

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia como requisito final para obtenção do grau de Mestre Profissional em Dança.

Salvador, 28 de novembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirella de Medeiros Misi – Orientadora  
Doutora em Artes Cênicas (PPGAC/ UFBA).  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabelle Cordeiro Nogueira  
Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP).  
Universidade Federal da Bahia

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dorotea Souza Bastos  
Doutora em Média-Arte Digital (Universidade do Algarve, conjunto com a Universidade Aberta de Portugal) e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), em co-tutela.  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

A todas as pessoas que me ajudaram a continuar acreditando na Dança como caminho de vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas as pessoas que me ajudaram a percorrer nos caminhos da vida até eu conseguir chegar aqui:

à minha mãe Tânia Regina Hemmer Alves, por me gerar a vida e me ensinar a seguir com alegria e espontaneidade, na cara e na coragem;

ao meu pai Marco Aurélio Alves pelo estímulo aos estudos, às realizações e ao pensamento crítico desde sempre;

à minha filha Ana Rosa Alves Martins, a obra à qual mais me dediquei, pequena grande parceira, por me acompanhar e me estimular sempre a ser uma mãe estudante;

ao meu parceiro de vida Francisco Lázaro dos Santos Martins, por tanto Amor e tanta paixão, que há muito tempo me ajudam a dançar como eu danço;

às minhas irmãs e irmãos, de sangue e de alma, por nunca me deixarem sozinha;

ao Aplysia Grupo de Dança, pelas valorosas descobertas e experiências e pelos aprendizados com minhas irmãs Denise Torraca, Melina Alarcon, Paula de Paula, Talita Matos e Valeska Figueiredo;

às pessoas da Dança de Florianópolis, pelo apoio, parceria e ensinamentos ao longo da minha trajetória como bailarina, especialmente Alba Lima, Diana Gilardenghi, Elke Siedler, Ivana Bonomini, Jussara Belchior, Jussara Xavier, Karina Collaço, Malu Rabelo, Marta César, Paloma Bianchi, Sandra Meyer, Vera Torres;

às parceiras Izhy Silveira, Lucas Santana e Will Mario, pelas trocas artísticas afetuosas na realização dos Projetos DMV – continuidade e DMV – Woman's Performance;

à minha orientadora Mirella Misi, pelos ensinamentos, pela parceria e pelo carinho, acolhimento e incentivo em todos os momentos;

às professoras membras da banca Dorotea Souza Bastos e Isabelle Cordeiro Nogueira, pela atenção, generosidade e por suas contribuições valiosíssimas para este trabalho;

às pessoas professoras e colegas do PRODAN, por estarem comigo nessa missão, proporcionando um ambiente de ricos compartilhamentos e fortalecimento da Dança como modo de conhecer e existir;

às pessoas colaboradoras virtuais, que generosamente permitiram o funcionamento do dispositivo DMV, construindo comigo este trabalho.

*eu me mostro a quem possa se ver em mim,  
e me mostro para que eu possa me ver.*

## RESUMO

O objeto desta pesquisa é a investigação e criação de um dispositivo para processo de criação artística em Dança, o DMV (direção múltipla virtual), dispositivo digital de composição colaborativa e interativa em Dança processual. Concebido por mim, artista da Dança de Florianópolis/SC, o DMV tem o intuito de desenvolver novas corporeidades e dramaturgias em Dança partindo do corpo e suas subjetividades, em um contexto de pouca aderência do público em geral aos trabalhos de Dança Contemporânea. O funcionamento do DMV ocorre com a colaboração de pessoas dispostas a atuarem no processo criativo, a partir da exposição de minha Dança em forma de videoexperimentos, postados em redes sociais digitais, perguntando, a respeito dos vídeos, a quem quiser responder: o que você vê?; o que você sente?; para onde devo ir? O processo criativo tem ainda o objetivo de ampliar a discussão a respeito do corpo na contemporaneidade, especificamente o corpo de mulher, que é o corpo presente na cena. A interatividade é o ponto-chave do trabalho, já que a obra se realiza no ato em que as pessoas colaboradoras colocam em palavras aquilo que foi visto, configurando o DMV como uma obra-dispositivo: uma obra que se faz no fazer, que se realiza como obra já no processo de feitura, e não apenas quando atinge uma forma que satisfaça o formato de obra acabada. O DMV é, portanto, uma proposta de arte relacional (Bourriaud, 2009), que dialoga com o conceito de obra aberta, de Umberto Eco (1968) e com a lógica de forma formante e forma formada, de Luigi Pareyson (1997). Trata-se de uma pesquisa guiada-pela-prática (Haseman, 2015) e autobiográfica, em que a performance solo é possibilidade de produção de um corpo político, relacional, atravessado pela memória pessoal, quando é também memória coletiva. O trabalho apresenta reflexões acerca dos comentários das colaboradoras sobre os seis videoexperimentos produzidos ao longo desta fase da pesquisa e das diversas questões que atravessam o percurso criativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criação colaborativa. Dispositivo de composição. Dança digital. Interatividade.

## ABSTRACT

The object of this research is the investigation and creation of a device for the artistic creation process in Dance, the DMV device (virtual multiple direction), a digital device for collaborative and interactive composition in procedural Dance, designed by me, a Dance artist from Florianópolis/SC/Brazil, with the aim of developing new corporeities and dramaturgies in Dance starting from body and its subjectivities, in a context of little adherence by the general public to Contemporary Dance works. The functioning of the DMV occurs with the collaboration of people willing to act in the creative process, based on the exhibition of my Dance in the form of video experiments, posted on digital social networks, asking, about the videos, anyone who wants to answer: “what do you see?”; “what do you feel?”; “where should I go?”. The creative process also aims to expand the discussion about the body in contemporary times, specifically the woman’s body, which is the body present in the scene. Interactivity is the key point of the work, since the work is carried out in the act in which the collaborators put into words what was seen, configuring the DMV as a *work-device*: a work that is made in doing, that is performs as a work already in the making process, and not just when it reaches a form that satisfies the format of a finished work. The DMV is, therefore, a *relational art* proposal (Bourriaud, 2009), which dialogues with the concept of *open work*, by Umberto Eco (1962) and with the logic of *forming form* and *formed form*, by Luigi Pareyson (1984). This is an autobiographical and *practice-guided-research* (Haseman, 2015), in which solo performance is the possibility of producing a political and relational body, crossed by personal memory, when it is also collective memory. The work presents reflections on the collaborators’ comments on the six video experiments produced throughout this phase of the research and the various issues that cross the creative path.

**KEYWORDS:** Collaborative creation. Composite device. Digital dance. Interactivity.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Espetáculo Direção Múltipla (2014), produto da primeira fase de uso do dispositivo DMV.....	25
<b>Figura 2:</b> Espetáculo Direção Múltipla. Apresentação realizada no Festival Múltipla Dança 2015.....	26
<b>Figura 3:</b> Frame do experimento 1 – primeiro videoexperimento do projeto DMV, em sua fase inicial (2013) – e comentário de colaboradora virtual no Facebook (captura de tela).....	32
<b>Figura 4:</b> Frame do videoexperimento (A).....	37
<b>Figura 5:</b> Frame do videoexperimento (A).....	38
<b>Figura 6:</b> Frame do videoexperimento (A).....	38
<b>Figura 7:</b> Primeira postagem desta nova fase do projeto – videoexperimento (A). Captura de tela da página do Instagram de Daniela Alves.....	39
<b>Figura 8:</b> Frame do videoexperimento (B).....	45
<b>Figura 9:</b> Frame do videoexperimento (B).....	45
<b>Figura 10:</b> Frame do videoexperimento (B).....	46
<b>Figura 11:</b> Frame do videoexperimento (C).....	48
<b>Figura 12:</b> Frame do videoexperimento (C).....	49
<b>Figura 13:</b> Frame do videoexperimento (C).....	49
<b>Figura 14:</b> Frame do videoexperimento (D).....	61
<b>Figura 15:</b> Frame do videoexperimento (D).....	62
<b>Figura 16:</b> Frame do videoexperimento (D).....	62
<b>Figura 17:</b> Postagem do videoexperimento (D). Captura de tela da página do Instagram de Daniela Alves.....	66
<b>Figura 18:</b> Vídeo com compilação de comentários sobre o videoexperimento (A).....	76

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1. DMV: DISPOSITIVO DE COMPOSIÇÃO EM DANÇA INTERATIVA E PROCESSUAL.....</b>	<b>25</b>
<b>2. PRODUTOS ARTÍSTICOS: CONFIGURAÇÕES TEMPORÁRIAS MATERIALIZADAS EM VIDEODANÇAS E SEUS ATRAVESSAMENTOS.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE A – Comentários das pessoas colaboradoras virtuais (compilação).....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICE B – Projeto DMV – continuidade: Relatório de execução do projeto (resumido).....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE C – Projeto DMV – continuidade: Clipagem.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICE D – Projeto DMV – Woman’s Performance: Memorial de Experimentação Artística.....</b>	<b>134</b>

## APRESENTAÇÃO

Sou Daniela Alves, profissional da Dança desde 1998, nascida e criada em Florianópolis/SC. Atuo como artista, professora e gestora de projetos culturais. Desenvolvo, desde 2013, o projeto solo DMV e, desde 2021, o treinamento físico-expressivo autoral Corpo Infinito.

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso que integra o resultado final da minha trajetória no Programa de Mestrado Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA), iniciado em 2021 e finalizado em 2023.

O objeto da minha pesquisa é o processo de criação em Dança por meio do dispositivo DMV (direção múltipla virtual), dispositivo digital de composição colaborativa e interativa em Dança processual, concebido por mim com o intuito de desenvolver novas corporeidades e dramaturgias em Dança partindo do corpo e suas subjetividades em um contexto de pouca aderência do público em geral aos trabalhos de Dança Contemporânea.

O funcionamento do DMV ocorre com a colaboração de pessoas dispostas a atuarem no processo criativo, a partir da exposição de minha Dança em forma de videoexperimentos, postados em redes sociais digitais, perguntando, a respeito dos vídeos, a quem quiser responder: *o que você vê?*; *o que você sente?*; *para onde devo ir?*

O processo criativo tem também o objetivo de ampliar a discussão acerca do corpo na contemporaneidade, especificamente o corpo de mulher, que é o corpo presente na cena. A interatividade é o ponto-chave do trabalho, já que a obra se realiza no ato em que as pessoas colaboradoras colocam em palavras aquilo que foi visto, configurando o DMV como uma obra-dispositivo: uma obra que se faz no fazer, que se realiza como obra já no processo de feitura, e não apenas quando atinge uma forma que satisfaça a configuração de obra acabada.

Trata-se de uma pesquisa autobiográfica, em que a performance solo é possibilidade de produção de um corpo político, relacional, atravessado pela memória pessoal, quando é também memória coletiva, e pela potência de transmutação por meio da Arte.

Ao mesmo tempo, é uma pesquisa performativa, ou “pesquisa guiada-pela-prática” (Haseman, 2015, p.44), já que se refere a uma investigação colaborativa em que a prática é quem determina os caminhos da pesquisa. “A

pesquisa guiada-pela-prática é intrinsecamente empírica e vem à tona quando o pesquisador cria novas formas artísticas para performance e exibição, ou projeta jogos *on-line* guiados-pelo-usuário” (Haseman, p.44): a pesquisa a partir do dispositivo DMV ocorre com sua aplicação no ambiente virtual, na interação com as pessoas colaboradoras virtuais. O dispositivo é regulado conforme o uso e a pesquisa corporal e conceitual se desenrola com o mecanismo em ação.

Dentre os procedimentos para coletas de dados, posso listar: práticas/experimentos corporais, leituras, buscas de referências, escritas performativas, filmagens, edições de vídeos, postagens de vídeos nas redes sociais, coleta e organização dos comentários das colaboradoras virtuais, organização do material em texto e imagem, conceituação dos procedimentos.

O foco da pesquisa é o processo criativo e a poética do dispositivo, que se realiza com a interatividade, enaltecendo todos os registros da memória da criação, os rastros de percurso e o potencial transformador do acaso. A ênfase é no labirinto criativo e na experimentação, e não no objeto acabado. Portanto, para executar esses procedimentos, foram utilizadas metodologias diversas: pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica, pesquisa autoetnográfica, crítica genética. A investigação tem início nas práticas corporais experimentais a partir dos desejos/temáticas presentes no corpo. Dessas práticas, são elaborados videoexperimentos, que são compartilhados no Instagram, Facebook e Whatsapp para que as colaboradoras virtuais possam interagir. Os comentários dessas pessoas são coletados, organizados e analisados ao mesmo tempo em que são acessados e produzidos materiais complementares para o desenvolvimento das temáticas que aparecem nos experimentos – textos, vídeos, diálogos, referências, escritas performativas. A continuidade da pesquisa se dá com a postagem de um novo videoexperimento, construído com o material fornecido pelas colaboradoras e com o material complementar.

Juntamente com este trabalho escrito, outras seis produções foram entregues a fim de satisfazer o regimento interno desse programa, que se referem a produtos artísticos coerentes com a linha de pesquisa 1 – “Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança”, disponibilizados na plataforma de vídeos Youtube<sup>1</sup> : 1)

---

<sup>1</sup> Canal de Daniela Alves no Youtube. Disponível em: [Daniela Alves - YouTube](#). Acesso em 20/05/2021.

videoexperimento (A)<sup>2</sup>; 2) videoexperimento (B)<sup>3</sup>; 3) videoexperimento (C)<sup>4</sup>; 4) videoexperimento (D)<sup>5</sup>; 5) videoexperimento (C) com audiodescrição<sup>6</sup>; e 6) videoexperimento (D) com audiodescrição<sup>7</sup>.

Este trabalho é dividido em duas partes: na **primeira parte**, apresento o dispositivo DMV como um trabalho que está sempre em construção, em um infundável processo, baseado em perguntas e respostas, criando construções temporárias que se materializam dentro de um formato audiovisual, o qual funciona como um novo dispositivo para que novos comentários sejam feitos, e assim alimentar a razão de ser da obra; na **segunda parte**, discorro sobre os seis videoexperimentos elaborados nesse processo e as diversas questões que atravessam o percurso criativo, fazendo uma análise sobre o funcionamento do dispositivo DMV durante o período que compreende essa pesquisa.

Os videoexperimentos foram capturados por câmera fixa, escolha que se deu não só pela ocasião de que eu mesma realizei o trabalho de captura e edição dos vídeos, mas também pelo objetivo de exaltar a experiência de assistir à proposição de corpo o mais próximo do que seria no formato presencial, ou seja, a pessoa que observa está em um lugar fixo, dedicada à função de ver, e a Dança é mostrada dentro do plano de visão de quem assiste. Tendo em mãos o material capturado, assumo o recurso de edição como ferramenta dramaturgica para a composição da Dança, que passa a ser uma videodança: a composição inicial (sem edição) é por fim consumada no ato de montar os fragmentos de cena, assim, o corpo toma uma forma de exibição que é possível somente nessa configuração proposta, que é o vídeo.

Ainda que os videoexperimentos sejam apresentados em formato de videodanças, neste trabalho não estou adentrando os estudos desse tipo de produção coreográfica em que a Dança e o Audiovisual se hibridizam para configurar uma Dança concebida especialmente para a tela: nesta pesquisa, o foco é o dispositivo e sua poética, atravessada por práticas diversas e por temas políticos que emergem do corpo.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [videoexperimento \(A\)](#). Acesso em 19/07/2022.

<sup>3</sup> Disponível em: [videoexperimento \(B\)](#). Acesso em 19/07/2022.

<sup>4</sup> Disponível em: [videoexperimento \(C\)](#). Acesso em 19/07/2022.

<sup>5</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\)](#). Acesso em 19/07/2022.

<sup>6</sup> Disponível em: [videoexperimento \(C\) - com audiodescrição](#). Acesso em 19/07/2022.

<sup>7</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\) - com audiodescrição](#). Acesso em 19/07/2022.

Assim, o presente trabalho traz uma escrita autobiográfica que relata o processo de criação do dispositivo DMV de forma crítico-reflexiva, em que as experiências são descritas de modo cronológico, atravessadas por questões diversas que problematizam toda a prática, conferindo ao texto uma qualidade de memorial. Portanto, a ênfase desta pesquisa está na narração analítica dos fatos que caracterizam o funcionamento do dispositivo DMV: os conceitos aqui apresentados servem sobretudo para dar suporte aos pensamentos decorrentes da observação desse artefato que ocorre na interatividade.

Meu interesse nesse processo colaborativo e interativo é proporcionar o alargamento de diálogos no sentido de aproximar a Dança de questões políticas e transformadoras da sociedade, intensificando o potencial de existência da pessoa artista e fortalecendo a Dança como área de conhecimento.

## INTRODUÇÃO

Arte, docência e produção cultural sempre estiveram em minha trajetória na Dança. No entanto, o fazer artístico é o verdadeiro agente motivador para minha atuação nas mais diversas esferas da vida. É o meu combustível, e acredito que é essencial para um mundo menos hostil e mais humano.

Minhas experiências me levaram a entender a Dança como uma forma de existir, algo que ocorre no corpo, que é também mente e alma. Buscar propiciar esse entendimento artístico e afetivo acerca da concepção de corpo às pessoas com quem me relaciono na arte e na vida é uma meta que venho perseguindo com entusiasmo.

Ao longo de todos esses anos de trabalho com Dança, tive inúmeras oportunidades de trilhar por uma vertente artística investigativa e experimental, que me disponibilizou dispositivos de percepção para que eu pudesse me inteirar com minha própria existência e meu entorno, e assim compreendê-la melhor, dando mais significância à vida.

Motivada pelo desejo-incumbência de produzir material artístico a partir do corpo e suas subjetividades e pelo fato de haver pouca aderência do público em geral aos trabalhos da área de Dança Contemporânea de Florianópolis/SC, cidade onde nasci e sempre atuei como artista da Dança, iniciei, em 2013, um processo de investigação colaborativa a partir do dispositivo de composição em Dança *direção múltipla virtual* (DMV). Criei esse artefato com o intuito de construir novas corporeidades e dramaturgias em Dança a fim de compor um trabalho solo, contando com a participação de pessoas colaboradoras virtuais dispostas a participar da pesquisa, sem a necessidade de terem conhecimentos técnicos em Dança ou em Arte.

Esse trabalho surgiu como fuga de um momento prolongado de estagnação, depois de ter ficado cinco anos sem atuar na cena. Isso ocorreu após o encerramento das atividades do Aplysia, grupo de Dança do qual fui cofundadora e que foi minha verdadeira escola e família: um lugar de descoberta das inúmeras possibilidades do corpo que sou e da minha Dança. O grupo durou dez anos, de 1998 a 2008, e, com o seu término, eu me senti um tanto desencorajada a continuar, inclusive porque Florianópolis sempre foi uma cidade muito insuficiente de políticas culturais.

O período de estagnação durou até 2012, quando percebi que eu precisava da Dança para continuar existindo: foi com a potência dessa inércia que os caminhos me levaram à criação do dispositivo DMV.

Em 2013, surgiu a oportunidade de participar do projeto Laboratório Corpo e Dança, proposto por Jussara Xavier e financiado pelo Programa Rumos Itaú Cultural Dança 2012-2014, que oferecia três oficinas: 1) Percepção Física e Criação em Dança, com Alejandro Ahmed; 2) Corpo e Cidade, com Vanilto Lakka; e Performance, com Micheline Torres.

Um dos objetivos dessas ações era estimular a criação de uma proposta de iniciação à pesquisa para futuramente compor um trabalho solo, a partir de uma proposta inovadora e inédita de composição em Dança, que seria incentivada por bolsas concedidas pelo projeto. Assim surgiu o DMV: fui contemplada por uma das bolsas, com duração de três meses, de abril a junho de 2013, período que marcou minha experiência inicial com esse dispositivo.

Para o funcionamento do DMV, as colaboradoras são convidadas a oferecerem suas impressões a respeito de vídeos compartilhados, via redes sociais, em que eu trago proposições de corpo, sobre as quais elas devem responder ao menos uma das perguntas: 1) o que você vê?; 2) o que você sente?; 3) para onde devo ir? (que ações experimentar? que questões explorar?).

A partir dos comentários das colaboradoras, novas proposições em vídeo são elaboradas e compartilhadas nas redes, dando continuidade ao processo compositivo. Nesse trajeto, as pessoas participantes passam a fazer parte do trabalho, tornam-se coautoras da composição.

Essa metodologia de criação inaugurou uma nova fase do meu fazer artístico, pautado na Dança interativa, que procura proporcionar o encontro com um público diverso e amplo e aumenta minhas possibilidades compositivas e expressivas não só em meu contexto local, mas para além das barreiras geográficas, onde o alcance da Internet permita.

A investigação inicial<sup>8</sup> incentivada pelo Laboratório Corpo e Dança impulsionou a criação e estreia do meu primeiro solo, *Direção Múltipla*, em 2014, com subsídio do Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2013, realizado pela

---

<sup>8</sup> Mais informações sobre a fase inicial da pesquisa disponível em: [Direção múltipla virtual \(DMV\): dispositivo de composição em dança colaborativa | Galoá Proceedings](#). Acesso em 30/06/2022.



Fundação Catarinense de Cultura, por meio do Governo do Estado de Santa Catarina.

Ao longo de dezoito meses de processo criativo – de abril de 2013 a outubro de 2014 –, foram 12 experimentos postados no Youtube<sup>9</sup> e no grupo do Facebook direção múltipla virtual<sup>10</sup> – que, na época, eram os ambientes virtuais designados para o compartilhamento dos vídeos.

Para além da colaboração virtual, e expandindo a ideia de direção múltipla, o projeto de construção do solo contou com a participação de pessoas artistas convidadas, da área da Dança Contemporânea: Adilso Machado, Andréa Bardawill, Jussara Belchior e Valeska Figueiredo – que assumiram a codireção temporariamente, em etapas diferentes do processo, a fim de modificar a movimentação e enriquecer a pesquisa cênica, contribuindo tanto na composição das partituras propositivas quanto na montagem geral do espetáculo –, e Jussara Xavier – que atuou como orientadora da pesquisa, no sentido de questionar e provocar as escolhas compositivas.

O espetáculo Direção Múltipla circulou pelo país até 2016, quando senti a necessidade de me afastar do trabalho solo para me dedicar ao projeto ensaio para algo que não sabemos, em parceria com a artista Karina Collaço.

Dada a potência do dispositivo DMV, e o desejo de voltar a desenvolver uma Dança solo, ao final de 2019, inscrevi o projeto DMV – continuidade no Edital Elisabete Anderle 2019. A ideia era iniciar o processo criativo para, em uma oportunidade futura, construir um novo espetáculo com o uso do dispositivo, mantendo a proposta de interatividade com pessoas interessadas em colaborar, mas abrangendo seu local de atuação, estendendo para outras plataformas digitais além do grupo virtual no Facebook, disponibilizando os vídeos e a possibilidade de comentá-los também via Instagram e Whatsapp.

A estratégia de contar com artistas parceiras na pesquisa também foi reformulada no novo projeto: foram convidadas duas pessoas propositoras de outras áreas da Dança, que não são a Dança Contemporânea – Lucas Santana, profissional de Tap Dance (sapateado), e Will Mario, artista do Vogue – que atuaram ao longo de todo o processo de execução.

---

<sup>9</sup> Disponível em: [Daniela Alves - YouTube](#). Acesso em 19/07/2022.

<sup>10</sup> Disponível em: [direção múltipla virtual | Facebook](#). Acesso em 19/07/2022.

A busca por outras formas de se movimentar, bebendo de novas fontes e trilhando por caminhos não corriqueiros era algo que já estava em pauta em minha rotina: naquele ano havia iniciado meus estudos em Vogue, Dança originada nas comunidades LGBTQIA+, negras, latinas e periféricas dos Estados Unidos, dentro da cultura Ballroom, um movimento político que celebra a diversidade de gênero, sexualidade e raça, quebrando padrões relacionados à beleza, feminilidade e masculinidade.

Nas aulas de Vogue, Will Mario procurava não só ensinar a técnica dessa Dança, mas inserir a aluna no contexto da cultura Ballroom, direcionando-os para uma vertente investigativa e implicada. Will incentiva, em suas proposições, a busca por uma persona, um personagem dentro do performer, um fluxo interno a ser seguido para chegar a um novo corpo a partir dos princípios do Vogue. Isso é muito rico no processo de construção de novas corporeidades, novos caminhos para se mover e construir Dança. Além disso, o Vogue enfatiza formas não normativas de feminilidades, usando essa característica, sobretudo, como forma de resistência LGBTQIA+, e isso é um assunto que me interessa muito, por estar em um lugar de mulher, e, portanto, um lugar de ativismo contra a sociedade extremamente machista e patriarcal onde vivemos.

O convite a Lucas Santana também não se ateve somente à sua experiência técnica, junto ao desejo de experimentar o Tap como mais um estímulo ao corpo em busca de novas formas de mover, mas também por sua conduta questionadora e aberta a discussões no âmbito das abordagens contemporâneas em Dança. Além de artista do Tap, Lucas era também mestrando do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O encontro com Lucas já acontecia nas aulas de Dança Contemporânea que eu ministrava na Garagem da Dança, em Florianópolis, onde ele também era professor, assim, a parceria já vinha acontecendo e se estendeu com a aprovação deste novo projeto pelo Edital.

Recém iniciadas as práticas com Will Mario e Lucas Santana para a retomada do dispositivo DMV, em março de 2020, o mundo parou devido à crise sanitária do Covid-19. Ou melhor, o mundo dos encontros e fazeres presenciais parou para dar lugar à efervescência do ambiente digital. Vinte e quatro horas por dia, artistas e não-artistas dedicaram seu tempo – que, aparentemente, parecia de sobra – para

colocar no mundo virtual os mais diversos tipos de conteúdo, ávidos por uma afetividade que o isolamento social impedia.

Diante de tamanho excesso de produção digital, como encontrar espaço para dar início às minhas postagens relacionadas ao dispositivo DMV? Esse questionamento me perseguiu durante todo o processo da pesquisa nessa nova fase, já que o exagero de informações nas redes sociais continuou sendo um problema cada vez mais visível para mim. Posteriormente, ao frequentar o curso de Helena Katz O Ano que vem chegou<sup>11</sup> – sobre o qual falarei mais na parte 2 deste trabalho –, acordei para o fato de que as redes sociais são, na verdade, redes antissociais (Vaidhyanathan, 2018 apud Buturoiu, (2020), pois fortalecem – contrariamente ao que parece – hábitos cognitivos avessos ao senso de coletividade.

Por outro lado, o ambiente virtual ainda me parecia ser um lugar satisfatório para proporcionar o alargamento de diálogos no sentido de aproximar a Dança de questões políticas e transformadoras da sociedade, intensificando o potencial de existência da pessoa artista e fortalecendo a Dança como área de conhecimento, uma vez que facilita o processo colaborativo e interativo devido ao alcance da Internet.

De todo o modo, o atravessamento das bolhas que existem no mundo virtual e não-virtual continuou sendo um desejo durante todo o percurso da pesquisa.

Ao longo de 2020, mantive os encontros virtuais com Lucas e Will – e raros momentos presenciais, no final do ano, ao ar livre, com distanciamento e uso de máscara – a fim de fomentar minha pesquisa corporal e construir o conteúdo programático da imersão Corpo Infinito – conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea, que era mais uma dentre várias ações do projeto a ser oferecida para estudantes e profissionais da Dança mediante inscrição e seleção, para instigar as investigações das pessoas participantes, além de servir como estímulo para minha pesquisa também.

As práticas fundamentadas em princípios do Vogue e do Tap, junto à minha proposta de treinamento físico-expressivo Corpo Infinito – sobre a qual falarei mais adiante, na parte 2 deste trabalho –, funcionaram como estímulo inventivos na

---

<sup>11</sup> Curso oferecido pela Plataforma Triz, que emaranha filosofia, sociologia, antropologia, ciências cognitivas, artes e muitos outros campos de conhecimento, para sair da superfície e aprofundar as reflexões, acerca do nosso contexto sócio-político-econômico atual. Disponível em: [Início | Plataforma Triz](#). Acesso em 25/10/2022.

elaboração dos videoexperimentos compartilhados, ainda que tenham sido consideravelmente afetadas pela condição social do momento.

Além da iniciação da pesquisa para a futura composição de um novo trabalho solo utilizando o dispositivo DMV e a Imersão em Dança, com este prêmio, realizamos também a concessão de bolsas a 2 pessoas participantes das oficinas a fim de desenvolverem suas pesquisas, mediante apresentação de propostas; a produção de 2 videodanças das 2 pessoas bolsistas; a oficina online e gratuita Corpo Infinito, ministrada por mim; e uma Mostra de Processos no formato de Live, no modo online, com mostra de vídeos resultantes das pesquisas das bolsistas (videodanças) e bate-papo ao vivo entre artistas, bolsistas e público, com entrada franca<sup>12</sup>. Essas ações aconteceram ao longo de todo o ano de 2021.

Cansaço, incerteza, desânimo, tristeza, desastre, morte, governo genocida: esse era o contexto do Brasil quando me surgiu a oportunidade de ingressar no Programa de Mestrado Profissional da Universidade Federal da Bahia (Prodan/UFBA), algo que antes parecia muito mais distante pra quem tem uma vida enraizada em Florianópolis/SC, pois agora haveria a possibilidade de participar no modo online – ainda que isso não fosse totalmente certo naquela ocasião.

Nesse paradoxo, surgia mais uma oportunidade de potencialização do dispositivo DMV, que seria complexificado por elementos conceituais e sistematizadores propiciados pela perspectiva da pesquisa acadêmica.

Iniciei o Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da UFBA (PRODAN) no semestre de 2021.1, juntamente com as ações do Projeto DMV – continuidade, cujo prazo foi estendido devido ao isolamento social até o final desse ano.

Durante esse período, criei os trabalhos videoexperimento (A) e videoexperimento (B), oriundos do Projeto DMV – continuidade e do Mestrado Profissional, apresentados na parte 2 deste trabalho como produtos artísticos do programa de pós-graduação Prodan/UFBA.

Após a finalização do projeto DMV – continuidade, inscrevi outra proposta para seguir com a pesquisa, dessa vez dando ênfase aos estudos em Vogue, especificamente o Vogue Femme, vertente que se expressa com uma feminilidade exagerada e enérgica, com tom de enfrentamento e deboche bem-humorado. No

---

<sup>12</sup> Disponível em: [LIVE - Projeto DMV Continuidade](#). Acesso em 13/05/2023.

final de 2021, foi aprovado o projeto de experimentação artística DMV - Woman's Performance<sup>13</sup> pelo Edital Emergencial Aldir Blanc em Santa Catarina<sup>14</sup>.

A continuidade da pesquisa se deu a partir de duas estratégias principais: 1) elaboração de novos videoexperimentos, e decorrentes colaborações virtuais; 2) potencialização da pesquisa corporal com o Vogue, contando com a participação de duas pessoas artistas da área, Will Mario e Izhy Silveira, líderes da primeira casa de Vogue do Sul do Brasil, a Casa das Feiticeiras.

A colaboração artística de Will e Izhy ocorreu tanto por meio de encontros semanais direcionados para a técnica de Vogue, quanto por meio da minha participação nos treinos da Casa das Feiticeiras, com a qual contribuí propondo às integrantes ações de corpo que fizeram parte da minha formação na área de Dança Contemporânea. Em troca, pude me aproximar da cultura Ballroom e de novos olhares acerca da ideia de corpo de mulher, buscando quebrar padrões relacionados à beleza, feminilidade e masculinidade e trabalhar novas corporeidades nesse sentido.

Durante o período de execução do projeto DMV - Woman's Performance, de janeiro a abril de 2022, foram produzidos os videoexperimento (C), o videoexperimento (D), o videoexperimento (C) com audiodescrição e o videoexperimento (D) com audiodescrição.

Os seis videoexperimentos mencionados se referem aos produtos artísticos gerados pelos projetos DMV – continuidade e DMV - Woman's Performance e pela minha pesquisa no programa de mestrado profissional em Dança da UFBA, apresentados na parte 2 deste trabalho.

O Prodan/UFBA, com seu programa voltado para a prática, traz a oportunidade de potencializar ainda mais minha pesquisa com o dispositivo DMV, que, neste momento, amparada por elementos que complexificam meu entendimento acerca de meu próprio trabalho, situa o DMV como uma obra-dispositivo, termo sobre o qual falarei adiante e que se refere a uma obra que se faz no fazer, que se realiza como obra já no processo de feitura, e não apenas quando atinge uma forma que satisfaça a configuração de obra acabada.

---

<sup>13</sup> Woman's Performance é a categoria de mulheres cis nas batalhas de Vogue, as chamadas Balls.

<sup>14</sup> Como resultado do projeto, entreguei, à Fundação Catarinense de Cultura, um memorial em vídeo resumindo as ações realizadas, disponível em: [Memorial Projeto DMV - Woman's Performance](#). Acesso em 29/08/2022.

Essa realização como obra no processo se dá por conta da colaboração de pessoas interessadas em interagir, e, assim, construir novas corporeidades e dramaturgias em Dança, ampliando a discussão acerca do corpo na contemporaneidade, com ênfase em aspectos políticos, sociais e culturais.

O caráter colaborativo confere à obra a possibilidade de ampliar essa discussão, já que todas as pessoas estão convidadas a participar do processo em que a obra ocorre, independentemente de estarem ligadas às Artes ou à Dança. Da mesma forma, o fato de ocorrer no ambiente virtual também contribui com o alargamento desse debate, uma vez que a Internet ultrapassa as barreiras geográficas.

Essa conversa sobre o corpo contemporâneo, a partir do entendimento de seu significado e potência, ocorre especificamente no âmbito do corpo de mulher, que é uma peculiaridade evidente do corpo que está em cena, nas proposições corporais postadas em vídeo. A ressignificação do corpo de mulher na sociedade atual é um assunto emergente e necessário, visto que surge de séculos de opressão e crueldade que perdura em nossa cultura estruturada no patriarcado e no machismo.

Acredito que a construção e a difusão de novas corporeidades dentro dessa cultura deve contribuir significativamente com avanços na percepção do que é esse corpo contemporâneo e, conseqüentemente, na modificação de condutas hegemônicas da sociedade que tendem a depreciar e hostilizar a existência desses corpos.

Tornar esse diálogo interessante para o público em geral – especialmente diante de contextos e sujeitos que não transitam em meios produtores de Arte contemporânea –, é uma provocação com a qual me defronto e me instigo, ao reconhecer que a manifestação do Feminismo como atitude transformadora da sociedade é algo de extrema importância.

Ainda, desenvolver novas dramaturgias em Dança, contando com um fazer artístico que é dilatado ao convidar as pessoas espectadoras a contribuírem na composição, é um procedimento metodológico que ocorre no sentido de impactar os modos de pensar o corpo e, conseqüentemente, a sociedade.

Por fim, aproximar a Dança de questões políticas e transformadoras da sociedade, dispondo de novas formas de desenvolver processos artísticos, no lugar de reafirmar a ideia arcaica de que a Dança opera unicamente no campo do lazer e

do bem-estar, é uma atitude que fortalece a Dança como área de conhecimento, o que ocorre também a partir da reflexão teórica acerca da experiência de uso do dispositivo DMV e decorrente publicação de material textual sobre a metodologia desse dispositivo.

## 1. DMV: DISPOSITIVO DE COMPOSIÇÃO EM DANÇA INTERATIVA E PROCESSUAL

Enquanto na primeira fase de utilização do DMV – que ocorreu de 2013 a 2014 –, o propósito principal do dispositivo era a composição de um solo de Dança, nesta nova fase, marcada pelos estudos no Prodan, a ênfase passa a ser no próprio processo interativo que ocorre no diálogo entre artista e público.



**Figura 1:** Espetáculo Direção Múltipla (2014), produto da primeira fase de uso do dispositivo DMV. Imagem para divulgação de estreia do trabalho.  
Foto: Caio Cezar.





**Figura 2:** Espetáculo Direção Múltipla. Apresentação realizada no Festival Múltipla Dança 2015.  
Foto: Cristiano Prim.

O foco do trabalho na interação, em vez de priorizar a construção de um solo de Dança, demonstra uma característica ainda mais potente nesse dispositivo: a realização da obra no próprio ato de fazer, ou seja, os elementos que compõem o processo já são a obra em si, e não apenas passos a serem dados para que a obra seja consumada, posteriormente, no formato de um trabalho solo.

Ao longo desse percurso formativo, portanto, começo a entender o DMV para além de um dispositivo de composição de um trabalho solo – estabilizado em uma forma amplamente reconhecida como obra –, mas como um dispositivo poético para a composição de um ato artístico que se dá com o exercício do olhar direcionado por parte das pessoas colaboradoras virtuais – ao mesmo tempo que funciona como um treino do olhar também para mim, quando recebo os comentários e passo a me perceber de outra forma. Assim, o valor do ato artístico passa a levar em consideração mais o que ocorre no ambiente/contexto e os sujeitos ali presentes, bem como a atuação da artista como mediadora entre arte e ambiente, no lugar de priorizar o feito artístico como obra realizada pela artista com a colaboração dos sujeitos em seu entorno. A partir dessas reflexões, começo a conceber os objetivos da minha pesquisa de uma nova maneira, acionadas pelos aprendizados no Prodan

no sentido de assumir o compromisso de sujeito implicado, que desenvolve a pesquisa em uma abordagem emancipatória, atuante em seu contexto social com base em um pensamento complexo, construído sob a perspectiva da interdisciplinaridade.

Implicar-se é comprometer-se com outrem. É se entender como sujeito pertencente a uma comunidade de sentidos, organizada a partir de valores, e agir a partir da relação com as pessoas dessa comunidade. É proceder tendo como pressuposto que todo sujeito é contextual, que somos corpos coletivizados: somos as pessoas ao nosso redor, e todas as pessoas que vieram antes.

A noção de pesquisa aplicada para o mercado de trabalho é um problema, pois não trabalhamos para o mercado, mas para a sociedade. A hipótese para a solução desse problema é o alargamento da compreensão de pesquisa aplicada em direção a uma concepção de pesquisa implicada, como pressuposto político de produção de conhecimento.

A pesquisa implicada é aquela comprometida com o tecido social, e possui, como eixos estruturantes: 1) sujeitos; 2) contextos; e 3) conhecimentos (Rangel; Aquino; Rocha, 2021, p. 668).

A ideia de sujeito proposta pela pesquisa implicada se refere ao sujeito sociológico, colocada por Stuart Hall (2000): um sujeito cuja identidade é construída na sua relação com a sociedade – uma identidade que é cambiante, móvel, transformada continuamente. A identificação, portanto, não é automática, pode ser ganhada ou perdida, assim, tornou-se politizada (Hall, 2000, p.21). Esse sujeito sociológico é representativo de um grupo que compõe o tecido social, dessa forma, é mediador de questões humanas, culturais, educacionais. Como sujeito social pertencente a um grupo de artistas da Dança que visa colapsar com modelos hegemônicos de fazer artístico, busco, com meu trabalho, fortalecer o pensamento em Dança no sentido de colocar no mundo novas corporeidades e proporcionar novas discussões acerca do corpo na contemporaneidade, convidando o público para um olhar mais atento e crítico em relação ao corpo e tudo o que o compõe.

Já a noção de contextos se relaciona com o pensamento de Milton Santos (2000; 2002) de que todo conhecimento é contextual, e que a identidade se dá ao fazer parte daquilo que nos pertence. A ideia de pertencimento é fundamental no desenvolvimento das pesquisas no Prodan, entendendo que o território é não só o chão, mas também a população (Santos, 2000, p.47).

Tendo em vista a ideia de sujeito sociológico, contextual, e, portanto, implicado, segui a proposta de nomear qual é o grupo social e qual é o contexto da pesquisa, buscando entender as pessoas inseridas nesse lugar. O trabalho com o DMV se inicia em um ambiente pouco generoso com os estudos contemporâneos em Dança – Florianópolis, onde nasci e me desenvolvi como artista da Dança – e se expande para onde as leis dos algoritmos das redes sociais permitam, ou seja, ainda que as barreiras geográficas derrubadas pela Internet possam levar adiante a proposta de Dança criada pelo dispositivo DMV, prevalece no mundo virtual um contexto de midiatização das artes e de conteúdos criativos, com o qual me deparo em uma situação de embate, de antfluxo, buscando quebrar com lógicas mercadológicas acerca da Arte e da Dança.

Outro eixo estruturante da pesquisa implicada se refere aos conhecimentos, no sentido de proporcionar a transformação social sob uma perspectiva emancipatória, como aponta o autor Boaventura de Souza Santos (1989; 2011). Segundo essa perspectiva, a arte é vista como modo de conhecer o mundo, a partir de uma racionalidade estético-expressiva (Santos, 2006) – que preza pela construção de autoria, dimensão estética dos discursos e valorização do prazer – frente à racionalidade cognitivo-instrumental e prático-moral.

Sendo assim, o conhecimento regulador, capitalista, duro e fechado é convertido em uma ideia de conhecimento humanista, emancipatório, transformador, solidário, ou seja, um conhecimento científico-social (Rangel; Aquino; Rocha, 2021, p. 670), que é uma expansão da teoria científica, conectando-se com a teoria crítica pós-moderna.

Portanto, a pesquisa implicada é um posicionamento político, não um método, e pressupõe a capacidade de intervir no ambiente por meio de vínculos, pertencimento e afirmação de referências e pensamentos. Ela se dá dentro de uma situação crítica, que suscita uma visão crítica, ocasionando uma tomada de consciência, e, por fim, uma tomada de posição.

Esse posicionamento, nesta pesquisa, ocorre ao construir ações e estéticas que “desobedecem” ao padrão vigente da Dança, com a atitude experimental da artista e a colaboração do público na feitura da obra, o que ocasiona na quebra com modelos em vigor e a potencialização dos modos de criar Dança: ao buscar uma estética própria e inovadora, que procura se livrar dos arquétipos instalados em

nossa cultura, essa Dança vai contra o enrijecimento dos conceitos sobre corpo e existência.

Partindo da ideia de sujeito implicado, a própria poética do dispositivo passa a ser o foco da pesquisa e da composição, enquanto que as demais temáticas e procedimentos que surgem no decorrer do processo são vistas como atravessamentos, também essenciais ao desenvolvimento do trabalho – elementos que modificam a obra juntamente com a aplicabilidade do dispositivo –, sobre os quais falarei na parte 2 deste trabalho, com a análise dos produtos artísticos desenvolvidos.

A poética se refere ao modo de fazer a obra, “não como sistema de regras coercitivas (...), mas como programa operacional que o artista se propõe de cada vez, o projeto de obra a realizar tal como é entendido, explícita ou implicitamente, pelo artista.” (Eco, 1968, p.24). No caso do DMV, esse programa de como fazer a obra privilegia a aparição de algo que já denota um feito artístico prévio, que ocorre no momento em que a pessoa colaboradora se detém à proposição em vídeo oferecida por mim e assim elabora sua resposta em texto, de forma subjetiva, sensível, autêntica, e, portanto, poética.

No jogo proposto pela artista, a obra é consumada no ato da interação com quem se dispõe a participar, o que, tal como o conceito de Obra Aberta, de Umberto Eco (1968), coloca “ênfase nos processos interativos entre a obra e o receptor na interpretação” (Misi, 2010, p.64), em detrimento da supervalorização do que seria chamado de resultado ou produto do processo, ou ainda, “a obra em si”, como é comumente considerada. Diferente do que reina no senso comum, Eco defende que “uma obra é ao mesmo tempo o esboço do que pretendia ser e do que é de fato, ainda que os dois valores não coincidam” (Eco, 1968, p. 25).

Essa ideia de coexistência do esboço da obra e da obra acabada em uma mesma forma – denominada “obra” – se conecta com o modo de existir do dispositivo DMV, cujo modo operante é um eterno vir a ser: o trabalho está sempre em construção, em um infundável processo, baseado em perguntas e respostas, criando construções temporárias que se materializam dentro de um formato audiovisual, o qual funciona como um novo dispositivo para que a pergunta seja feita novamente, e assim alimentar a razão de ser da obra.

De acordo com Luigi Pareyson,

se é verdade que a forma existe somente quando o processo está acabado, como resultado de uma atividade que a inventa no próprio ato que a executa, é também verdade que a forma age como formante, antes ainda de existir como formada, oferecendo-se à adivinhação do artista, e, por isso, solicitando seus eficazes presságios e dirigindo as suas operações. Com base nesta *dialética de forma formante e forma formada* a obra de arte tem a misteriosa prerrogativa de ser ao mesmo tempo lei e resultado da sua formação, isto é, de existir como conclusão de um processo estimulado, promovido e dirigido por ela. (Pareyson, 1997, p.188)

Sendo assim, no modo de composição operado pelo DMV, todo o processo – que abarca a exposição dos vídeos propositivos, os comentários das colaboradoras, o treino em Dança para a elaboração de novos vídeos, a filmagem, a edição – configura uma forma formante, que fará surgir um novo videoexperimento, configurado como forma formada, que, na verdade, não é exatamente um produto final: é, na verdade, mais um elemento do processo, o qual vai servir como elo para a continuidade do eterno processo, que poderá ou não fazer surgir um solo de Dança, ou outra configuração similarmente estabilizada.

Nessa lógica de forma formante e forma formada, o DMV se mostra como dispositivo e ao mesmo tempo como obra, caracterizando uma “obra-dispositivo” (Carvalho, 2009, p.29): quando criado, em 2013, o DMV foi anunciado como um instrumento que tem suas regras reguladas conforme o uso; agora, a partir de 2021, após diversas experimentações e ajustes, passou a ser entendido como a própria obra, já que a realização da proposta artística se dá no diálogo entre a proposição da artista (videoexperimento) e a resposta da plateia (pessoas colaboradoras). “Dito de outro modo, o assunto dessa dança é o próprio modo como ela é gerida e atravessada pelas múltiplas relações intersubjetivas.” (Siedler, 2016, p. 57)

Dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (Agamben, 2005, p.13). De forma mais simples, considero aqui dispositivo como um mecanismo ou artefato colocado para dar início a uma ação, ou ainda, um artefato ou organização destinada a obtenção de certo fim, ao desenvolvimento de determinadas ações, a partir de prescrição, preceito, ou orientação.

Na arte contemporânea, dispositivos passam a funcionar como “ativadores de novas experiências” e “quando a experiência da obra importa mais do que a obra em si, quando os dispositivos perturbam os modelos conhecidos de observação, novos papéis são atribuídos às imagens e aos observadores” (Carvalho, 2009, p.29).

Nas obras-dispositivos, as fronteiras que separam e definem cada dispositivo são borradas – no caso, a Dança, o vídeo, a palavra – assim como a forma que são recebidas pelo público, “delegando ao observador a tarefa de estabelecer seu próprio percurso pela obra” (*Ibid.*, p.29), de modo que é outorgado a ele a tarefa coletiva de dar sentido ao que foi posto.

Sendo assim, o DMV pode ser considerado, dentro do conceito de Obra Aberta, como uma “obra em movimento”, que se caracteriza “pelo convite a *fazer a obra* com o autor (Eco, 1968, p. 63), e que

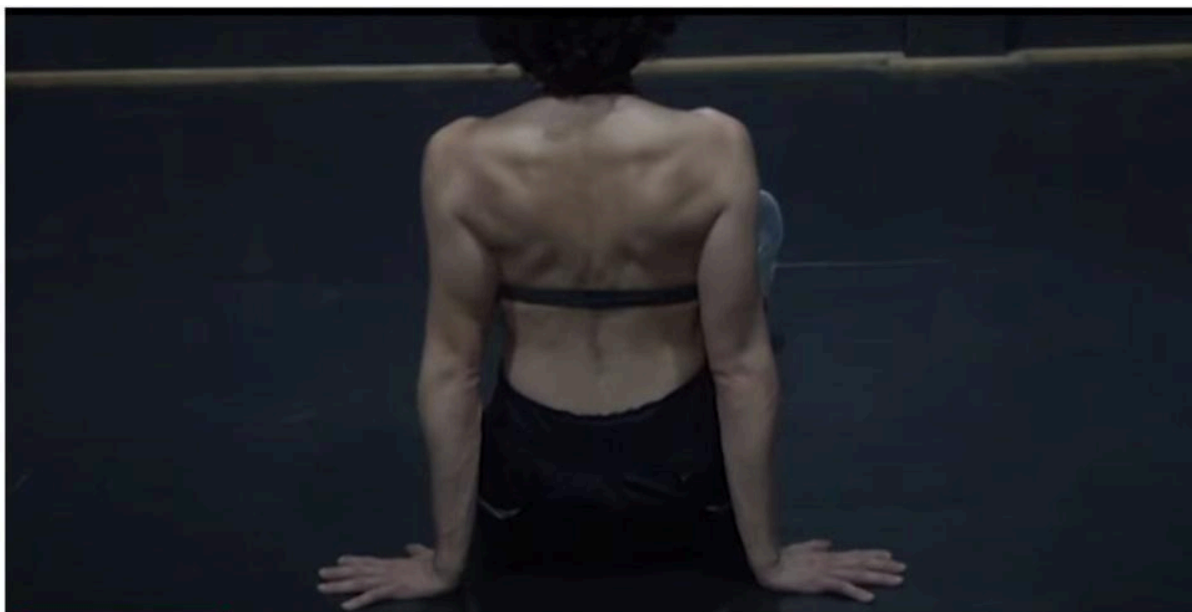
é possibilidade de uma multiplicidade de intervenções pessoais, mas não é convite amorfo à intervenção indiscriminada: é o convite não necessário nem unívoco à intervenção orientada, a nos inserirmos livremente num mundo que, contudo, é sempre aquele desejado pelo autor. O autor oferece, em suma, ao fruidor uma obra a *acabar*: não sabe exatamente de que maneira a obra poderá ser levada a termo, mas sabe que a obra levada a termo será, sempre e apesar de tudo, a *sua* obra, não outra, e que ao terminar o diálogo interpretativo ter-se-á concretizado uma forma que é a *sua* forma, ainda que organizada por outra de um modo que não podia prever completamente: pois ele, substancialmente, havia proposto algumas possibilidades já racionalmente organizadas, orientadas e dotadas de exigências orgânicas de desenvolvimento. (Eco, 1962, p. 62)

Ao oferecer ao público uma obra a acabar, evidencio “um modo de pensar-fazer que configura uma dança transitória” (Siedler, 2016, p.45) em que a proposta artística pode ser ser expandida, retomada, ressignificada, reformulada a qualquer instante, operando conforme a situação em que ocorre, a fim de criar “uma dança engendrada em um fluxo de constantes atualizações das escolhas dos modos de organização das informações que configuram provisoriamente a dança, de maneira que cada apresentação é a resultante transitória de soluções possíveis”. (*Ibid.*, p. 50)

Essa obra inacabada, a acabar com a colaboração das pessoas que se dispõem a intervir, em um trânsito contínuo que configura um eterno vir a ser, ou um vir a ser já sendo, é levada a cabo em cada ato do processo: o próprio acontecimento que antecede o que virá a ser – aquilo que ocorre na interação entre obra, artista e público – já é o acontecimento artístico, de modo que “a obra no seu *acabamento* não é, portanto, separável do processo da sua formação, porque é, antes, este mesmo processo visto no seu *acabamento*.” (Pareyson, 1997, p.197)

Na dinâmica de composição com o dispositivo DMV, o acabamento – inseparável do processo – ocorre em formas temporárias materializadas em

videoexperimentos, criados com o propósito de interagir com as pessoas convidadas a fazer a obra junto. É na interação, portanto, que a obra-dispositivo se realiza, cumprindo sua razão de existir.



Vejo um corpo que ao mesmo tempo em que busca se entregar ao chão, a ele resiste. É sua a iniciativa de se aproximar do solo, e num primeiro momento de forma bastante suave e passiva. Porém, vai se estabelecendo uma tensão, que gradativamente aumenta. O corpo se mantém neste conflito, construindo e desfazendo seus apoios, buscando maneiras de simultaneamente se aproximar e se afastar do chão. Poderia ver isto por muito tempo, mas a entrega no final me gera uma frustração.

**Figura 3:** Frame do experimento 1 – primeiro videoexperimento do projeto DMV, em sua fase inicial (2013) – e comentário de colaboradora virtual no Facebook (captura de tela)<sup>15</sup>

Interação é a “influência recíproca de dois ou mais elementos”, ou ainda, de acordo com a Psicologia, é um “fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituir-se em grupo, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro”<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Montagem a partir de imagens capturadas do grupo direção múltipla virtual, do Facebook, disponível em [direção múltipla virtual](#), e do canal de Daniela Alves no Youtube, disponível em: [direção múltipla virtual - daniela alves - experimento 1](#). Acesso em 25/07/2023.

<sup>16</sup> "Interação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, disponível em: [interação - Dicionário Online Priberam de Português](#). Acesso em 26/04/2023.

Já interatividade é um termo da Informática que se refere à “faculdade de permuta entre o usuário de um sistema informático e a máquina, por meio de um terminal dotado de um ecrã de visualização.”<sup>17</sup>

Nas Artes, o termo Interatividade “geralmente se refere às instalações multimídia e ambientes que envolvem interfaces eletrônicas ou computacionais” (Birringer, 2021, p.106), que “são caracterizadas não só pelos pontos de contato e interação entre uma máquina e o ambiente físico ou digital, mas também por estratégias artísticas usadas para envolver o público em um diálogo”. (Negroponte, 1970 *apud* Birringer, 2021, p.106)

Entretanto, o conceito de Interatividade nas Artes não se refere apenas a trabalhos artísticos que se utilizam, diretamente, da tecnologia digital, mas àqueles “que têm em comum o desejo de socializar a arte e de aproximá-la à vida prática” (Misi, 2016, p. 28), e que buscam “valorizar a experiência tanto do público como do artista na ação performática” e “proporcionar aos participantes uma vivência, que abrange, além da contemplação, a relação do sujeito com o mundo que o cerca”.(Ibid, p. 45)

Assim, entendo o DMV como um dispositivo tanto interativo quanto interacional, já que se dá tanto com a troca entre pessoa e máquina quanto com o compartilhamento de informações entre pessoas – por meio da máquina. Diria, ainda, que, dentre ambos os termos, a interação é ainda mais presente, pois é ela justamente o ponto de realização da referida obra-dispositivo: no momento que ocorre a interação entre artista e pessoa colaboradora é que o propósito do dispositivo é levado a cabo, ou seja, o trabalho artístico se dá na relação.

Assim, o dispositivo DMV é uma proposta de arte relacional, pois opera em um horizonte prático e teórico, que é “a esfera das relações humanas”, lida “com os modos de intercâmbio social, a interação com o espectador dentro da experiência estética proposta, os processos de comunicação enquanto instrumentos concretos para interligar pessoas e grupos.” (Bourriaud, 2009, p. 20)

---

<sup>17</sup> Interatividade”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, disponível em: [interatividade - Dicionário Online Priberam de Português](#). Acesso em 26/04/2023.



Privilegiar a produção de relações inter-humanas tendo o fazer artístico como pressuposto é uma tentativa de deslocar o lugar da arte, da pessoa artista e do público, a fim de enaltecer o fenômeno artístico como algo trivial no sentido de ser inerente ao comportamento humano. De acordo com Fernanda Gomes (2008), baseado no pensamento de Diana Domingues (2002), proporcionar essa interação no ambiente virtual

evidencia que a tecnologia está a serviço da arte na cultura das redes, desencadeando processos de diálogo através de dispositivos de comunicação que permitem a interação dinâmica da experiência artística, propondo a participação, o diálogo, a colaboração entre parceiros. Por meio das redes verificam-se trocas imediatas, a arte circula no planeta e os computadores e as telecomunicações ganham dimensões artísticas. O artista, então, se coloca a favor de uma criação distribuída. Não é mais o autor único de uma “obra” e sua proposta assume intensamente uma função comunicacional em fronteiras compartilhadas pelo autor e pelos participantes. (Gomes, 2008, p.11)

Essa função comunicacional é que confere ao dispositivo DMV uma estética relacional, em que interação e interatividade são ferramentas para elaboração de novas dramaturgias e corporeidades em Dança, mediada pelo exercício da expansão do campo perceptivo, que ocorre quando chamo o público para um olhar mais aproximado, em que direciono a percepção de quem vê, proporcionando uma prática de aguçar sentidos para perceber a Dança em sua complexidade, a partir do simples ato de ver com atenção e verbalizar o que se vê e o que se sente ao ver.

Quando me surgiu a ideia de inventar um dispositivo de composição em Dança que funciona a partir do olhar de pessoas dispostas a colaborar com meu processo criativo, já vislumbrava que a utilização de tal artefato moveria não só a mim mesma, mas também a essas pessoas que me presenteavam com suas percepções.

A ideia principal da proposta é me deixar afetar pelas respostas dessas pessoas colaboradoras acerca do corpo e movimentos que proponho nos vídeos; entretanto, ao gentilmente compartilharem comigo suas sensações e impressões sobre o que viram e ouviram através da tela e dos autôfalantes de seus computadores, estão, na verdade, fazendo uma reflexão de si mesmas, como se tivessem também realizado aquela Dança, com seus olhares perpassados por toda a matéria que compõe seus corpos – incluindo todas as informações eletroquímicas, as memórias, as subjetividades.

Isso se deve ao fato de que “a visão é uma sensação modelada pelo reconhecimento e pela hierarquia cerebrais, pela memória e pelos outros sentidos” (Meyer, 2002 p. 40), ou seja, aquilo que as colaboradoras virtuais dizem ver é atravessado por suas experiências e afinidades, e por toda a complexidade que cada ser apresenta, por ser específico, singular. Além disso, para que o corpo execute o ato perceptivo, os sentidos se comunicam, em um emaranhado de informações que, em seguida, ultrapassam a noção de o que está sendo visto para o que está sendo produzido na pessoa quando ela vê.

A proposta do DMV é coletar pareceres com base em um olhar investigativo, não necessariamente especializado: o convite para participar é direcionado ao público em geral, inclusive pessoas leigas em Dança. O questionamento “o que você sente?” confirma essa abertura a algo além de um olhar crítico ou de uma percepção mais elaborada, e abre um convite para que a percepção exceda e se qualifique como sensação, pensamento, impressão, metaforização, ideia.

Quando as pessoas são convidadas a colaborar com o meu processo utilizando o dispositivo DMV, estão sendo convocadas sobretudo a praticar um exercício de ampliação de seu campo perceptivo, de modo a sofisticar suas maneiras de assimilar as coisas do mundo, e, portanto, aumentar também os modos de percebê-las.

Mesmo com a multiplicidade de feitos do mundo contemporâneo em direção à existência de corpos e pensamentos não-universais, prezando pela singularidade e especificidade das pessoas e suas formas de se expressarem na sociedade, ainda percebemos uma ideia hegemônica de mundo e de Dança pautada em centralidade, distribuição, verticalidade, equilíbrio, leveza e sucessão de passos atados à música.

Colocar no mundo uma Dança que quebra com modelos hegemônicos é algo que vai ao encontro de um posicionamento político por um mundo menos obsoleto e hostil. Chamar as pessoas para atuarem como colaboradoras dessa Dança e enfatizar o processo em detrimento do resultado é uma tentativa de propiciar o exercício de treinar modos de perceber a Dança e o corpo e assim ampliar formas de se posicionar socialmente.

O modo de existir do dispositivo DMV, portanto, propõe “o atravessamento de lógicas operativas midiáticas, em ambiências digitais de convergências midiáticas” e faz parte de uma gama de trabalhos os quais “são provocações artísticas que

constituem práticas comunicacionais de resistência a certas forças reguladoras contemporâneas.” (Siedler, 2016, p. 45).

A Dança criada com dispositivo DMV, então, procura se distanciar de arquétipos enrijecidos sobre corpo e existência, trazendo a noção de incerteza, experimentação, inacabamento nos processos criativos e autenticidade na maneira de se mover e se expressar. É ainda uma proposta de desestabilização dos formatos habituais de conteúdo das redes sociais, ao convocar a pessoa usuária a se demorar um pouco mais na imagem de modo a elaborar uma fala a partir do que viu para atuar como colaboradora em uma criação artística.

## 2. PRODUTOS ARTÍSTICOS: CONFIGURAÇÕES TEMPORÁRIAS MATERIALIZADAS EM VIDEODANÇAS E SEUS ATRAVESSAMENTOS

Estou em uma sala de Dança, chão de madeira, espelho na parede ao meu lado, uma porta de madeira no outro lado, e uma parede branca atrás de mim, onde às vezes aparece o reflexo da janela iluminada de sol. Minha posição espacial é frontalizada em relação à câmera fixa, que capta, na maior parte do tempo, o corpo inteiro de pé. Estou vestindo uma roupa de ficar em casa, short e blusa regata, malha bem solta, tipo pijama, pés descalços, descabelada. Começo me movendo no ritmo do rock de Led Zeppelin, balançando quadris, braços, cabeça, os pés firmes no chão. A cena corta para uma Dança embalada ao reggae do Sublime, continuo no balanço com ênfase nos quadris e cabeça. Novamente um corte voltando para o rock, cujo ritmo aciona o sacudir do busto. No novo corte, a qualidade de movimento muda abruptamente: ao som de uma balada romântica de Elvis, a ênfase agora é nas mãos que deslizam pelo rosto, cabelos, pescoço, com gestos dramáticos e muito expressivos. Essa dinâmica de cortes continua ao longo do vídeo, oscilando entre ritmos que trazem o balanço do corpo – depois entra também Jimi Hendrix e um beat de Vogue – e a música melodramática que traz o autotoque que vai se tornando mais forte até me provocar o choro.

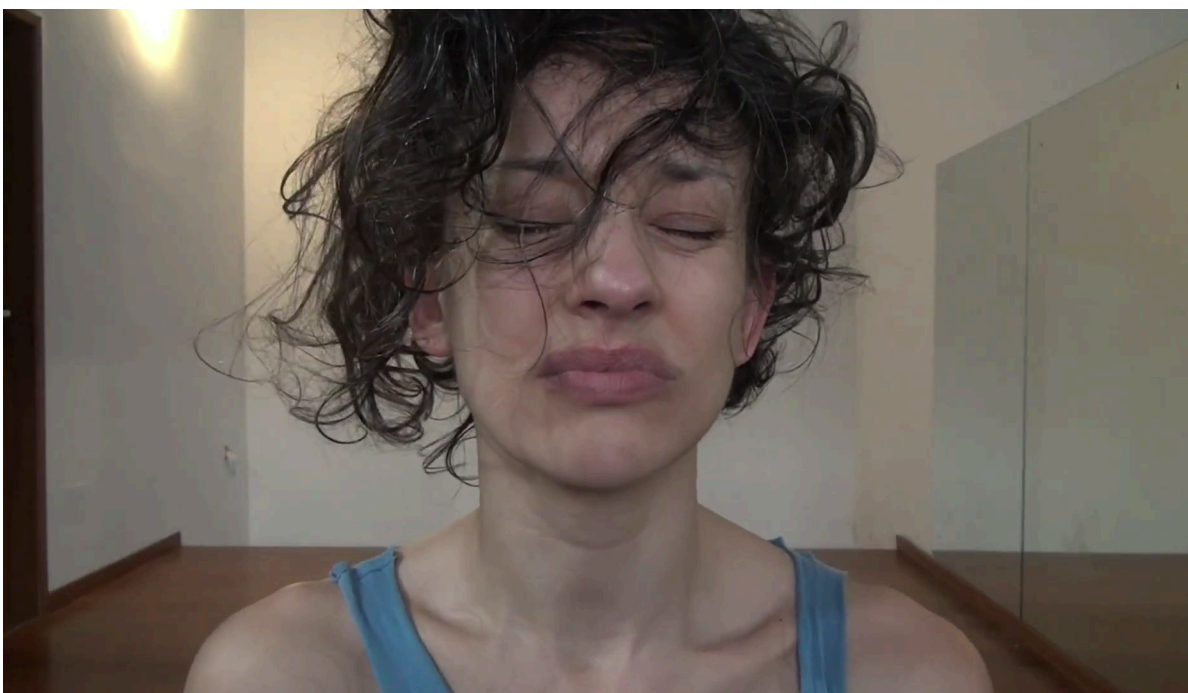


**Figura 4:** Frame do videoexperimento (A)<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Disponível em: [videoexperimento \(A\)](#). Acesso em 25/07/2023.



**Figura 5:** Frame do videoexperimento (A)<sup>19</sup>



**Figura 6:** Frame do videoexperimento (A)<sup>20</sup>

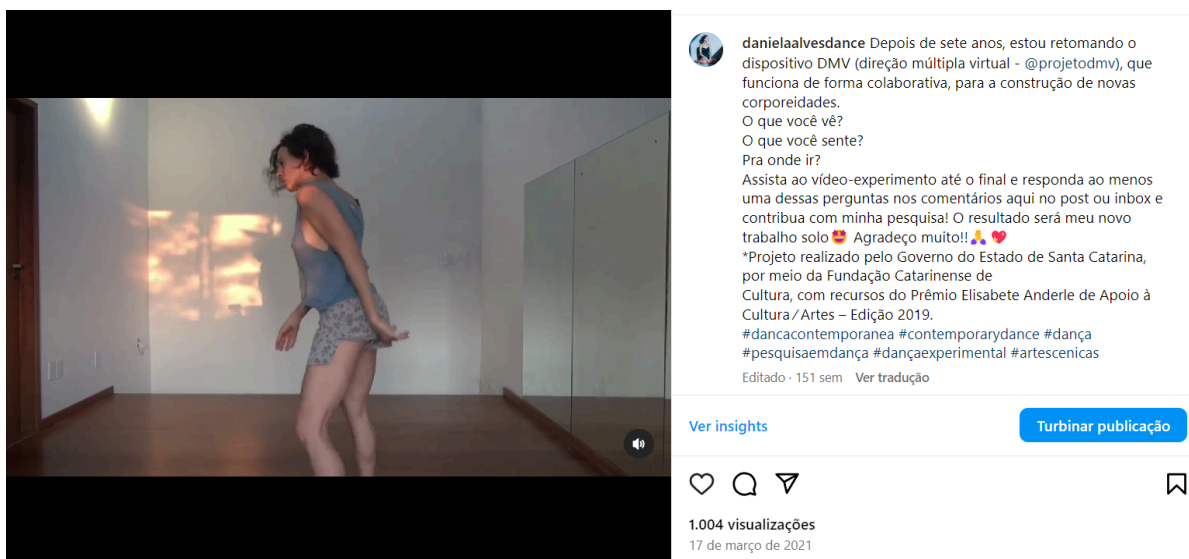
---

<sup>19</sup> Disponível em: [videoexperimento \(A\)](#). Acesso em 25/07/2023.

<sup>20</sup> Disponível em: [videoexperimento \(A\)](#). Acesso em 25/07/2023.

Esse foi o primeiro videoexperimento que produzi nesta nova fase do projeto DMV, postado em março de 2021, que chamei de **videoexperimento (A)**<sup>21</sup>.

A pesquisa de movimento teve a colaboração de Lucas Santana e Will Mario, com quem me reuni virtualmente durante o ano de 2020 para a realização do projeto DMV – continuidade<sup>22</sup>.



**Figura 7:** Primeira postagem desta nova fase do projeto – videoexperimento (A).  
Captura de tela da página do Instagram de Daniela Alves.<sup>23</sup>

Além das artistas convidadas, mais de quarenta pessoas contribuíram com palavras expressando o que viram e o que sentiram ao assistir o vídeo: pelves, soltura, balanço, liberação, claustrofobia, solidão, frustração, ansiedade, euforia, sofrimento, desespero, liberdade, energia, fluidez, poder, entrega, exorcismo, corpo sensitivo, libertação, vontade de dançar junto, vontade de se amar e se tocar sem julgamentos, vontade de chorar junto – entendimentos e impressões variadas sobre a mesma proposição corpo, que abarca “vários corpos: corpo tenso querendo fugir de amarras, meio solto meio preso, corpo enlouquecido, corpo em paz, corpo angustiado, corpo sexualizado.”<sup>24</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: [videoexperimento \(A\)](#). Acesso em 23/08/2023.

<sup>22</sup> Conforme mencionado anteriormente, na página 18 deste trabalho.

<sup>23</sup> Disponível em: [Daniela Alves \(@danielaalvesdance\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em 25/07/2023.

<sup>24</sup> Comentário de uma colaboradora enviado inbox.

A diversidade de pareceres é uma característica marcante na execução do dispositivo DMV, e é curioso como uma mesma partitura corporal tem o potencial de instigar múltiplos olhares que muitas vezes até se contradizem. Isso me leva a pensar que, ainda que o corpo que está sendo exposto de fato contenha as informações percebidas pela pessoa colaboradora, essas informações estão muito mais presentes no corpo que está na posição de quem vê. Assim, essa multiplicidade de percepções acerca da mesma partitura exposta revelam que *falar de outrem é falar de si*.

Uma evidência disso são comentários que demonstram o contexto atual em que o vídeo foi postado:

Claustrofobia... a sensação de ter ficado muito tempo em isolamento. Cheio de energia mas sem onde colocar a energia. Solidão. Necessidade de sair dançando mas sem saída. Frustração e ansiedade.<sup>25</sup>

Eu acordando e me dando conta que tamo do outro lado da vida, o Brasil, o lado da morte.<sup>26</sup>

Dias felizes, acontecem coisas boas, aí daqui a pouco já tô chorando. Já chorei até lendo o jornal.<sup>27</sup>

No final me identifiquei com a emoção de estar presa isolada entre paredes sem contato com o mundo externo... Senti o sofrimento da pandemia ali naquela imagem.<sup>28</sup>

Mesmo que os comentários tenham sido feitos em relação à Dança sobre a qual é questionada, é notória, na fala das colaboradoras, a influência do momento histórico em que estávamos vivendo: o isolamento social devido ao coronavírus e o país sendo governado por uma pessoa que agia com completo desdém ao número exorbitante de mortes. O sentimento de desolação era coletivo, e é observável, em muitos exemplos, que a identificação da pessoa colaboradora com a proposição dançada ocorreu nesse sentido: a desolação está previamente no corpo que fala, acionada pelo corpo que é visto.

<sup>25</sup> Comentário disponível em: [Depois de sete anos, estou retomando o dispositivo DMV \(direção múltipla virtual - @projetodmv\), que funciona de forma colaborativa, para a... | Instagram](#). Acesso em 22/06/2021.

<sup>26</sup> Comentário de uma pessoa colaboradora enviado inbox.

<sup>27</sup> Comentário de uma pessoa colaboradora enviado inbox.

<sup>28</sup> Comentário disponível em: [Projeto DMV - daniela alves \(@projetodmv\) | Instagram](#). Acesso em 22/06/2021.

Outros manifestos de identificação entre corpo observador e corpo observado ocorrem em forma de confissões, como neste valioso retorno que recebi inbox:

(...) são vários momentos diferentes, né? (...) mas acabei me apegando a uma em especial, (...) e é a da música mais calma e mais melosa, onde tens um toque bem mais forte que beira ao exagero (...) eu me encontro naquilo ali, porque esse tipo de ação é algo que eu faço eventualmente em situações de tristeza e carência. E eu entendo o exagero, e as passagens pela boca, e essa sensação é muito maior do que só passar uma mão em si mesmo. É quase que uma auto-satisfação de uma necessidade, uma busca por se satisfazer através do movimento e do toque - e realmente não precisa de uma outra pessoa pra fazer isso, é uma coisa nossa conosco mesmo. A leitura que eu faço com o meu próprio corpo diante dessa ação é que aquilo é necessário, passando pela boca, abrindo a boca, bagunçando o cabelo e negligenciando qualquer sensação esquisita. A emoção e choro do final é, pra mim, o próprio "exorcismo" daquela angústia que tava dentro da gente. É tão íntimo e tão próximo pra mim toda essa performance que só ela me chamou atenção de verdade, e parece que eu consigo sentir o que eu sinto - porque já "performei" de forma semelhante, mas no escurinho e na privacidade do meu quarto, sozinho, pra mim mesmo (kkkkk) e acabava resultando em choro igual ou mesmo em risada descontrolada (mas sempre na presença de lágrimas).

Comentários íntimos como esse reforçam meu entendimento a respeito do dispositivo DMV na direção de funcionar como um espelho, tanto pra quem vê quanto pra quem é visto: *eu me mostro a quem possa se ver em mim, e me mostro para que eu possa me ver*. As contribuições que recebo em forma de palavras sobre o que se vê e o que se sente tanto reforçam entendimentos já existentes em relação à minha Dança, quanto me fazem enxergar informações que estão presentes no corpo que sou, porém, inicialmente, não aparecem para mim. De todo o modo, tanto na reafirmação do que já é quanto na abertura a novos olhares, o pensamento formulado em frases transmitidas pelas colaboradoras sempre proporcionam alguma modificação no que está posto, e essa interferência foi o que sempre me instigou a trabalhar na perspectiva da direção múltipla.

Conforme a Teoria Corpomídia (Katz & Greiner), “ao invés de um recipiente no qual se depositam as informações do mundo, o corpo é um sistema complexo que participa de um fluxo contínuo de trocas com o ambiente” (Katz & Greiner, 2011, p.2). Essa troca implica em uma transformação, uma contaminação nos corpos envolvidos com a informação, essa que pode existir de inúmeras formas – palavras, sons, imagens, afetos, toques, cheiros, luminosidades: toda informação é transformada em corpo. É impossível para o corpo não perceber as múltiplas



informações que o atravessam a todo o momento; da mesma forma, não é possível que elas não sejam incorporadas.

Neste sentido, a partir das perguntas provocativas “o que você vê?” e “o que você sente?”, o dispositivo DMV opera na afetação entre corpo exposto (informações em forma de imagens, sons, gestos, contextos, etc.) e corpo que observa (que contém suas próprias informações e um aparato sensitivo único). Assim se dá a composição: o trabalho se realiza no momento em que as informações contidas na proposição dançada viram corpo (espectador) e colocadas em palavras, que, por sua vez, é transformada em corpo (quem recebe as palavras).

Então, ainda que a terceira pergunta – “para onde devo ir?” – seja explicitamente a questão que irá instigar os caminhos para a composição, quando recebo as respostas descritivas sobre o que a pessoa colaboradora vê e sente, suas palavras imediatamente me contaminam e nesse momento a composição já está sendo afetada, pois todo enunciado é corporificado de forma mais ou menos consciente, de maneira mais ou menos identificável.

O que o dispositivo DMV faz é estimular as pessoas a fazerem o exercício de assistir a uma Dança e colocar em palavras aquilo que percebeu. O intuito inicial é que essas palavras possam me afetar para continuar a composição, entretanto o trabalho do dispositivo já está feito nessa troca que ocorre no assistir e comentar.

Essas reflexões vieram ao longo dessa nova fase de experimentação do DMV, fomentadas pelos estudos no Prodan/UFBA, que me fizeram concebê-lo como um dispositivo de composição no sentido de contribuir não só com minha Dança, mas também com a Dança que emerge das palavras proferidas pelas pessoas colaboradoras, a partir desse exercício de fazer a Dança com os seus olhares. Assim, a ideia de “obra” é dilatada para além do que é criado pela artista: todos os elementos compõem a obra, inclusive aqueles que aparentemente são descartáveis, que não afetam significativamente a composição ou que não funcionam, pois a obra se dá em cada interação com cada participante.

Ao tentar corporificar em Dança os direcionamentos dados pela pessoa colaboradora, por exemplo, o resultado em vídeo pode desvirtuar um caminho desejável, compondo uma partitura que não me satisfaz esteticamente e que provavelmente será desconsiderada da linha dramática que pretende ser seguida nas próximas proposições. Foi o que ocorreu com o **videoexperimento (B)**<sup>29</sup>, criado

---

<sup>29</sup> Disponível em: [videoexperimento \(B\)](#). Acesso em 24/08/2023.

a partir dos comentários relacionados ao vídeo anterior. Ainda assim, está feita a obra com essas ações de mostrar, ver, comentar, sugerir, acatar sugestões, mostrar novamente, e dar continuidade a esse “eterno vir a ser” que é a obra-dispositivo DMV.

Às vezes a minha vontade pode ser de mais exagero, mais ainda, a ponto daquilo ser quase "inexecutável", de beirar o limite, de quase "exorcizar" por completo a angústia (ou qualquer que seja o sentimento) de dentro de si.

Pra fora. Pra baixo. Pra cima. Pra dentro.

Tenho vontade de ir ao meu encontro, em um lugar sozinha, onde talvez possa fazer esse mesmo movimento de expressão.

Para qualquer lugar.

Penso em liberdade.

Não ir a lugar nenhum pois esse lugar é dentro de si mesma.

Rumo ao sucesso!

Ir pra onde der vontade.

Talvez rumar pra ampliação dos movimentos.

Quem sabe, algum deslocamento, ou apenas ampliar no mesmo ponto, com pés fincados no chão.

Sugiro experimentações com outros ritmos.

Sugiro um vídeo onde você se afete por uma música que está no seu fone de ouvidos (...)

Por que não esquecer da câmera?

Prefiro muito mais sem música.

Tire a música pra mim e colocar só pra vc – já q ela te move.

Ai a música... Não quero “ver” a música...

Não sei... Deixa fluir...

Ir mais além em si mesma. Mergulhar nessa dança, nessa Dani.<sup>30</sup>

Esses foram alguns dos comentários em relação ao videoexperimento (A) que me conduziram “para onde ir” na pesquisa de movimento. Seguindo a sugestão, coloquei os fones de ouvido sem fio e voltei a balançar o corpo em gestos ritmados, conforme a música que eu ouvia, intercalando com movimentos estimulados por

---

<sup>30</sup> Compilação de comentários a respeito do videoexperimento (A), disponível em: [videoexperimento \(A\) - colaboração](#). Acesso em 23/05/2023.

sonoridades mais melodramáticas, com esquema de edição similar ao vídeo anterior, bem como as escolhas dos gêneros musicais. Ainda assim, parece que a qualidade de movimento e a ausência da música, que deu lugar a sons do corpo – como suspiros, respiração, gritos, e batida do corpo no chão –, fizeram surgir percepções bem diferentes da proposição que o antecedeu: enquanto no primeiro prevaleceu, conforme a maioria dos comentários, a ideia de *corpo entregue se libertando*, no segundo experimento apareceu mais a noção de *corpo aprisionado tentando se libertar*.

Repetição, sofrimento, exaustão, esgotamento físico e mental, desespero, rotina, luta pra sobreviver, angústia, dor, tédio, força, persistência foram impressões que evidenciam a presença de um estado de corpo sobrecarregado, tenso, estafante, um lugar ao qual me levei talvez pelo fato de eu ter em mente a sugestão de *exagerar mais, até beirar o inexecutável*. Para tanto, novamente eu uso o toque no corpo, ainda mais pressionado e dessa vez em nível baixo (no chão), até provocar o choro, o alívio, a paragem.

Outra hipótese que pode explicar essa alteração no humor transparecido no corpo se deve ao tempo decorrido entre a elaboração dos vídeos: o videoexperimento (B) foi produzido cinco meses depois do (A), em agosto de 2021, era um outro momento, inclusive fazia frio aqui no Sul: eu visto calças, meias, polainas, blusa de mangas compridas, e estou na mesma sala onde gravei o vídeo anterior. Nesse experimento, há mais exploração de chão e pequenas quedas, isso também pode ter contribuído para essa sensação de angústia relatada pelas colaboradoras.



**Figura 8:** Frame do videoexperimento (B)<sup>31</sup>

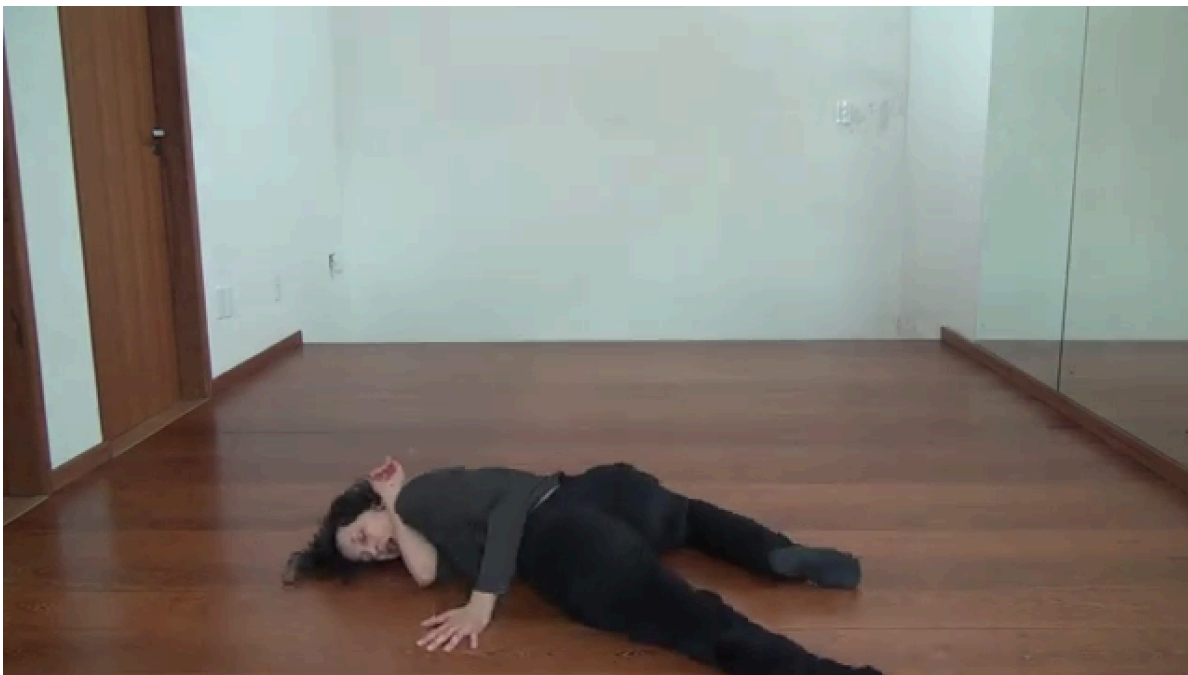


**Figura 9:** Frame do videoexperimento (B)<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Disponível em: [videoexperimento \(B\)](#). Acesso em 25/07/2023.

<sup>32</sup> Disponível em: [videoexperimento \(B\)](#). Acesso em 25/07/2023.



**Figura 10:** Frame do videoexperimento (B)<sup>33</sup>

No momento em que o vídeo foi gravado, o isolamento social já havia consolidado seus estragos nos corpos, ainda que houvesse, naquela situação, a esperança de tempos melhores devido ao tão esperado processo de vacinação: estávamos em um período de transição para o “novo normal” – já não estávamos mais dentro de casa como no ano anterior, mas ainda era obrigatório o uso de máscaras em lugares fechados e o distanciamento entre as pessoas.

A vacina trouxe por fim um sentimento de alívio, mas também de melancolia, uma sensação de sobrevivência e pesar, sem ânimo para comemorar em um contexto de tanta tragédia, mas também uma imensa gratidão por chegar aos meados de 2021 com saúde.

Eu particularmente passava por abalos psicológicos ocasionada por motivos diversos, e certamente muito agravada pelo contexto social. É muito interessante como as falas das colaboradoras conseguem expressar exatamente o que eu vivia, ainda que elas não soubessem de fato. Mais uma vez, percebo no olhar alheio que *eu me mostro para que eu possa me ver*.

(...) em certos momentos toma fôlego, avança, morre, revive, se revolta, se acomoda, tenta esquecer, adocece e segue individualizando e se culpando por não ser “suficiente”.

<sup>33</sup> Disponível em: [videoexperimento \(B\)](#). Acesso em 25/07/2023.

Um corpo que cansa e se alimenta do cansaço, fadigado da sua própria procura, que grita ao infinito, que responde: não para! Eu nunca espero.

Sensação de remar contra a maré, de lutar com fantasmas, de bater sempre na mesma tecla, de caminhar em círculos e de sempre chegar num beco sem saída.<sup>34</sup>

Ao mesmo tempo, *eu me mostro a quem possa se ver em mim*: é o que aparece em relatos muito pessoais, que fazem associações com situações que divergem de qualquer pretensão minha ao criar a Dança, mas que fazem sentido, que apresentam relação. Reafirmo, então, que *falar de outrem é falar de si*:

(...) talvez seja uma resposta mais subjetiva e ligada ao que eu venho passando, mas vejo minha mente vagando pelos meus pensamentos de um dia. Alguns mais agitados, alguns repetitivos, alguns mais lentos e expressivos, alguns agoniados e outros até que tranquilos, todos intercalados, muitas vezes mudando entre eles de maneira brusca mas eventualmente retornando aos pontos importantes. E terminando com um respiro, preparando pro próximo dia.

Não consigo evitar a tensão de cruzar a SC 404 sem rotatórias, sem semáforos, sem lombadas. Um trânsito perigoso devido ao fluxo intenso da região. Sua performance me trouxe este aborrecimento: constante, inevitável, diário!

Vejo a representação de uma personagem fictícia. Uma trabalhadora brasileira que ingenuamente aceita e valida o discurso falacioso/neoliberal de que todas as condições em sua vida são de sua exclusiva responsabilidade. Vive tempos desoladores. Preços absurdos, desemprego, violência, crise ambiental, política, pandemia, muita mentira e gente escrota, machista, racista, homofóbica e fundamentalista. É diariamente bombardeada por discursos liberais "sacadas" dos gurus/místicos/coachs/empreendedores/CEOs anunciando que ela deve parar de mimimi, que ela faz sua realidade, logo a culpa é dela que não se esforçou o suficiente. Portanto em certos momentos toma fôlego, avança, morre, revive, se revolta, se acomoda, tenta esquecer, adocece e segue individualizando e se culpando por não ser "suficiente".<sup>35</sup>

Assim, observo que o dispositivo DMV abre espaço para que ocorra um engajamento maior, tanto da artista quanto da plateia, em relação à obra, simplesmente pelo convite de fazer parte, colaborar, a partir da disponibilidade de um olhar atento e generoso: a obra, então, não é apenas o vídeo e a dança criada pela artista, mas se realiza na verbalização elaborada pelas colaboradoras ao encontrar com a suposta obra.

<sup>34</sup> Compilação de comentários a respeito do videoexperimento (B), disponível no Apêndice A deste trabalho.

<sup>35</sup> Compilação de comentários a respeito do videoexperimento (B), disponível no Apêndice A deste trabalho.

Intitulado **videoexperimento (C)**<sup>36</sup>, o terceiro videoexperimento dessa fase de retomada do projeto DMV – que teve início em 2020 – foi criado em abril de 2021, após uma lacuna de 7 meses, que não foi pausa, mas sim um período de incrementação e continuidade da pesquisa, nutrida por experiências diversas: além das atividades propostas pelo Mestrado<sup>37</sup> e pelas práticas desenvolvidas com o projeto DMV Woman's Performance<sup>38</sup>, o trabalho com o DMV contou também com aprendizados decorrentes do curso O ano que vem chegou<sup>39</sup>, ministrado pela Professora Helena Katz, e com os estudos em Feminismos potencializados pela experiência de cursar Performance, Gêneros e Feminismos, disciplina optativa oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA, ministrada pela Professora e artista da Performance Nina Caetano.



**Figura 11:** Frame do videoexperimento (C)<sup>40</sup>

<sup>36</sup> Disponível em: [videoexperimento \(C\)](#). Acesso em 25/07/2023.

<sup>37</sup> No final do segundo semestre de 2021, eu estava concluindo as disciplinas Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade, Tópicos Especiais em Dança: Educação Somática, e Tópicos Especiais em Dança: Análise de Configurações Coreográficas, além de ter participado de Eventos do Prodan, como o Painei Performático e o Seminário Prodan. Todas essas atividades foram realizadas tendo como enfoque o desenvolvimento da pesquisa com o dispositivo DMV.

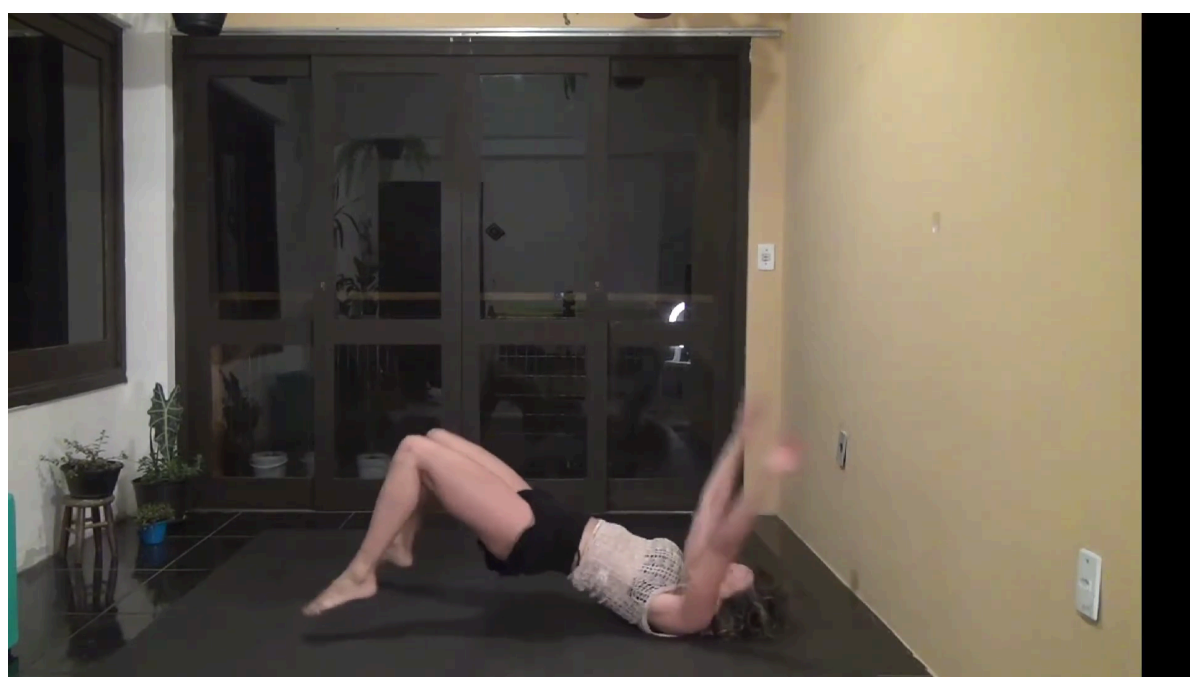
<sup>38</sup> Conforme mencionado anteriormente, na Introdução deste trabalho, o Projeto DMV - Woman's Performance durou de janeiro a abril de 2022, fomentando meus estudos em Vogue Femme e a elaboração dos 4 últimos videoexperimentos aqui apresentados.

<sup>39</sup> Curso lecionado por Helena Katz, oferecido pela Plataforma Triz, realizado de março a junho de 2022. Mais informações: [Plataforma Triz](#). Acesso em 23/09/2022.

<sup>40</sup> Disponível em: [videoexperimento \(C\)](#). Acesso em 25/07/2023.



**Figura 12:** Frame do videoexperimento (C)<sup>41</sup>



**Figura 13:** Frame do videoexperimento (C)<sup>42</sup>

Já tinham se passado dois anos de isolamento social, um longo período convivendo com doença e mortes, e por fim já nos comportávamos de acordo com o novo normal – ou seria um novo anormal? – e com o impacto de toda essa tragédia perceptível nos corpos.

<sup>41</sup> Disponível em: [videoexperimento \(C\)](#). Acesso em 25/07/2023.

<sup>42</sup> Disponível em: [videoexperimento \(C\)](#). Acesso em 25/07/2023.



Apesar da expectativa de dias melhores devido ao processo de vacinação, 2022 prometia ser mais um ano conturbado, como foi 2018, devido às eleições presidenciais no Brasil: uma esperança para a oposição retomar projetos com propostas que chegam mais perto de satisfazer classes desprivilegiadas, e, ao mesmo tempo, o fortalecimento de grupos extremistas que cresceram nos últimos anos com discursos de ódio e ataques à Saúde, à Cultura, à Educação e aos grupos minoritários.

Foi desafiador e extenuante continuar trabalhando com Arte durante esse período de desgoverno, que prezou pelo desmonte de políticas públicas e perseguição aos trabalhadores da Cultura, juntamente com a barbaridade vivida por todas as pessoas – algumas muito mais do que outras, importante salientar – em virtude da crise sanitária ocasionada pelo Novo Coronavírus.

O novo normal abarca ainda um mundo comandado pelas telas, no qual as *redes antissociais* são o lugar de encontro, porém agora a construção de vínculos é uma possibilidade ínfima: as redes viabilizam o contato e a conexão, o que faz parecer que há agregação entre sujeitos e consolidação de relações, entretanto, o que sobretudo está sendo fortalecido, na verdade, é o individualismo exacerbado – noção que lidera, também, o pensamento capitalista –, quando o treino nas telas é agir sempre a partir de si mesmo, sob a lógica causal e imediatista, como ilustram perfeitamente os botões de curtir, compartilhar e deletar.

Essas foram algumas das reflexões apreendidas ao participar de O Ano que vem chegou, curso ministrado por Helena Katz, que tem a proposta de atar política, tecnologia, saúde e economia para conversar sobre questões urgentes do nosso tempo, questões identitárias, desigualdade social, língua neutra, polarização, privacidade, racismos e etc., fazendo do corpo o eixo central de nossas inquietações. A proposta utiliza a metodologia do “minhocar”: sair da superfície para arejar o solo, permitindo que os caminhos apareçam e que o ambiente seja nutrido de ideias que contribuam com seu desenvolvimento – uma metáfora para sugerir uma maneira de lidar com questões complexas sem se precipitar, mas ficando com o problema para esmiuçá-lo e fazer surgir entendimentos que de fato nos ajudem a ir

adiante. Katz<sup>43</sup> propõe ainda o conceito de “embolar”, que é aproximar assuntos de campos diferentes mas que conversam, por já terem uma sintonia natural.

Ao longo dessa experiência com o DMV, o dilema das redes sociais foi um tema que me despertou interesse, já que elas procuram reforçar hábitos cognitivos avessos ao senso de coletividade, funcionando como *redes antissociais*. Os algoritmos reforçam as bolhas sociais, enquanto que meu desejo desde o início da criação do dispositivo é o atravessamento dessas bolhas que existem no mundo virtual e não-virtual. Além disso, o exagero de informações nas redes sociais continuou sendo um problema cada vez mais visível para mim, o que me fez sentir muitas vezes acanhada em colaborar com esse excesso que tanto tem deturpado o comportamento humano e a saúde mental das pessoas. Ainda, sabemos que as redes sociais são um jogo de manipulação em que o comportamento de manada é estimulado para empoderar aqueles que já estão no ápice da pirâmide social, visto que é “impossível trabalhar com tecnologia da informação sem também se envolver na engenharia social” (Lanier, 2020, p.21).

O dilema das redes sociais está, portanto, nesta contradição entre a necessidade de pertencer ao mundo virtual – por questões de sobrevivência tanto artística quanto comercial, já que está instalado esse sistema social, de cujas regras não temos como escapar – e a consciência de que, ao fazer parte do mundo virtual, estamos “sendo hipnotizados pouco a pouco por técnicos que não podemos ver, para propósitos que não conhecemos. Agora somos todos animais de laboratório.” (Lanier, 2018, p.15). Passamos a viver em uma “sociedade do software” (Manovich, 2018, p.15) em que os corpos começam a atuar como aplicativos, incorporando, em seus comportamentos, ações robotizadas como curtir, bloquear e deletar. Por outro lado, o ambiente virtual continua sendo uma opção razoável para prover o aumento de diálogos a fim de aproximar a Dança de questões políticas e transformadoras da sociedade, já que facilita o processo colaborativo e interativo devido à abrangência da Internet. Essas reflexões permearam toda a pesquisa, ainda que o aprofundamento nesse assunto não fosse cabível no momento devido à limitação de espaço deste trabalho. Assim, reconheço a experiência com o dispositivo DMV como uma atividade atravessada por inúmeras questões, pois não resiste à afetação pelo

---

<sup>43</sup> Curso O ano que vem chegou, lecionado por Helena Katz, oferecido pela Plataforma Triz. Disponível em: [Plataforma Triz](#). Acesso em 15/08/2023.

ambiente e pela efervescência de fenômenos que ocorrem no mundo tecnológico e politicamente conflituoso pós-confinamento social.

Dessa forma, o DMV em prática é incrementado de ações variadas que preparam o corpo, afinal, antes mesmo de se colocar em exposição, o corpo já é uma coleção de informações que não cessam de incorporar; o dispositivo de composição é mais um meio de convocar elementos modificadores de corpos, a fim de proporcionar novas corporeidades e entendimentos acerca de corpo e de Dança.

Ainda, os experimentos que apresento inevitavelmente trazem questões presentes no corpo exposto, explícitas ou não, muitas das quais procuro trazer à tona, ou por desejo ou por necessidade. É o caso das temáticas relacionadas ao corpo de mulher e ao Feminismo: por esse motivo é que me inscrevi no curso Performance, Gêneros e Feminismos, oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA.

Ao longo da disciplina, dentre tantas atividades, realizamos práticas performativas, utilizando dispositivos de composição, a fim de problematizar a construção do indivíduo e seus aspectos complexos – como gênero, sexualidade, branquitude – dentro da noção de que somos seres sociais, reagente ao meio em que estamos, e, portanto, que nossa identidade é construída socialmente. Para tanto, ativamos memórias e afetos pessoais que me encorajaram a assumir um caminho também já impresso em minha pesquisa, que é a autobiografia.

Há muito tempo que vejo em mim um desejo intrínseco de fortalecer, nas corporeidades que trago para a cena, questões pertinentes ao corpo de mulher, e, com os comentários que recebi trazendo a ideia de “libertação” nos experimentos anteriores, fiquei ainda mais instigada para trabalhar essa questão sob a perspectiva feminista, já que o Feminismo é o movimento diverso e amplo que busca proporcionar liberdade a esses corpos oprimidos. Trazer a escrita de si para a cena é algo inevitável quando exponho meu corpo de mulher e as subjetividades ligadas a essa forma de existir no mundo.

A escolha de trabalhar com Vogue Femme dialoga diretamente com a ideia de autobiografia, liberdade e corpo de mulher: é uma Dança que acontece a partir do convite “conte a sua história”, “mostre sua beleza”, “mostre quem é você”, o que visivelmente dá ênfase a aspectos como enfrentamento e libertação, com fortes símbolos de feminilidade, de forma vigorosa, agressiva e divertida. A performance do Vogue Femme evidencia resistência e celebração presentes na cultura Ballroom,

“a primeira 'sub'cultura de resistência LGBTQIAP+, um espaço para ser quem se quer ser, de existência plena”<sup>44</sup>. Assim me conectei com essa proposta de expressar o corpo: como artista de Dança Contemporânea – vertente da Dança que preza pelo corpo livre de engessamentos em padrões estéticos pré-estabelecidos – logo à primeira vista, tive a sensação de que *o Vogue é mais contemporâneo que o contemporâneo*, especialmente para falar por meio da Dança sobre o que eu estava querendo falar: corpo de mulher e suas subjetividades.

Assim, percebo, no videoexperimento (C), questões relacionadas com corpo de mulher e libertação, assim como ocorrem no videoexperimento (A), mas agora fortalecidas pelos estudos em Feminismos, pelas vivências com Vogue e pelos comentários das colaboradoras em relação ao primeiro videoexperimento.

Junto com práticas performativas que aguçam a experiência de ser mulher sob a ótica do Feminismo e o treino de uma Dança que traz feminilidades não corriqueiras, com um estado de corpo que se opõe ao enrijecimento das formas de expressão impostas, busco infinitas possibilidades de mover o corpo com a proposta Corpo Infinito, uma ideia que venho desenvolvendo desde 2020 para satisfazer a necessidade de treinar o corpo tendo em vista o autoconhecimento, a experimentação, o autocuidado e, portanto, a inteligência corporal.

Ao longo de 2020, durante o isolamento social, aproveitei a intensa oferta de cursos online para me dedicar a estudos individuais. Influenciada por novas práticas, como Eutonia, Chi Kung, Gyrokinesis e estudos em Anatomia, juntamente com minha formação e experiência em investigação de corpo/movimento e com a necessidade de interiorização e autogentileza proporcionada pelo mundo tomado pela tragédia do Novo Coronavírus, criei o Corpo Infinito, uma proposta de treinamento físico-expressivo que parte do pensamento em Dança, oferecendo ferramentas para exploração do corpo e suas infinitas possibilidades.

Força, alongamento, postura e autocuidado são algumas das habilidades trabalhadas com base na percepção do próprio corpo, e suas características e potencialidades únicas, na busca de autoconhecimento e inteligência corporal.

Propõe-se exercícios que ativam caminhos neuronais para a construção de um corpo inteligente, que busca o que é bom para si, sem precisar mentalizar, mas ativar a inevitável conexão corpo-mente. O objetivo é mover a partir dessa ativação,

---

<sup>44</sup> Fala do arte-educador e jornalista Estevão Lourenço, disponível em: [Ballroom: resistência e celebração \(primeirosnegros.com\)](https://www.primeirosnegros.com.br/2020/04/12/ballroom-resistencia-e-celebracao/). Acesso em 12/04/2023.

de um corpo consciente e sensível, da autenticidade guiada pelos desejos do corpo. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatômicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam no corpo todo.

Essa proposta foi construída também a partir de uma outra nova experiência ocasionada pelo confinamento social, que foi a oportunidade de dar aulas online a pessoas com deficiência visual. Nessa ocasião, pude aprimorar a habilidade de descrever oralmente os movimentos, pois a aula era totalmente conduzida pela minha voz, sem poder recorrer ao toque. Adquiri ainda o hábito de descrever imagens nas redes sociais, já que passei a conviver com pessoas que necessitam dessa medida de acessibilidade para poderem ver meus *posts*.

O treino de descrever imagens se conecta intimamente com a proposta do dispositivo DMV: é uma atividade de mostrar, a partir do que vejo, para que o outro possa ver, mas, ao descrever, eu mesma passo a ver o que não veria sem o olhar atento – um verdadeiro exercício de ampliar o campo perceptivo a partir do treino do olhar.

Corpo Infinito é um treinamento elaborado a partir das investigações no corpo que sou, portanto, é uma proposta que possui caráter autobiográfico. Devido à sua qualidade experimental, o treino atualiza minha própria forma de fazer Dança, tanto ao praticar em mim, quanto ao transmitir a outras pessoas.

O objetivo final da proposta é a autonomia no mover, com a busca de movimentos que gerem prazer e expressividade espontânea. Para tanto, estímulos diversos são acionados no corpo, como por exemplo: perceber o corpo a partir de sua estrutura anatômica e sensações, relaxar as articulações, exercitar a relação íntima e afetiva do corpo com ele mesmo, procurar estados de corpo que evitem tensões desnecessárias, levar a atenção aos múltiplos apoios do corpo, criando consciência do nível de tensão de cada estrutura, dentre infinitas possibilidades.

No contexto do uso do dispositivo DMV, a ideia de Corpo Infinito tem se relacionado diretamente com as escolhas estéticas das proposições em vídeo, ao passo que as técnicas corporais inevitavelmente influenciam a construção de vocabulário de movimento e as intenções políticas/artísticas: por não ser possível a dissociação entre corpo e expressividade é que me refiro a essa proposta como um “treinamento físico-expressivo”.

Corpo Infinito é uma concepção de Dança Contemporânea e surgiu recentemente, junto com essa nova fase de criação com o dispositivo DMV. Assim, está em processo de experimentação em corpos diversos e estudos para uma sistematização mais apurada<sup>45</sup>, a fim de que seja difundida não só como treino para profissionais da Dança, mas sobretudo para pessoas em geral, pois é urgente que as práticas relacionadas à Dança atinjam a sociedade em geral – conforme o que venho defendendo com o uso do DMV nas redes.

Considero, portanto, a prática de Corpo Infinito como mais uma experiência que atravessa o trabalho com o DMV na fase descrita neste trabalho, que, assim como os estudos em Vogue e em Feminismos, sob uma perspectiva autobiográfica, funcionam como atividades de preparação corporal na feitura das proposições em vídeo.

Outro aspecto que modifica o fazer artístico com o dispositivo DMV é a condição de trabalho com que artistas se defrontam ao terem que aderir aos editais disponíveis. Seria muito satisfatório um mundo onde artistas pudessem trabalhar satisfatoriamente em seus processos criativos e, a partir desse ofício, poder gerar recursos para sobrevivência – arcar com custos de moradia, alimentos, saúde, etc, o básico e fundamental para viver dignamente – porém não é nesse mundo que vivemos, mas sim em um “mundo regido por editais” (Katz, 2015, p.1).

A produção artística, para ser devidamente valorizada – e aqui me refiro ao valor no sentido desse mundo real, o mundo capitalista –, precisa se adequar ao formato de editais de fomento à arte disponibilizados pela iniciativa pública ou privada. No caso de trabalhos experimentais de caráter não-comercial realizados por artistas “não-amplamente-renomados”, como é o caso do Projeto DMV, editais criados pelo Governo têm sido, de fato, as alternativas cabíveis.

Em Santa Catarina, o que temos é o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, além dos Editais emergenciais criados durante o isolamento social por conta do Novo Coronavírus. Até 2016, tínhamos ainda o Prêmio Klauss Vianna, no âmbito Nacional, que reservava cotas para cada região do país. A partir desse ano, com a mudança de governo federal, a Arte foi ficando cada vez mais desvalorizada. A edição do Edital Elisabete Anderle 2019, que patrocinou o projeto DMV –

---

<sup>45</sup> Para mais informações sobre a proposta Corpo Infinito, acessar: [Corpo Infinito - Proposta.pdf](#). Acesso em 13/10/2023.

continuidade, já mostrava novo formato desde 2017, com redução de rubricas e ênfase na pontuação para número de ações e de pessoas participantes, além de exigir contrapartida social. As categorias também alteraram para o prêmio de Dança: as opções eram “Pesquisa e Formação” ou “Montagem e Circulação” – sendo que o valor do prêmio mal dava conta de pagar essas duas ações de forma suficiente.

Minha intenção, ao pensar na retomada/continuidade do projeto DMV, era a pesquisa e a montagem de um novo solo, utilizando o dispositivo de composição, porém não havia essa opção, assim, optei por “Pesquisa e Formação”. As propostas de formação no projeto DMV – continuidade propunham também o desenvolvimento de pesquisa de outras pessoas, assim procuravam satisfazer o item “capilaridade”, além de outros itens importantes, e obter aprovação. A diversidade de ações a serem realizadas dentro do prazo estipulado – ainda que prorrogado devido à crise sanitária – fatalmente comprometeu o tempo de pesquisa com o DMV, que poderia ter avançado mais nessa fase para, em uma próxima, já partir para a montagem. Essa oportunidade futura ainda não apareceu até o presente momento, dessa forma, tenho levado a pesquisa de forma fragmentada e estendida, o que até mesmo modificou minha concepção em relação ao dispositivo e aos videoexperimentos, como falei anteriormente. Se no início da pesquisa, em 2013, o dispositivo tinha o propósito de criar uma obra finalizada, um produto final, que seria um solo de Dança – objetivo atingido em 2014, ainda que em prazo reduzido, conforme estipulado pelo edital –, agora entendendo a obra como o próprio dispositivo, os videoexperimentos são produtos artísticos, assim como os comentários das colaboradoras, e a interação entre artista e plateia que faz surgir uma obra-dispositivo.

É fato que “a ‘editalização’ da vida artística revelou-se uma condição perturbadora” (Katz, 2015, p.5), ainda assim, os editais são a alternativa que temos para recebermos alguma remuneração pelo trabalho de pesquisa e criação, mesmo que de forma descontinuada, mesmo tendo que acumular com outros trabalhos pois a verba é insuficiente. O que chamam de amor à arte, nós chamamos de trabalho mal pago.<sup>46</sup>

“A atividade da pesquisa exige temperamento investigativo, capacitado a testar suas hipóteses e a reconhecer o eventual insucesso, pois faz parte do

---

<sup>46</sup> Alusão à frase de Silvia Federici “o que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago”, referindo-se ao trabalho doméstico realizado pelas trabalhadoras do lar – vulgarmente chamadas de donas-de-casa. Disponível em: [O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago, diz Silvia Federici \(geledes.org.br\)](http://www.geledes.org.br). Acesso em 12/09/2022.

processo de pesquisa a possibilidade de precisar ser abandonado” (*Ibid.*, p.6), portanto, precisa de tempo e de abertura para que o produto final não seja algo estabelecido.

Dessa forma, a pesquisa não teria como se encerrar no projeto de retomada, mas teria continuidade no projeto seguinte, o DMV- Woman’s Performance, que foi aprovado dentro da categoria “Experimentação Artística”, com duração de apenas 4 meses, por um edital emergencial<sup>47</sup> criado para dar suporte a artistas que sofreram a crise ocasionada pelo Novo Coronavírus.

Como produtos artísticos desse projeto, temos o memorial em vídeo sobre todas as ações desenvolvidas, o videoexperimento (C), o videoexperimento (D) , e ainda as versões desses dois vídeos com audiodescrição, criadas para satisfazer o quesito “medidas de acessibilidade” presente no Edital.

As audiodescrições foram compostas a partir dos comentários das colaboradoras, trazendo ao texto aspectos poéticos e sensitivos, que, juntamente com o gesto da minha voz gravada, desempenharam muito além da função de descrever, inaugurando um novo trabalho, com novos elementos artísticos:

*Eu chego chegando, segura de mim. Exibida, caminho pra perto da câmera, de peito aberto. Tô na sala de casa. Janelões de vidro, plantas, e um chão de E.V.A. preto. Caminho para trás e pra frente, saltitante. Quadris e cabelos balançam de um lado pro outro. A roupa é fashion. Blusinha de crochê, calça solta, pés descalços. Abro os braços, tremo, pego nos meus seios, vou para o chão. Me movo sempre na batida da música, com liberdade, independência, ousadia, intensidade, entrega. Troco de apoios em uma repetição frenética. As coxas se aproximam e se afastam, a bacia sai e volta pro chão. Sou uma marionete com articulações de mola. Deito com os joelhos dobrados, as pernas caem no chão de um lado pro outro. Os movimentos parecem truncados e presos, com angústia e exaustão. Ao mesmo tempo, instintos primitivos aparecem, em um pulso interno. Energia libidinal. Visceral!! Fico de quatro, dobro um cotovelo e o outro, sacudo a cabeça. Me divirto. Me delicio. Convido pra dançar junto. Minha dança é uma catarse. Me levanto, pego nos meus cabelos e solto o ar.<sup>48</sup>*

Essa narração descritiva compõe o **videoexperimento (C) com audiodescrição**<sup>49</sup> e foi elaborada a partir dos comentários recebidos em relação ao Videoexperimento (C)<sup>50</sup>. Junto às frases criadas por mim para descrever literalmente a cena, incorporei palavras entregues pelas colaboradoras, trazendo suas

<sup>47</sup> Edital criado pela Lei Aldir Blanc SC, conforme já mencionado na Introdução deste trabalho.

<sup>48</sup> Disponível em: [Videoexperimento \(C\) - com audiodescrição](#). Acesso em 05/08/2023.

<sup>49</sup> Disponível em: [Videoexperimento \(C\) - com audiodescrição](#). Acesso em 05/08/2023.

<sup>50</sup> Os comentários estão disponíveis na íntegra no Apêndice A deste trabalho.



impressões e sensações A audiodescrição foi orientada pela colega de mestrado Moira Braga<sup>51</sup>.

A prática de descrever imagens já fazia parte da minha rotina desde 2021, iniciada durante o isolamento social, quando comecei a dar aulas online para pessoas com deficiência visual, no entanto, foi a primeira vez que tive a experiência de descrever as imagens em áudio, procurando trazer para minha voz as qualidades de movimento presentes na Dança descrita, conforme Moira me direcionou. O gesto da voz adquire velocidade tal como a batida da música que provoca a movimentação, e é um tanto frenético assim como a Dança que surge neste novo experimento, muito influenciado pelos estudos de Vogue e também pelos comentários que recebi sobre o videoexperimento (A), elaborada há treze meses do presente vídeo.

Gravar o áudio foi como dançar com a voz, como orientou Moira, assim, elaborar a audiodescrição trouxe também mais uma camada para a minha experiência de compor. O dispositivo DMV se atualiza ao propor uma nova versão do mesmo vídeo com o novo áudio, feito com a compilação de tantos comentários e seus elementos poéticos: a colaboração se materializa na produção desse texto cujas palavras são na maior parte dadas pelas pessoas colaboradoras.

Utilizar a descrição das colaboradoras para elaborar um conteúdo de acessibilidade, que é também um material artístico, confere ao dispositivo ainda uma nova função, para além da atividade de composição e do exercício de percepimento.

Ainda, essa proposta de criar texto descritivo incrementa minha habilidade de descrever imagens, que, para mim, sempre foi concebido como um treino de olhar e atribuir novos significados estéticos e poéticos às imagens – um trabalho de percepção – mas agora expandido com a utilização de elementos externos (os comentários) e experimentação de novos elementos corporais (a voz e suas nuances).

Reduzir as palavras para o tamanho do vídeo – editado para durar 1 minuto,

---

<sup>51</sup> Moira Braga é atriz, bailarina contemporânea, performer e consultora de audiodescrição em conteúdos artísticos. No teatro, atua desde 2011 como atriz, assistente de direção, assistente de dramaturgia e preparadora corporal. Bailarina da Pulsar CIA de dança desde 2013. Desde 2018 é professora de introdução à metodologia Angel Vianna no curso técnico de bailarino contemporâneo na escola e faculdade Angel Vianna. Informações disponíveis em: [Portal.Cultura.e.Diversidade.ufsc.br](http://Portal.Cultura.e.Diversidade.ufsc.br). Acesso em 11/02/2024. Currículo Lattes disponível em: [Currículo.do.Sistema.de.Currículos.Lattes.\(Moira.Braga.Sales\).cnpq.br](http://Currículo.do.Sistema.de.Currículos.Lattes.(Moira.Braga.Sales).cnpq.br). Acesso em 11/02/2024.

o tempo limite do formato *Reels* do Instagram – foi também mais uma nova camada colocada ao mecanismo de composição, bem como a experiência de apresentar um vídeo tão curto. O videoexperimento (C), terceiro desta fase da pesquisa, foi o menor videoexperimento que elaborei, apostando no formato imediatista imposto pelo mundo das telas: nos tempos atuais, é muito raro que alguém se detenha por mais de um minuto em um *post*, assim, vídeos curtos possuem mais alcance nas redes sociais. De fato, isso é verificado nos resultados: tive a colaboração de 62 pessoas no videoexperimento (C), enquanto no primeiro vídeo foram 40 colaboradoras; no segundo, 39 pessoas; e, no quarto, 27 participantes. O videoexperimento (A) tem 5 minutos de duração – bastante longo para redes sociais –; o videoexperimento (B) tem 3 minutos – já com tempo reduzido justamente por supor que o engajamento tende a diminuir após o ato deixar de ser novidade; e o videoexperimento (D) possui pouco mais de 3 minutos.

Enquanto aspectos como Feminismo, Vogue, Corpo Infinito e Autobiografia fomentam o treino de corpo, as ideias que me atravessaram na criação do Videoexperimento (C) foram majoritariamente trazidas pelos comentários do primeiro vídeo dessa nova fase, que, como falei anteriormente, mostraram muito a noção de *corpo se libertando, corpo livre*, enquanto que, no segundo experimento, prevalece nos comentários uma estética muito diferente – o *corpo tentando se libertar*.

Atitude.  
 Muita paixão nos movimentos.  
 Você pulsando por dentro, simplesmente sentindo, vibrando.  
 Mexendo onde a música toca (as diversas partes do corpo), de maneira liberta, o que é delicioso.  
 Sensível.  
 Linda.  
 Um corpo se libertando, deixando fluir todos os seus sentimentos.  
 Fluida e natural.  
 Muita entrega.  
 Corpo disponível se deixando tomar pelos fluxos espontaneamente, sem abrir mão de sua própria autonomia.  
 Caminhos conduzidos por você.  
 Corpo tenso querendo fugir de amarras, tirando as coisas ruins.  
 Energia, fluidez, poder.  
 Um requebrado bom.  
 Uma pessoa entregue à Dança.  
 Muitos, muitos sentimentos.  
 Sentimentos que falam através da movimentação desse corpo.  
 Você transmite muito sentimento.  
 Sinto sua paixão.  
 Vontade de dançar junto.  
 Dançar sem nenhum tipo de julgamento.

Vontade de me soltar nos ritmos das músicas junto com você, deixar fluir toda minha energia, aquela que não cabe mais em mim!  
 Vontade de me amar, me tocar, sem julgamentos, solta no sentir!  
 Sinto sinceridade.  
 Vontade de sair pela rua dançando bem assim e tb sem sutiã, rindo por dentro dos olhares curiosos, julgadores e preconceituosos, que desconhecem certos prazeres e liberdades!  
 Sinto essa necessidade de libertação, e até vontade de gritar.  
 Exorcizar por completo a angústia.  
 Penso em liberdade.<sup>52</sup>

Esses comentários me estimularam a fomentar a paixão para deixar fluir toda a energia do corpo ao ponto de extravasar; as palavras me instigaram a Dançar mais, com vigor e afinco, e, para isso, as práticas corporais de Vogue e Corpo Infinito contribuíram visivelmente, além da perspectiva feminista e autobiográfica que trazem elementos autênticos na criação espontânea dessa Dança. As palavras entregues pelas colaboradoras em relação ao Videoexperimento (C) que utilizei na audiodescrição confirmam o caminho que escolhi, motivada por aspectos enfatizados anteriormente na colaboração.

Mas, para onde eu fui? As respostas sobre direcionamento – para onde devo ir – recebidas pelas colaboradoras no primeiro experimento me levaram para um lugar não querido por mim: o videoexperimento (B). A experimentação é parte do trabalho, que é processo, e não é vedado o descarte de assuntos que aparecem no corpo ao testar possíveis orientações dadas, pelo contrário, só com o experimento é que se pode avaliar o que é cabível, interessante, funcional para ir adiante.

Ainda que as falas que respondem “aonde devo ir” são as que de fato propõem ações palpáveis, os comentários que afetam, muitas vezes o fazem de forma subjetiva, de modo que me ajudam a ver minha Dança de outras maneiras, e enxergar questões que aparecem ali mas não via, ou ainda de reafirmar aquilo que já percebo, trazendo potência e intensificação. Assim é feita esta Dança: simplesmente deixo manifestar a coleção de informações que compõem o corpo que sou, deixo vir subjetividades, desejos, questões emergentes, estimuladas pelos comentários das colaboradoras e por todas as experiências que atravessam a composição.

Produzido juntamente com o videoexperimento (C), o quarto vídeo, intitulado **videoexperimento (D)**<sup>53</sup>, segue o formato dos primeiros, intercalando dois tipos de

<sup>52</sup> Compilação de comentários sobre o videoexperimento (A), disponível em: [videoexperimento \(A\) - colaboração](#). Acesso em 20/03/2023.

<sup>53</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\)](#). Acesso em 27/07/2023.

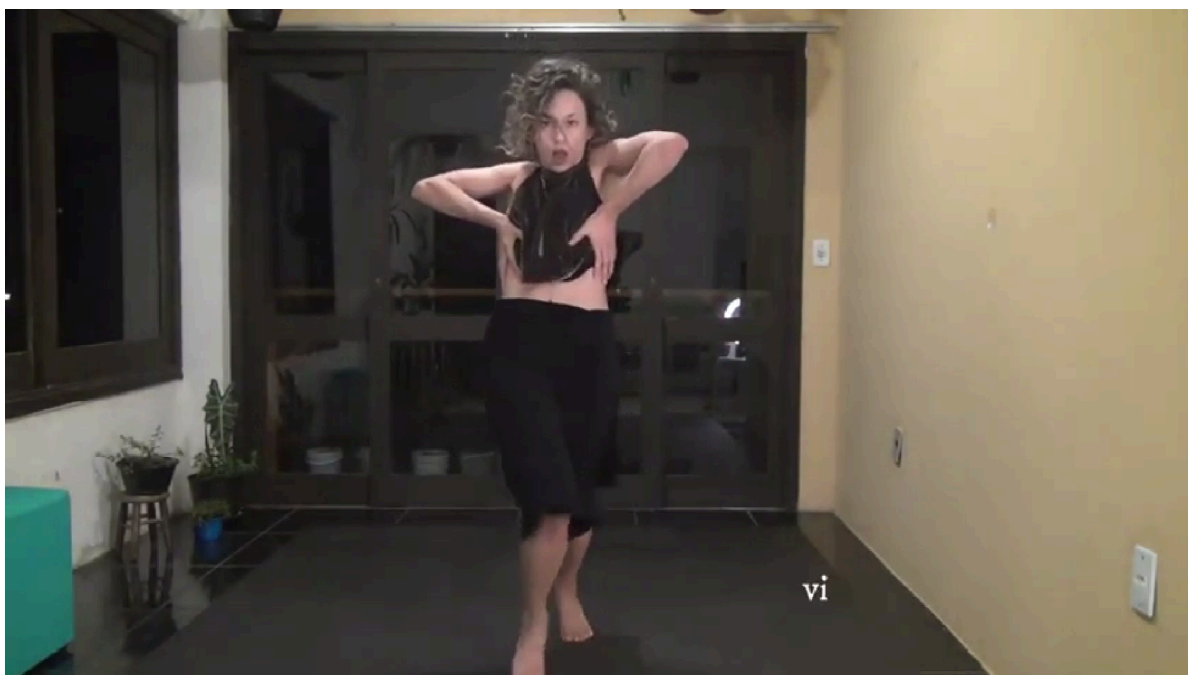
sonoridades/qualidades de movimento que se contrastam entre si, com cortes abruptos entre as cenas. No lugar do autotoque que aumentava até provocar o choro, neste experimento, o estado corporal que contrapõe o ritmo frenético é cabisbaixo e triste, com toques sutis e pouco enérgicos. É grande o contraste entre os humores, bem como as sonoridades.



**Figura 14:** Frame do videoexperimento (D)<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\)](#). Acesso em 27/07/2023.



**Figura 15:** Frame videoexperimento (D)<sup>55</sup>



**Figura 16:** Frame do videoexperimento (D)<sup>56</sup>

Comentários sobre o videoexperimento (A) me alimentam nesse aspecto da experimentação, que adentra ainda mais a ideia de oscilação emocional e bipolaridade de temperamentos. Sinto que o corpo quer seguir expressando essa potência:

---

<sup>55</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\)](#). Acesso em 27/07/2023.

<sup>56</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\)](#). Acesso em 27/07/2023.

Expressão corporal dos sentimentos superficiais e profundos de uma pessoa bipolar, (...) esses sentimentos traduzidos em expressões corporais (euforia x sofrimento x desespero...). Eu vi isso do ponto de vista do dito “normal”, equilibrado.... enquanto dinamismo emocional, q faz parte da natureza humana, mas q tb poderia ser visto sob esse ponto de vista do desequilíbrio.

Diferentes fluxos energéticos acontecendo no seu corpo.

Múltiplos estados emocionais evidenciados no mesmo corpo.

Camadas de sentimentos e afetos ritmados ao som da música.

Excitação-tesão-loucura-orgasmo-dor-tristeza...dor...tristeza...d o r<sup>57</sup>

O videoexperimento (B) também rendeu comentários nesse sentido de ambivalência, atributo inato da natureza humana que equaliza os temperamentos. *Exaustão e tirar do corpo* são expressões recorrentes nos pareceres que recebi: enquanto no segundo experimento, de acordo com essas interpretações, estou *tentando tirar do corpo essa exaustão*, no videoexperimento (D), organizo as duas ações em cenas separadas: ora estou exausta, e mergulho nesse estado corporal – que, depois, veremos que se realiza em tristeza e solidão –, e outrora estou frenética, enérgica, à procura dessa libertação que é *tirar do corpo* o que é preciso exterminar.

Vejo exaustão.

Cansaço.

Vejo ansiedade, tensão e exaustão.

Vejo um ser angustiado, e expressando este mesmo sentimento. Horas exausta de tanto tentar se libertar, mas se reergue, contudo volta ao sentimento e expressões da angústia.

Eu vejo a sua tentativa de se livrar de uma emoção interna. Como se uma sensação interna te incomodasse. Os seus movimentos mostram como esses sentimentos são confusos e exaustivos.

Vejo um esgotamento físico e emocional tentando sair desse corpo.

Vejo um corpo que pulsa, que se acha, que se perde e que ao mesmo tempo sofre.

Um corpo que cansa e se alimenta do cansaço, fadigado da sua própria procura, que grita ao infinito, que responde: não para! Eu nunca espero.

Vejo um esgotamento físico e emocional tentando sair desse corpo

Nossa, eu só consegui pensar em cansaço metal/exaustão. (...) Visualizei uma criança pequena entediada e cansada ao mesmo tempo. Quando já está querendo sair do corpo no fim do dia sabe? 😊

Parece q o movimento acontece de dentro p fora. É como se o movimento estivesse tentando sair do corpo.

<sup>57</sup> Compilação de comentários sobre o Videoexperimento (A), disponível em: [videoexperimento \(A\) - colaboração](#). Acesso em 03/09/2023.

No começo qd comecei a assistir, parecia um desconforto, mas depois já senti q algo tava querendo sair..aí tive a impressão q era o corpo reagindo a algo. Imaginei o movimento tentando sair ou tentando acontecer.  
Parece os movimentos de uma alma que não suporta mais a vida que vive e quer sair do corpo de qualquer jeito... Credooo... kakaka

*Libertação* é a palavra. A finalização da sequência de cenas que oscilam entre essas duas energias – o estado de exaustão, *pra baixo*, e o estado de liberdade – se dá com o gesto de subir gritando, *pra cima*: a linha dramática tecida pela alternância de humores é assim concluída no ato da edição, quando foi feita a escolha da cena final.

A edição de vídeo é determinante na dramaturgia produzida pela ideia de oscilação de ânimos, o que se percebe a partir das interrupções repentinas das cenas, que são muitas. *Standard cut*, *hard cut* ou *corte seco* é o único recurso que utilizei para editar a parte de vídeo dos quatro experimentos que compõem o trabalho com o DMV nessa nova fase de retomada e continuidade, mantendo a ideia original da proposta de evidenciar a partitura corporal, a pesquisa de movimento, e não outros elementos decorrentes de efeitos de imagens.

A escolha de câmera fixa também reforça essa tentativa de valorizar a experiência de ver a proposição de corpo o mais próximo do que seria no formato presencial, ou seja, a pessoa que observa está parada, atenta à função de assistir, e a Dança é mostrada dentro do plano de visão do observador.

Porém, é fato que, mesmo optando pelo mais simples modo de captura e edição de imagem – já que não seria viável a criação de um vídeo sem cortes, no que se refere à receptividade do espectador, dado o ambiente em que a cena ocorre –, haveria uma grande diferença entre apresentar presencialmente uma proposição corporal e expor cenas dessa proposição com cortes temporais, ainda que sejam em um mesmo plano de filmagem.

Ao optar pela intercalação de cenas que carregam humores muito distintos, assumo o recurso de edição como ferramenta dramática para a composição da Dança, que passa a ser uma videodança: a composição inicial (sem edição) é por fim consumada no ato de montar os fragmentos de cena, assim, o corpo toma uma forma de exibição que é possível somente nessa configuração proposta, que é o vídeo.

Além dos mecanismos de corte, utilizados na edição de vídeo, com os últimos videoexperimentos deste período de pesquisa, inauguro uma nova ferramenta de

áudio: o recurso de gravação de voz. Após elaborar o texto descritivo, há ainda a execução da voz concatenada ao movimento e à cena, buscando métrica e harmonia entre áudio e vídeo, o que requereu ainda ajuste nos volumes entre áudio original e audiodescrição.

Nesse sentido, a gravação de voz no **videoexperimento (D) com audiodescrição**<sup>58</sup> foi a mais desafiadora, justamente por haver a alternância de humores, como falei anteriormente:

*Chego confiante, caminho pra frente e pra trás, me aproximo e me afasto da câmera. Piso na batida da música, com um balanço acentuado nos quadris. Tô na sala de casa. Janelões de vidro, plantas, e um chão de E.V.A. preto. A roupa é fashion. Blusinha brilhosa, calça solta, pés descalços. Agora de frente, olhos fechados, braços abertos flutuam. O estado corporal muda abruptamente. As mãos se tocam, e vão ao rosto. O andamento da música alterna e volto a dançar no batidão. Piso em contratempos, giro a cabeça, balanço os cabelos. O contraste entre os ritmos mostram a liberdade para existir de forma plural. Ponho a mão na cabeça, vou para o chão. Me agito com força, entusiasmo, euforia, explosão. Sentada no chão apoiada por uma das mãos, rolo lentamente sobre os antebraços e joelhos. Cabeça solta, pendurada. Volto a sentar escorada na mão. Corpo pesado, molenga. Cansaço. Tristeza. De joelho dobrado, o pé escorrega e cai. Sou um corpo humano em movimento espontâneo, sem limites, livre! Sou uma mulher se divertindo muito nessa vida! Viva a mulherada!!! Minha cabeça gira calmamente. Pesada, caída. Insegurança. Solidão. Me viram como um corpo vazio. Mas vazio de quê? Volto para a pauleira, em uma fluidez paradoxal. O corpo acompanha o ritmo imposto e a psique não o bloqueia, não reage, é inerte. Perturbador! O corpo tende a se lançar ao chão, independente dos ritmos. Ação da gravidade. Minha cabeça pesa muito. Braços, pernas, quadris também. Ficam caindo, despencando, enquanto me movo sentada. Fraqueza. Deslizo a mão suavemente pela perna, e depois pelo rosto, cabelos, de olhos fechados. Minha boca abre quando as pontas dos dedos delicadamente as tocam. Troco de apoios saltitante e frenética, me debatendo no chão. Sinto deleite e prazer no caos. O movimento atrai o som. As mãos no rosto direcionam a cabeça solta de um lado para o outro. O toque leve passa a ser mais firme, e as mãos deslizam pelo cabelo da nuca para a testa. Ao som do piano, me movo introspectiva. Rolo me esparramando pelo chão. O movimento conversa com o chão, como se ele fosse uma extensão do corpo. Sento de lado, novamente minha cabeça pesada cai pra frente. Olho para a câmera. A tristeza às vezes se transforma em momentos de autoconhecimento. Hoje eu quero ir mais pra dentro ainda. Amanhã, não sei. Continuo olhando pra câmera e meu tronco vai caindo vagarosamente até chegar ao chão. Solto o braço e o ar. Deitada com os joelhos dobrados, as pernas caem no chão de um lado pro outro. Sento, deixo cair mão, pé, coxa. Essa dança é um retrato da contradição da existência. Solto o ar. Subo gritando.*

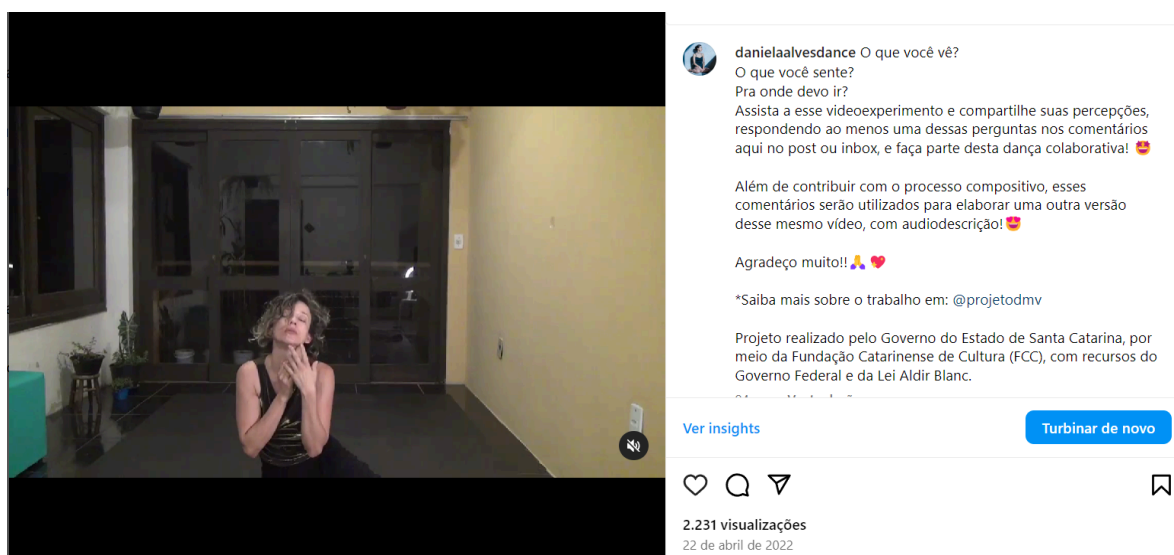
<sup>58</sup> Disponível em: [videoexperimento \(D\) - com audiodescrição](#). Acesso em 17/09/2023.



Essa foi a narração descritiva elaborada a partir dos comentários recebidos em relação ao Videoexperimento (D)<sup>59</sup>, compondo a versão com audiodescrição desse experimento, orientada também por Moira Braga. O trabalho integra mais um dos produtos do Projeto Woman's Performance, como apresentei anteriormente.

A experiência de dançar com a voz na gravação do áudio foi especial nesse experimento, dada a alternância de humores entre as cenas, que demandou a mesma dinâmica ao gravar o texto. Lentidão, fraqueza, letargia, cansaço foram qualidades que eu trouxe para a voz a fim de transpor para o áudio o estado de corpo que se opunha às cenas frenéticas, trazendo também para a audiodescrição a ideia de ambivalência.

Coordenar as palavras das colaboradoras com as cenas, junto com a descrição literal dos movimentos do corpo, e sob a orientação de uma pessoa especialista, foi uma tarefa meticulosamente efetuada, que me trouxe grande satisfação ao me sentir contemplada: as contribuições concatenaram perfeitamente com os gestos, intensificando sentidos e trazendo uma nova camada para a composição, criando imagem para quem não vê e recriando imagens para quem viu a versão inicial.



**Figura 17:** Postagem do videoexperimento (D).  
Captura de tela da página do Instagram de Daniela Alves.<sup>60</sup>

<sup>59</sup> Os comentários estão disponíveis na íntegra no Apêndice A deste trabalho.

<sup>60</sup> Disponível em: [Daniela Alves \(@danielaalvesdance\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em 28/07/2023.

A fala das colaboradoras me contempla também no sentido de contar minha história, o que fortalece o meu desejo de escrever este texto sob a perspectiva autobiográfica. Essa temática me interessou desde o início, já que minha pesquisa corporal é nada mais que minha experiência encarnada, minha história no corpo percebida de forma subjetiva e autêntica.

Assim, reconheço na escrita deste trabalho a utilização da memória de si como criação e atualização: quando narramos uma história, estamos recriando essa história.

Em certa medida, nossa pesquisa é sempre autobiográfica, e assumir isso é uma potência. Porém, autobiografia não é apenas falar de si, mas de um auto-objeto que problematiza nossa própria existência, atrelado à ideia de alteridade e artisticidade. Pra quem é que a gente escreve? O que vale no texto é o brilho nos olhos de quem conta a história.

Os três comentários abaixo, feitos em relação ao videoexperimento (A), mostram elementos notoriamente autobiográficos da minha Dança. O primeiro parece se referir a uma percepção mais abrangente a respeito da estética do videoexperimento sobre o qual o colaborador discorre. Já os outros dois mostram de forma mais explícita que se trata de uma fala mais íntima, vindo de pessoas que conhecem os trabalhos prévios e a história da artista.

Vi um corpo-reflexo, um corpo-impressão. Como se imprimisse estados de lógica e de sentidos, não se tratando apenas do comunicar ou informar as ações de movimento e da música, mas, de outorgar ao corpo suas próprias memórias para uso do movimento. São esquetes da sua subjetividade numa certa sistematização.<sup>61</sup>

Talvez um corpo na contramão do primeiro trabalho DMV, em que tudo era controlado, com muita força contrária, tensão, oposição.<sup>62</sup>

Vejo a história da tua dança, aquela das aulas, das festas, dos chuveiros, cozinhando, de teatros, ruas, bares, casas e esconderijos. Ir mais além em si mesma. Mergulhar nesta dança, nessa Dani.<sup>63</sup>

Já nos comentários referentes aos videoexperimentos (C) e (D), percebo, nas palavras das pessoas colaboradoras, a minha história mais explicitamente atrelada

<sup>61</sup> Disponível em: [Projeto DMV - daniela alves \(@projetodmv\) | Instagram](#). Acesso em 20/03/2023.

<sup>62</sup> Disponível em: [Projeto DMV - daniela alves \(@projetodmv\) | Instagram](#). Acesso em 20/03/2023.

<sup>63</sup> Disponível em: [Facebook](#). Acesso em 20/03/2023.

às ideias de *corpo de mulher* e de *libertação* – questões já presentes desde o primeiro vídeo produzido durante esta pesquisa e aqui nitidamente potencializadas pelos estudos em Feminismos, pelas práticas em Vogue e pela perspectiva autobiográfica.

Os comentários a seguir são sobre o videoexperimentos (C) e foram todos feitos por mulheres, o que me fez refletir sobre a criação de um corpo político a partir da performance autobiográfica.

Eu vejo uma mãe, que precisa cuidar dos filhos, mas ao mesmo tempo ter que dá conta de mil e uma coisas e o pouco de tempo que resta é para isso, se sentir um pouco louca e um pouco livre. 😂😂😂😂😂

Vejo uma mulher “extravasando”! Isso é terapêutico... 🌹👏👏👏👏😊  
Liberdade, ela curtindo só, desestressando, relaxando, sem se preocupar com ninguém e nem depender de ninguém

Quantas possibilidades de expressão! Vejo intensidade, gosto, suor, alegria, feromônio, flexibilidade com firmeza, ousadia, gandaia underground, me dá um drink, se joga na parede, no chão, vamo amiga, esquentar, carão, mais! Infinitude energética

Catarse, desprendimento, energia libidinal, Eros!

Corpo, animal, a presa que abriu a porta da jaula. Eu vejo a Dani na essência. Mas também me enxergo gritando por dentro, tentando exorcizar toda a dor, o peso, o medo, o julgamento e tudo que não aguento mais carregar.

Sinto algo meio o descontrole do orgasmo. (sic) Uma parada meio selvagem, longe dessa ideia de humanidade/papéis de gênero miseráveis. Algo tipo um bicho da natureza seguindo as vontades com constância. Aí sei lá quero me mexer

Corpo livre para se movimentar como quiser....vejo liberdade, flexibilidade e entrega à música.

Percebo uma expressividade espontânea, querendo ser vc mesma. Sem regras ou tabus. Apenas vivendo o momento 😊

No início do vídeo vejo uma mulher deixando seu corpo seguir o ritmo da música. Quando os movimentos vão para o chão, parece que a mulher está sofrendo. Os movimentos são mais truncados, como se a mulher estivesse sendo agredida

Uma mãe que tem que dar conta dos filhos e mais mil e uma coisas, sem sobrar tempo para si; uma mulher sofrendo, sendo agredida; uma presa que abre a porta da jaula; um bicho da natureza, livre de papéis de gênero miseráveis; uma mulher querendo ser ela mesma, sem regras ou tabus; uma mulher extravasando,

que curte só, sem depender de ninguém, que deixa fluir sua energia libidinal; um corpo de mulher que grita por dentro, tentando exorcizar toda a dor, o peso, o medo, o julgamento e tudo que não aguenta mais carregar: é evidente que as questões trazidas nesses comentários estão relacionadas com a circunstância de ser mulher no mundo, já que foram percepções realizadas por corpos de mulheres, relatando situações e sensações muito ocorrentes em corpos que existem nessa condição.

Os videoexperimento (D) também traz comentários de mulheres com essa mesma conotação específica – o que elas veem no vídeo é um corpo na condição de mulher, uma posição social historicamente oprimida e manipulada, que requer o enquadramento desses corpos em padrões de conduta que os privam de liberdades como se divertir, criar, voar, descansar, ou fazer o que desejam:

Eu vejo uma mulher se divertindo muito nessa vida! Viva a mulherada!!!

Perturbador! O corpo acompanha o ritmo imposto e a psique não o bloqueia, não reage, é inerte. Haverá batalha? A psique reagirá ou seguirá insatisfeita, manipulada?

Eu vejo uma mulher entre o batidão e a melancolia. Vejo uma mulher se alternando entre dois ritmos muito diferentes, exatamente como fazemos pra dar conta de conciliar a demanda doméstica e familiar e o desejo de criar, voar, ser livre pra fazer o que desejamos

Pauleira, cansaço e solidão de uma mãe de um bebê recém-nascido, uma mãe no puerpério. Quando a criança tá acordada, cuida cuida cuida pauleira pauleira pauleira, depois ela nem pensa mais em descansar, se conforma com o cansaço, e vem a solidão. O piano me trouxe o momento contraponto da correria. Momento que era pra ser relax mas não deu bem pra ser.

Começa tranquila, depois dança enlouquecida, perde o controle. Lembrou o conto dos Sapatinhos Vermelhos, do Livro Mulheres que correm com os Lobos - um aprofundamento na psique da mulher selvagem. É um livro dolorido, traz tapas na cara pra enxergar coisas que não queremos enxergar. O conto é sobre uma menina que era podada por sua mãe adotiva e que, quando a ela é concedida pela mãe a liberdade de escolher seus sapatos, ela escolhe sapatos que têm vida própria: ele dançava. Ela amou a sensação de dançar, era feliz nessa dança, mas, com o tempo, passou a não controlar os seus sapatos e os seus atos. O sapato não parava de dançar. Dançou dias e noites sem parar, até que ela cortou os próprios pés. A menina perde os pés e os sapatos, mas ao menos para de dançar. O conto nos ensina sobre autocontrole, autoconhecimento: a mulher quando é muito privada, presa na infância, perde o controle ao conseguir a liberdade, não encontra o equilíbrio. Como exemplo, temos mulheres adultas que se separam e viram alcoólatras, não conseguem controlar essa liberdade.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Transcrição resumida de um comentário entregue em áudio inbox.

De fato, ao performar os videoexperimentos, uso minha memória incorporada para criar uma manifestação artística que, ao expor subjetivamente questões pessoais profundas, conectadas com pensamento e práticas feministas, dialogo com quem consegue perceber em si questões da mesma natureza, “desempenhado uma função crítica na criação de um espaço discursivo para minorias que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante.” (Bernstein, 2001, p.92)

Assim, trago minha memória para a experimentação: a memória do corpo que é revivida e reformulada ao se deparar com os acontecimentos que se realizam na experiência em Dança. Essa reformulação ocorre junto com uma transmutação por meio da Arte, quando o fazer artístico dá conta de amenizar angústias, perturbações e até mesmo contribuir na digestão de traumas, tanto para a pessoa artista quanto para a espectadora, quando essas feridas não são apenas pessoais, mas coletivas.

É o que ocorre nos videoexperimentos: a figura feminina, amarrada aos demais elementos na cena, faz aparecerem problemas que são peculiares de pessoas que existem no mundo na condição de mulher: a mulher-mãe sobrecarregada, cansada e solitária; a mulher-bicho, enjaulada em seu papel de gênero, ávida por se desprender com sua energia libidinal; a mulher-corpo, necessitado de liberdade para se movimentar como quiser, expressando-se espontaneamente, sem regras ou tabus; a mulher que sofre, agredida, manipulada, que grita por dentro, e que não consegue dar conta da própria liberdade quando lhe é concedida; a mulher que se diverte muito, que curte só, sem depender de ninguém, que extravasa e exorciza toda a sua dor.

Assim, percebo que a performance solo, concebida sob uma perspectiva autobiográfica, é possibilidade de produção de um corpo político, relacional, atravessado pela memória pessoal, quando é também memória coletiva, e pela potência de transmutação por meio da Arte.

Identifiquei de forma mais enfática essa agência transformadora da Arte logo que iniciei a pesquisa com o dispositivo DMV. Esse trabalho surgiu como insurgência de um corpo angustiado, consumido, fatigado por questões pertinentes à condição de ser mulher, associado a um período prolongado de estagnação, quando fiquei cinco anos sem atuar na cena, envolvida com maternidade, casa e casamento. Percebi, então, que eu precisava da Dança para continuar existindo: foi com a

potência dessa inércia e dessa perturbação que os caminhos me levaram à criação do dispositivo DMV.

Minha história estava impregnada no corpo, e isso era nítido quando eu ouvia os comentários das pessoas colaboradoras virtuais que respondiam às perguntas sobre minha Dança. Em meu relato de experiência sobre essa fase inicial da pesquisa, intitulado Direção múltipla virtual (DMV): dispositivo de composição em dança colaborativa, eu descrevo que “essas ações do corpo estavam carregadas de ideias, assuntos, questões e conceitos indissociáveis da própria ação, coisas que o corpo carrega, palpáveis ou não, mas todas visíveis.” (Alves, 2021, p. 2121). E eu sentia que o movimento, na qualidade que ele se realizava naquele momento, naquele contexto, funcionava como uma forma de drenar, exorcizar, reformular minhas angústias, ao mesmo tempo que contribuía com a construção de uma Dança interativa, descentrada, experimental, inacabada, grotesca, guiada pela incerteza, aberta a quem quisesse participar.

Da mesma forma, nessa nova fase da pesquisa, ao colocar em prática as contribuições das colaboradoras, junto com os estudos que atravessam a pesquisa, a fim de compor os vídeos, as questões que estavam no corpo vieram à tona. Não se pensou primeiro em uma temática para depois criar a ação, mas a corporificação dos enunciados é que trouxeram a problemática.

Assim, o dispositivo DMV funciona como um disparador de investigações de dramaturgias do corpo a partir da Dança, um mecanismo que coloca o pensamento em prática, e é nesse lugar que entra a atuação da memória corporificada: a escrita de si transmutada e ampliada do pessoal para o político.

Maria Lucia Leal, em seu trabalho “Memória e Autobiografia na Composição da Cena”, atenta para a intersecção entre vida e arte, entre memória e ficção, pensando

a cena como um lugar privilegiado para ressignificar experiências. Ao reencenar, ficcionalizar dados autobiográficos, cria-se a possibilidade de refletir sobre esses eventos [...] Ao fazer isso, além de se dar visibilidade a narrativas silenciadas pelo discurso dominante, os performers têm a possibilidade de ressignificar essas experiências num processo de autorreflexibilidade e transformação pessoal para além da cena. (Leal, 2011, p.3)

A autora discorre sobre a importância da memória pessoal e coletiva para a criação artística, “pensada em sua relação estreita com experiência, autobiografia e

criação na contemporaneidade” e que atuam “como procedimentos que colaboram para outras possibilidades dramatúrgicas e coreográficas que tentam criar contradiscursos à lógica dominante. (*Ibid.*, p.1)

A ideia de memória apresentada por Leal não se refere a uma sucessão de acontecimentos fidedignas ao ocorrido, mas se alinha ao que Beth Lopes coloca em seu artigo “A Performance da Memória”:

O espaço da memória é um lugar de trânsito de ideias e sentimentos, um lugar de subjetividades, de revelação da interioridade do performer na razão direta da sua exterioridade. As emoções que o performer perpassa na sua pele, na sua carne, na sua expressão inscreve uma ‘matriz de si’. Ao acessar as vias profundas da vida pessoal do performer, a imaginação evoca, distorce e muitas vezes reinventa as lembranças, fazendo-as vibrar nos gestos compostos por diferentes níveis do ‘real’. Lembrar não significa fidelidade aos fatos como eles realmente aconteceram. Lembrar está ligado ao imaginar, ampliar, omitir. Distorcer faz parte dos mecanismos da memória, na medida em que nossa imaginação acrescenta ou retira os fatos como uma autodefesa da sua mente.” (Lopes, 2009, p. 137)

Lopes explica que a importância dessa memória é o efeito que ela causa por meio das emoções, impressões, sensações, atravessamentos, articulações e desarticulações, formando o “o corpo vibrátil do performer” (*Ibid.*, p. 140). A autora exemplifica essa ideia de corporificação da memória mencionando o método criativo de Pina Bausch, que funciona a partir de perguntas feitas pela coreógrafa às pessoas dançarinas, que, por sua vez, respondem com movimentos, trazendo as sensações da memória para o corpo, e assim se faz a Dança. (*Ibid.*, 2009, p. 141)

Similarmente, em meu trabalho com o dispositivo DMV, procuro trazer para o corpo as respostas das pessoas colaboradoras virtuais, fisicalizando suas palavras, e, assim, dar continuidade à pesquisa. Enquanto minha memória, nesse entendimento expandido, está em meu movimento, no corpo, as palavras das colaboradoras se tornam corpo quando pronunciadas, em um fluxo contínuo de troca de informações, fenômeno que está em consonância com a Teoria Corpomídia, proposto por Helena Katz e Christine Greiner. “As trocas/contaminações não acontecem depois que corpo e ambiente existem, mas são elas que os constituem.” (Katz e Greiner, 2011, p.4)

O conceito de corpomídia apoia também o artigo “Autobiografia dançada – estratégias de acesso no processo de criação”, de Eduardo Augusto Rosa Santana, contando que, como não existe um *dentro* do corpo separado de um *fora*, não há

também a convicção de que a autobiografia é algo completamente pessoal, mas pode ser compartilhada, fazendo, do discurso particular, um discurso coletivo. (Santana, 2007, p.2)

Santana afirma ainda que “a memória, comumente vista como atividade mental, é integrada a um entendimento de unificação com o corpo, atualizando-as em formatos motores e simbólicos do corpo nos gestos e nas cenas de dança.” (Santana, 2007, p.1)

Portanto, a ideia de memória, que está intimamente atrelada à atividade autobiográfica, e que, “evidentemente, é a raiz dos procedimentos criativos do performer” (Lopes, 2009, p. 135), é compreendida aqui não como uma entidade ligada estritamente ao pensar cerebral e à recordação de eventos ocorridos, mas como uma instância ligada a todo o corpo e suas subjetividades, atravessado por suas experiências e afinidades, e por toda a complexidade que cada ser apresenta, por ser específico, singular. O acesso à memória no corpo se dá por um ato perceptivo: os sentidos se comunicam, em um emaranhado de informações que, em seguida, ultrapassam a noção do “lembrar” para “o que está sendo produzido” no corpo.

Essa produção de corpo que vibra com a memória – ativada para/com o fazer artístico –, como vimos nos exemplos apresentados, opera no sentido de lidar com experiências traumáticas, proporcionando no performer uma espécie de transcendência, exorcismo, atravessamento. Esse corpo vibrante em transmutação, nesse estado, tende a se conectar e então se potencializar com outros corpos-memórias similares.

Ainda, essa ideia de memória corporificada se relaciona com a premissa da Teoria Corpomídia de que “toda informação vira corpo”: da mesma forma, eu diria que *memória é corpo*.

Entendendo que corpo e ambiente (ou corpo e informação) são interdependentes para existir, Katz e Greiner (2011, p. 6) apontam para a responsabilidade social que temos a todo o momento de construir corpo e ambiente. Nossas escolhas (e também o que não podemos escolher) estarão sempre participando, a todo o instante, da criação dos corpos, da sociedade, do mundo. Ainda, junto com o que colocamos no mundo, e com o que nos é colocado, sempre haverá um posicionamento político.



Trazendo essa lógica para o assunto principal deste texto, a escrita de si pode comunicar ao mundo algo mais ou menos comprometido com uma demanda coletiva, pode trocar mais com um certo grupo de pessoas do que com outro, pode propor uma visão ou conduta mais ou menos atrelada a padrões hegemônicos opressores, de acordo com o que compõe essa memória-corpo e como se manifesta. Estar atenta à responsabilidade social e ao posicionamento político que o corpo sempre apresenta – mesmo que não se esteja alerta a isso – torna uma escrita de si possível de ser uma autobiografia compartilhada e comprometida com questões políticas, afirmando que sim, contar a sua história pode colaborar com a construção de um corpo relacional e político.

Quando iniciei minha pesquisa com o DMV, meu propósito era construir novas dramaturgias e corporeidades em Dança e assim ampliar a discussão do corpo na contemporaneidade. Ao longo dos anos, tanto por conta de respostas do público diante dos videoexperimentos como também pelas minhas experiências de vida como mulher, passei a assumir que essa conversa sobre o corpo contemporâneo, a partir do entendimento de seu significado e potência, ocorreria especificamente no âmbito do corpo de mulher – ou “dos corpos de mulheres” –, que, no meu trabalho, é uma peculiaridade evidente do corpo-memória-informação que está em cena, nas proposições corporais postadas em vídeo.

Entendo *mulher* como uma categoria ampla, diversa, em que ocorrem diferenças essenciais de raça, idade, orientação sexual, identidade de gênero, classe social, entre outras, mas que há algo em comum: ser mulher como condição de existência no mundo, o que significa “conviver com variados riscos e distinções em relação ao ser homem, entre eles o risco constante de violência sexual e a subalternização/desvalorização de nosso trabalho.” (Caetano, 2020, p.4). Ser mulher é pertencer a um grupo diverso de pessoas formado por “corpos que não importam” (BUTLER, 2000, p. 151 *apud* Caetano, 2020, p.3), juntamente com tantos outros corpos hostilizados, como, por exemplo, as pessoas trans, as pessoas negras, as indígenas.

É evidente que meu trabalho solo não dá conta de trazer para a discussão os corpos mais invisibilizados desse grande grupo que abarca o que é ser mulher – mulheres negras, indígenas, transgêneras, gordas, entre outras – pois sou um corpo de mulher “padrão” – branca, magra, cisgênera, sem deficiência. Ainda assim, estou atenta ao fato de que a prática do Feminismo deve ser pensada a partir da

intersecção de aspectos como raça, etariedade, nacionalidade, classe, gênero, e demais eixos de diferenciação social. Não é possível entender o gênero como categoria pura, mas como o entrecruzamento dessas peculiaridades, que complexificam suas demandas dentro do movimento feminista.

A autora feminista decolonial Maria Lugones destaca a importância de conceituar o gênero como uma das formas de opressão colonial e a necessidade de construir um feminismo que questione os padrões eurocêtricos. Segundo a autora, a colonialidade – que se refere a padrões de comportamento e de crenças, decorrentes de uma situação colonial pré-existente –

se manifesta nas ideias de teorias feministas hegemônicas, pois são ideias eurocentradas e universalizadas de emancipação da mulher, sem considerar as diferenças essenciais que existem entre as mulheres brancas, as mulheres negras, latinas, índias e suas opressões. (Dias, 2019, p.5)

Assim, Lugones afirma que “a despatriarcalização só é possível se houver a descolonização do saber e do ser, a partir de um feminismo decolonial”. (Lugones, 2012, p.1 *apud* Dias, 2019, p.12).

Não vejo sentido, portanto, em defender um feminismo que só considera o grupo de mulheres mais privilegiadas – o feminismo branco – enquanto a luta contra o patriarcado só é possível se estiverem todas presentes. As questões que trago no corpo estão intimamente ligadas ao fato de ser mulher, portanto senti a necessidade de me aprofundar nos estudos sobre o Feminismo, e de proliferar o pensamento feminista para que seja uma luta de todas as pessoas, e não apenas das mulheres.

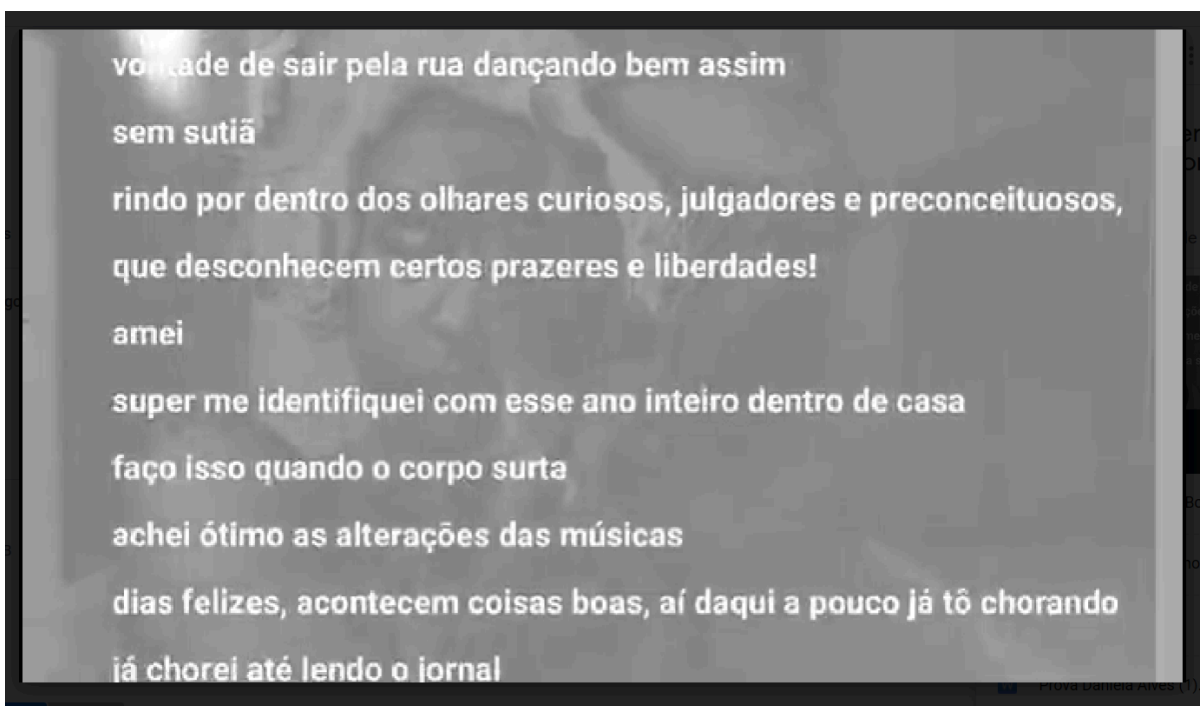
Afinal, ressignificação do corpo de mulher na sociedade atual é um assunto emergente e necessário, pois são séculos de opressão e crueldade que perduram em nossa cultura estruturada no patriarcado e no machismo.

Acredito que a construção e a difusão de novas corporeidades dentro dessa cultura deve contribuir significativamente com avanços na percepção do que é esse corpo de mulher na contemporaneidade e, conseqüentemente, na modificação de condutas hegemônicas da sociedade que tendem a depreciar e hostilizar a existência desses corpos.

Tornar esse diálogo interessante para o público em geral – especialmente diante de contextos e sujeitos que não transitam em meios produtores de arte contemporânea –, é também uma provocação com a qual me defronto e pela qual

me instigo, ao reconhecer que a manifestação de uma abordagem interseccional e decolonial do feminismo como atitude transformadora da sociedade é algo de extrema importância.

Outra característica que observo em meu trabalho a partir do olhar das pessoas colaboradoras é o *mover-se a partir de seus desejos*, que considero algo revolucionário em se tratando de corpo de mulher no mundo patriarcal neoliberal em que vivemos. Essa motivação para mover também denota um posicionamento político anticapitalista, já que o capitalismo opera justamente na ideia de falta, na ideia de corpo insatisfeito, enquanto que o corpo, na verdade, é suficiente por si só, quando se deleita em sua própria existência, dotada de sensações provocadas pelo simples, complexo e autêntico mover.



**Figura 18:** Vídeo com compilação de comentários sobre o videoexperimento (A).<sup>65</sup>

Vale salientar que nem todos os corpos de mulher terão a permissão para se mover conforme suas vontades, justamente pelo fato de que “ser mulher” não é uma ideia homogênea nem uniforme, mas há gritantes discrepâncias, como mencionei anteriormente. Ainda, há dificuldade, de modo geral, em distinguirmos nossos desejos reais daqueles produzidos pelo patriarcado, pelo racismo e pelo capitalismo.

<sup>65</sup> Captura de tela. Vídeo disponível em: [videoexperimento \(A\) - colaboração](#). Acesso em 13/05/2023.

De fato, nossa autoimagem – incluindo comportamentos, hábitos, gestos – está muito infectada por padrões hegemônicos gerados pela sociedade patriarcal em que vivemos. Uma prova disso é que “ser mulher”, em um entendimento generalizado e pouco discutido, está relacionado a aspectos de feminilidade, que passam a fazer parte da nossa construção de identidade, assim como tantos outros aspectos problemáticos como a heteronormatividade e a branquitude. Nossas escolhas, nossas preferências, o que nos atrai, tudo isso é construído socialmente.

Ainda assim, buscar a liberdade de expressão pelo movimento é algo que me instiga na Dança que eu faço e que, ao colocá-la no mundo, convido as pessoas a fazerem também, mesmo que a ideia de “liberdade” esteja inevitavelmente atrelada a essas construções sociais e a limitações de contextos específicos.

Também contrariamente aos ideais capitalistas e dominantes, observa-se em minha proposta de trabalho a noção de incerteza, experimentação, inacabamento, aspectos que me instigam desde que comecei a trilhar no caminho da Dança investigativa, da Dança Contemporânea. Operar sob a luz da incerteza confere ao corpo uma incessante reorganização, livrando-o de engessamentos e definições, e aproximando-o da liberdade de ser real. As necessidades do corpo mudam conforme os acontecimentos, as ideias, as colaborações, e, principalmente, com os desejos que surgem no decorrer do percurso.

Colocar no mundo uma Dança que quebra com modelos hegemônicos, uma Dança ávida por se livrar dos arquétipos instalados em nossa cultura que enrijecem os conceitos sobre corpo e existência, reforça um posicionamento político por um mundo menos defasado e rude. Chamar as pessoas para atuarem como colaboradoras dessa Dança é uma tentativa de propiciar o exercício de treinar modos de perceber o mundo e ampliar formas de se posicionar na sociedade.

Aproximar a Dança de questões políticas e transformadoras da sociedade, dispondo de novas formas de desenvolver processos artísticos, no lugar de reafirmar a ideia arcaica de que a Dança opera unicamente no campo do lazer e do bem-estar, é uma atitude que fortalece a Dança como área de conhecimento e ferramenta poderosíssima para modificação de corpos, pensamento e sociedade, para um mundo onde os corpos possam ser livres para mover.

Por fim, essas reflexões sobre os videoexperimentos e seus atravessamentos firmam aspectos a respeito da memória autobiográfica na formação do corpo político atuante na performance em Dança solo e na transmutação de si e do seu entorno, o

que reafirma meu fazer artístico e potencializa os propósitos do meu trabalho, abrindo horizontes para novas percepções e condutas no processo criativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação a partir do dispositivo direção múltipla virtual é uma proposta de incerteza. É lançar-se ao compartilhar o processo criativo com outras pessoas, sem saber ao certo quem serão essas pessoas, tampouco a que caminhos vão levar a pesquisa. É, ao mesmo tempo, aceitar que as vias são múltiplas, assim como os olhares, os quais podem conduzir simplesmente a ficar onde já se está, enfatizando o que já se é. Neste sentido, a direção pode apenas fazer assumir a permanência em um lugar para fazer dele um lugar diferente, ao simples fato de que, quando se ouve outrem a respeito de si mesmo, modifica-se.

Operar sob a luz da incerteza confere ao corpo uma incessante reorganização, livrando-o de engessamentos e definições, e aproximando-o da liberdade de ser real. Assim, procurei alimentar o espaço da dúvida e vivenciar o processo estando atenta, de sobreaviso, disponível e disposta, afinal, se não houver dúvida, não é pesquisa, é legitimação de nossas certezas.

A concepção de Dança investigativa se opõe à ideia de Dança como mero ornamento ou entretenimento, prevalecida pela grande mídia e eventos competitivos nessa área, e não se atém a padrões pré-estabelecidos e aceitos pela sociedade em geral, mas instaura novas concepções de sentido e significado. É uma Dança que parte de um corpo vulnerável e aberto, suscetível ao acesso de suas próprias e únicas experiências e também a novas experimentações a que se propõe, e não um corpo que apenas repete formas e procedimentos “bem-sucedidos” aos olhos do grande público.

Ressignificar a Dança e seus propósitos, portanto, é um desafio com o qual as artistas da Dança se defrontam ao optar por essa vertente experimental, algo que me motivou a buscar novas formas de desenvolver processos artísticos: expandir as fronteiras, permitir possibilidades de observação e interações, investigar o que move a pesquisa, e como ela interfere no outro e no espaço.

O que queremos criar nesses tempos? O que queremos mover em nós? O que a minha pesquisa move? São perguntas que me guiaram durante meu caminho, sabendo que as respostas são circunstanciais.

Penso que, tendo como objeto de estudo da minha pesquisa o dispositivo de criação DMV, o que estou realmente investigando são formas de colocar a Dança no mundo a fim de proporcionar novas corporeidades, desviando de formatações e

convenções sociais acerca do corpo, dominado por condutas hegemônicas criadas pelo lógica do capitalismo. Procuro preencher a lacuna entre o ser e o se realizar, a partir de um convite a quem puder se sensibilizar: busque no corpo a sua existência, com a sua própria maneira de se mover e se expressar. A minha forma de apresentação é pela Dança, uma Dança que vai além do que a maioria das pessoas espera que seja a Dança, que se realiza na subjetividade de cada pessoa, entre o fazer, o sentir e o mostrar.

O projeto DMV foi o ápice do meu percurso em Dança investigativa: uma proposta ousada, inovadora e que moveu muitas pessoas ao meu redor; um acontecimento que me trouxe autonomia, credibilidade e crescimento como artista e como pessoa.

O Prodan/UFBA, com seu programa voltado para a prática, trouxe a oportunidade de potencializar esta pesquisa, complexificando meu entendimento acerca de meu próprio trabalho, e situando o DMV como uma obra-dispositivo, uma obra que se faz no fazer, que se realiza como obra já no processo de feitura, e não apenas quando atinge uma forma que satisfaça a configuração de obra acabada. Essa nova concepção sobre meu trabalho impacta os modos de criar e perceber Dança e, conseqüentemente, de pensar o corpo e a sociedade, e isso se deu pela qualificação desta proposta de pesquisa a partir de um reconhecimento de mim como sujeito social e do contexto no qual estão inseridas minhas práticas profissionais, buscando o fortalecimento do meu lugar como profissional da Dança, pertencente a um grupo potente e transformador da sociedade por meio dessa área de conhecimento que é a Dança. As discussões no Programa de Mestrado partem da afirmativa de que devemos ter participação produtiva na sociedade, e não apenas no mercado de trabalho: o sujeito é representante de um grupo social, inserido em um contexto, em um ambiente.

Qual a demanda do ambiente? Qual a potência desse sujeito atuante nesse contexto? Que grupo social esse sujeito representa? Que sujeito é esse dentro dessa perspectiva? Essas perguntas me estimularam a assumir o compromisso de sujeito implicado, que desenvolve a pesquisa em uma abordagem emancipatória, atuante em seu contexto social com base em um pensamento complexo, construído sob a perspectiva da interdisciplinaridade.

A colaboração é um aspecto marcante na pesquisa com o DMV, que conta com a participação de pessoas interessadas em contribuir com suas impressões a

respeito de videoexperimentos que compartilho nas redes sociais virtuais. A partir das percepções de outrem a respeito de minha Dança, potencializo o que estou fazendo e/ou experimento novos rumos, proporcionando integração entre artista, plateia e obra, com ênfase na importância da coletividade em processos criativos.

Ainda sobre uma atitude flexível, cambiante, em relação a procedimentos artísticos, observo em minha pesquisa que o treino varia de acordo com cada projeto: as necessidades do corpo mudam conforme os acontecimentos, as ideias, as colaborações, e, principalmente, com os desejos que surgem no decorrer do percurso. Assim, percebo que todos os atravessamentos aqui mencionados – como os estudos em Vogue e em Feminismo; as práticas de Corpo Infinito; o curso “O ano que vem chegou” e suas reflexões sobre o mundo das telas; os projetos “DMV – continuidade e o Projeto “Woman’s Performance”, assim como a rigidez dos editais aos quais foram submetidos – afetam significativamente o funcionamento do dispositivo DMV, incrementando sua efetividade, ainda que não fossem procedimentos programados, mas sim evocados pela necessidade do processo.

Também sobre o aspecto de abertura da pesquisa e as contribuições do Prodan ao processo artístico, os estudos sobre percepção iniciados no programa de mestrado foram decisivos para que eu pudesse olhar para o DMV de uma outra forma, passando a concebê-lo não apenas como um dispositivo de composição para um trabalho solo, mas como uma obra que se realiza no processo, ou seja, uma obra-dispositivo, construída no ato da colaboração das pessoas que se dispõem a elaborar em palavras aquilo que veem a respeito da Dança proposta em vídeo.

Como se trata de um tema complexo e vasto, não haveria espaço nesta pesquisa para aprofundamentos nos estudos da percepção, assim, introduzo aqui minhas intenções em desenvolver esse tema futuramente, unindo a ideia de movimento e percepção conforme o pensamento de Alain Berthoz em sua obra “The Brain’s Sense of Movement” (2000).

Partindo da ideia de que a complexidade da Dança é algo a ser percebido, que a percepção se dá por meio dos sentidos, e que o movimento pode ser considerado um sentido (Berthoz, 2000), identifico a necessidade de recorrer aos tópicos percepção e movimento para apresentar os múltiplos aspectos da Dança a quem não tem familiaridade com ela. Entre o corpo e o mundo, existem os sentidos. As coisas do mundo são lidas pelo corpo por meio dos sentidos, ou seja, o corpo depende dos sentidos para perceber as coisas do mundo. A ação de perceber a



Dança e suas nuances, seja assistindo ou experimentando-a no corpo, é atravessada pelas experiências e afinidades da pessoa que a percebe, e por toda a sofisticação que cada ser apresenta, por ser específico, singular. A forma como o corpo percebe o mundo é parcial, ocorre da maneira que o corpo dá conta de perceber, então a faculdade de perceber não está no campo do querer, mas sim atrelada aos limites do corpo. Porém, o modo como o corpo percebe não é fixo, ele altera de acordo com as experiências que tem ao longo do tempo, e, como a percepção é uma ação do corpo (Berthoz, 2000), ela pode ser treinada e expandida. Assim, para compreender a complexidade da Dança, é preciso realizar o exercício de ampliar o campo da percepção, aguçando os sentidos, com a prática do olhar sensível e da escuta do corpo a partir do que é dado. Um desses sentidos a ser estimulado é o movimento, proposto pelo neurofisiologista francês Alain Berthoz como o “sexto sentido”. Dessa forma, o movimento é uma maneira de o corpo olhar o mundo: mover-se é um modo de lidar com o mundo.

Na presente pesquisa não houve consideração sobre a influência da experiência específica do movimento da pessoa colaboradora em sua contribuição com a obra, mas sim sua experiência de forma mais ampla, ou seja, falei aqui sobre o quanto o olhar da pessoa colaboradora em relação à Dança que proponho está atrelado às suas vivências, porém não houve espaço para discorrer sobre o quanto o movimento como sentido pôde colaborar com sua respostas.

Esse é um tema que se abre aqui e que me interessa muito pois, uma vez que o movimento pode ser tratado como sexto sentido, isso significa que o tipo de movimento com que o corpo tem mais familiaridade seja a maneira através da qual ele lê melhor o mundo, pois o sentido percebe o mundo de acordo com a sua familiaridade. Assim, dependendo do tipo de treino – e isso vale para todos os sentidos –, o corpo fica habilitado para ler o mundo mais de um jeito ou de outro. Junto com o movimento, vem uma visão de mundo, o corpo fica habituado a esse determinado tipo de mundo, e a pessoa tenderá a olhar para as danças a partir dessa visão de mundo proposta pelo movimento treinado. Ao treinar um certo tipo de movimento, portanto, o corpo adere a um entendimento de mundo, e não apenas a uma técnica. Assim, não existe um movimento ou gesto que seja meramente motor, junto dele existe um posicionamento social. Essa visão de mundo, construída não apenas pelo sentido do movimento, mas por todos os seis sentidos horizontalmente ligados, pode afastar ou aproximar a pessoa de perceber a complexidade da Dança,

entendimento que se dá na identificação de especificidades dessa Dança, que, por sua vez, ocorre com o treino do olhar investigativo, com a alfabetização do olhar – um trabalho de expansão do campo perceptivo.

Treinar esse olhar é um dos propósitos do dispositivo DMV, o que ocorre quando as colaboradoras se dispõem a observar coisas que não estão em seu cotidiano, motivadas pela generosidade e vontade de fazer a obra junto. Essa ação é uma maneira de aguçar os sentidos e a percepção, já que o modo como percebemos não é fixo, ele altera de acordo com as experiências que temos ao longo do tempo: “o cérebro não para nunca de falar consigo mesmo.” (Meyer, 2002, p. 42).

Atuar como colaboradora virtual por meio do dispositivo DMV, portanto, é um exercício que estimula os sentidos para ampliar formas de perceber a si e ao mundo, com a prática do olhar sensível e da escuta do corpo a partir do que é visto-ouvido-sentido.

Além dos estudos em percepção como apontamentos futuros desta pesquisa, outro tema que me despertou interesse ao longo dessa experiência com o DMV foi o dilema das redes sociais, já que elas procuram reforçar hábitos cognitivos avessos ao senso de coletividade, funcionando como *redes antissociais*. Ao mesmo tempo, o mundo virtual parece ser indispensável para aproximar a Dança de questões políticas e modificadoras da sociedade, pois favorece o processo colaborativo e interativo devido ao alcance da Internet. Essas reflexões permearam toda a pesquisa, e tendem a ganhar aprofundamento na continuidade da investigação.

Futuramente pretendo também, caso haja aprovação em editais próximos, utilizar o recurso de tráfego pago disponibilizado nas redes sociais a fim de expandir as possibilidades de alcance dos vídeos, e assim otimizar o propósito do projeto de atravessar as bolhas virtuais em que estou incluída.

Outro recurso a ser experimentado em novas etapas do projeto DMV é a utilização do dispositivo em formato presencial, o que já foi realizado nos dois projetos que abarcaram esta pesquisa, aqui mencionados. No projeto Woman's Performance, além dos encontros com as Feiticeiras nos treinos, realizamos uma Imersão com uma programação intensificada, na qual propus, dentre tantas práticas, o exercício de olhar e ser olhada: fizemos em duplas, enquanto uma pessoa

dançava, outra observava e anotava o que via, o que sentia, e o que sugeriria como caminho de pesquisa para a pessoa observada. As conversas entre as participantes se mostraram produtivas, no sentido de que cada uma pôde modificar a forma de se ver, a partir dos comentários da outra, contribuindo com a percepção de si e a construção de autoimagem. A prática da percepção se dá também em quem se dispõe a ver outrem com atenção, analisar, e generosamente elaborar sua fala para entregar à pessoa vista – um treino do olhar e da colaboração.<sup>66</sup>

Esse exercício também foi realizado na Imersão Corpo Infinito – conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea, durante o Projeto DMV – continuidade, e se refere a um desdobramento da ideia de direção múltipla, que é se afetar com a atividade de ver e ser vista, e, assim, compor Dança e palavra. A atividade foi feita em dupla para otimizar o tempo e para proporcionar um diálogo mais íntimo, mas pode ser realizada também em grupo – enquanto uma pessoa dança, várias outras veem e colaboram, colocando em prática um dispositivo de *direção múltipla presencial*. São possíveis repercussões da ideia inicial que podem servir como mecanismos de composição e de estímulos de percepção.

Ao longo da utilização do dispositivo – criado inicialmente para proporcionar interação entre artista e plateia tendo, como espaço, o vasto ambiente virtual online –, continuo avaliando sua aplicabilidade e possíveis repercussões às pessoas envolvidas, principalmente ao considerar a problemática atual referente ao uso excessivo das telas e conseqüente deturpação dos corpos.

Ainda sobre a continuidade da pesquisa, certamente se valerá das oportunidades de editais e seus regimentos, levando adiante todas as questões levantadas neste estudo aqui apresentado. Considerar a fala do gesto como um outro tipo de mover, que tem a força das palavras, é uma concepção que se solidifica na presente fase da pesquisa, assim como o entendimento do DMV como um dispositivo poético que se realiza no fazer, tratando o processo como a própria obra.

Mover-se a partir dos próprios desejos, em um campo não projetivo, sem um objetivo final delimitado privilegia o processo em detrimento do resultado, e isso é um enfrentamento à indústria do entretenimento e ao pensamento capitalista, já que

---

<sup>66</sup> Parte desse exercício está documentado no memorial do Projeto, a partir dos 34'24" do vídeo disponível em: [Memorial Projeto DMV - Woman's Performance](#). Acesso em 03/06/2023.

o capitalismo opera justamente na ideia de falta, na ideia de corpo insatisfeito, enquanto que o corpo, na verdade, pode ser suficiente por si só, quando – provido de suas necessidades básicas – se deleita em sua própria existência, dotada de sensações provocadas pelo simples, complexo e autêntico mover.

Essa motivação para o mover também é algo que levarei adiante em minha pesquisa, já que, no meu trabalho de criar novas corporeidades, há a intenção de ampliar a discussão acerca do corpo na contemporaneidade, especificamente o corpo de mulher, e mover-se a partir dos desejos do corpo é algo revolucionário em se tratando desse corpo no mundo patriarcal neoliberal em que vivemos.

Ainda que haja dificuldade, de modo geral, em distinguirmos nossos desejos reais daqueles produzidos pelo patriarcado, pelo racismo e pelo capitalismo, e, tendo em vista que a liberdade é algo, em geral, muito restrito aos corpos, parto para uma nova etapa da pesquisa com o lema que surge aqui: libertação é a palavra. Reitero este corpo na condição de mulher, trazendo minha história para a Dança que faço, que se conecta com outros corpos em situação similar, ou que, de alguma forma, sentem-se sensibilizados pela dança-convite que lhes é apresentada.

Sigo, portanto, com minha performance solo concebida sob uma perspectiva autobiográfica, certa de que essa Dança é possibilidade de produção de um corpo político, relacional, atravessado pela memória pessoal, quando é também memória coletiva, e pela potência de transmutação por meio da Arte.

Reafirmar esses elementos de forma subjetiva e carnal é algo que faz eu me aproximar dos meus propósitos, chegar mais perto do que estou buscando, algo impreciso e guiado pelas paixões, mas também por processos objetivos, como os métodos de pesquisa utilizados neste trabalho. Assim, continuo na busca de mais objetos, memórias, autorreferências, considerando meu próprio percurso, para uma pesquisa emancipatória, mas também de novas referências, para uma pesquisa multirreferenciada, e de novas organizações dos processos, para uma pesquisa sistematizada.

Reconhecer a experiência como motivo gerador de produção de conhecimento e de entusiasmo para levar os trabalhos com Dança adiante me faz seguir criando minha Arte, juntamente com minha vontade cada vez maior de fortalecer a Dança como área de conhecimento – assim como, por exemplo, a Filosofia, a Pedagogia, a Biologia, as Artes Cênicas, que são áreas do saber em trânsito com a Dança–, essa Dança que, como disse anteriormente, é ferramenta

poderosíssima para modificação de corpos, pensamento e sociedade, para um mundo menos obsoleto e hostil, onde os corpos possam ser livres para se moverem.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia – Revista de Literatura – PPGL/UFSC**, Florianópolis, N. 5, p. 9-16, 2005.

ALVES, Daniela. **Direção múltipla virtual (DMV): dispositivo de composição em dança colaborativa**. Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 2117-2123. Disponível em: [Direção múltipla virtual \(DMV\): dispositivo de composição em dança colaborativa | Galoá Proceedings](#) Acesso em: 20 maio 2022.

ALVES, Daniela. **Daniela Alves**. Disponível em: [Daniela Alves - YouTube](#) Acesso em 11 abr. 2021.

ALVES, Daniela. **Daniela Alves**. Disponível em: [Projeto DMV - daniela alves \(@projetodmv\) • Fotos e vídeos do Instagram](#) Acesso em 11 abr. 2021.

BERNSTEIN, Ana. **A performance solo e o sujeito autobiográfico**. Revista Sala Preta, do PPGAC-ECA/USP. São Paulo: ECA/USP, n.1, 2001, p. 91-103. Disponível em: [A performance solo e o sujeito autobiográfico | Sala Preta \(usp.br\)](#) Acesso em: 20 maio 2022.

BERTHOZ, Alain. **The brain's sense of movement**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

BUTUROIU, Raluca. Thoughts on Antisocial Media. How Facebook Disconnects Us and Undermines Democracy by Siva Vaidhyanathan. **Romanian Journal Of Communication And Public Relations**, Bucureste, v.22, n.1, p. 145-149, 2020. Disponível em: [Thoughts on Antisocial Media. How Facebook Disconnects Us and Undermines Democracy by Siva Vaidhyanathan | Romanian Journal of Communication and Public Relations](#). Acesso em: 20 jun. 2022.

BIRRINGER, Johannes. Dança e Interatividade. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança PPGDança – UFBA**, Salvador, V. 7, N. 1 – jul/dez. 2022.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAETANO, Nina. Po-éticas de [re]existência – práticas feministas. **IX Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas - Jornada Internacional Atuação e Presença**. vol 5, 2020. Disponível em: [Po-éticas de \[re\]existência – práticas feministas | Anais Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas - LUME e PPG Artes da Cena \(unicamp.br\)](#) Acesso em: 08 julho 2022.

CARVALHO, Victa de. Dispositivo em evidencia na arte contemporânea. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 29-35, 2009.

DIAS, Leticia Otero. O feminismo decolonial de María Lugones. **ENEPEX - Encontro de pesquisa, ensino e extensão**. 8º UNEPE UFGD e 5º EPEX UEMS. 2019.

DOMINGUES, Diana. Desafios da ciberarte: corpo acoplado e sentir ampliado. In: BARROS, Anna; SANTAELLA, Lúcia. Mídia e Artes, os desafios da arte no início do século XXI. São Paulo: Unimarco, 2002.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

GOMES, Fernanda. A colaboração e o controle na arte interativa: o que existe entre a intenção do artista e a ação do espectador que participa da obra? **Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH)**, Belo Horizonte, v2, n.1, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. **Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**, São Paulo, v.3, n.1, p. 41-53, 2015.

KATZ, Helena. Conexões entre o corpo apps e o mundo regido por editais. **Anais do IV Encontro Científico da ANDA, 2015, Santa Maria**. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2015. Disponível em: [CONEXÕES ENTRE O CORPO APPS E O MUNDO REGIDO POR EDITAIS | Galoá Proceedings](#) Acesso em: 02 nov. 2023.

KATZ, Helena. **Curso O Ano que Vem Chegou**. Plataforma Triz, 2022. [Início | Plataforma Triz](#)

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Corpo, dança e biopolítica: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia. **Anais do II Encontro Científico da ANDA, 2011, Porto Alegre**. Campinas, Galoá, 2011. Disponível em: [Corpo, dança e biopolítica: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia | Galoá Proceedings](#) Acesso em: 22 Maio. 2022.

LANIER, Jaron. **Gadget. Você Não é um Aplicativo!** São Paulo: Saraiva, 2010.

LANIER, Jaron. **Dez Argumentos para Você Deletar Agora Suas Redes Sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEAL, Mara Lucia. Memória e Autobiografia na Composição da Cena. **VI Reunião Científica da ABRACE**. vol. 12, n. 1, Porto Alegre, 2011. Disponível em: [Memória e Autobiografia na Composição da Cena | Leal | Anais ABRACE \(unicamp.br\)](#) Acesso em: 20 maio 2022.

LOPES, Beth. A performance da memória. **Sala Preta**, [S. l.], v. 9, p. 135-145, 2009. Disponível em: [A performance da memória | Sala Preta \(usp.br\)](#) Acesso em: 20 maio 2022.

LOURENÇO, Estevão. Ballroom: resistência e celebração. **Primeiros Negros**. Disponível em: [Ballroom: resistência e celebração \(primeirosnegros.com\)](http://ballroom:resistenciaecelebracao(primeirosnegros.com)). Acesso em: 20 maio 2022.

MANOVICH, Lev. **Software takes command**. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

MEYER, Philippe. **O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MISI, Mirella. **“Navegar é preciso”... interdisciplinaridade e interatividade na arte da cena contemporânea**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, 2010.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RANGEL, Beth; AQUINO, Rita Ferreira de; ROCHA, Lucas Valentim. Confabulando com pesquisas implicadas em Dança. **Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual**. Salvador: Editora ANDA, p. 666-678 , 2021.

SANTANA, Eduardo Augusto Rosa. Autobiografia dançada - estratégias de acesso no processo de criação. **IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. Vol 8, n. 1, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. 2a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SIEDLER, Elke. **Redesenhos políticos do corpo: uma análise de modos de circulação e concepção da dança on e off-line**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Educação e Semiótica, 2016.



## APÊNDICE A

### Comentários das pessoas colaboradoras virtuais (compilação)

#### **Vídeoexperimento (A):**

videoexperimento (A) - colaboração - YouTube

#### **Vídeoexperimento (B):**

O que eu vejo:

Vejo persistência.

Vejo um ser com certa apatia querendo se libertar.

Vejo humanidade, sofrimento, repetição em uma prisão, uma pessoa ensimesmada.

Dor.

Vejo rotina vs liberdade.

Vejo: artista que (re)existe.

Ânima.

Algo que move desde dentro.

Voz que também é corpo.

Força estranha para além do que se pode ver.

Vejo, mas sinto mais do que vejo.

Pulsação.

Isolamento.

Eu vejo uma explosão de sentimentos retidos...e esse ser contido se exaurindo e tentando se libertar.

Lindo dani voce consegue expressar na dança exatamente o que o coração sente.

Vejo um ser angustiado, e expressando este mesmo sentimento. Horas exausta de tanto tentar se libertar, mas se reergue, contudo volta ao sentimento e expressões da angústia.

Una 🥰🥰🥰🥰👏👏

Movimentos cânticos de emboladas top! ❤️

Vejo exaustão

Eu vejo a sua tentativa de se livrar de uma emoção interna. Como se uma sensação interna te incomodasse. Os seus movimentos mostram como esses sentimentos são confusos e exaustivos.

Vejo um pulsar forte e cortante

Vejo ansiedade, tensão e exaustão

MARAVILHOSA ❤️

Não sei se isso responde bem alguma das perguntas, e talvez seja uma resposta mais subjetiva e ligada ao que eu venho passando, mas vejo minha mente vagando pelos meus pensamentos de um dia. Alguns mais agitados, alguns repetitivos, alguns mais lentos e expressivos, alguns agoniados e outros até que tranquilos, todos intercalados, muitas vezes mudando entre eles de maneira brusca mas eventualmente retornando aos pontos importantes. E terminando com um respiro, preparando pro próximo dia.

Vejo um esgotamento físico e emocional tentando sair desse corpo

Tá linda

Bem legal

Amei

Parabéns

Nossa, eu só consegui pensar em canso metal/exaustão. Do tipo “saco cheio”.

Também pensei muito em tédio. Visualizei uma criança pequena entediada e cansada ao mesmo tempo. Quando já está querendo sair do corpo no fim do dia sabe? 🤪

Uau ! Que performance! 🍷🍷🍷🍷🍷🍷💋

Descarrego. Gravidade.

E chacra do coração. Chakra cardíaco.

Pulsção,- tempo, soltar, abandonar o peso de varias formas...

Angústia. Um corpo à deriva, à procura, uma identidade fragilizada.

Luta pela liberdade!?!?!?

Ansiedade.

Vejo: sofrimento, desespero!

Um coração que ainda pulsa.

Aflição de tentar levantar e ser puxada pro chão. Insistência.

Parece q o movimento acontece de dentro p fora. É como se o movimento estivesse tentando sair do corpo. Ao msm tempo parece q o corpo se molda ao movimento.

No começo qd comecei a assistir, parecia um desconforto, mas depois já senti q algo tava querendo sair..aí tive a impressão q era o corpo reagindo a algo. Imaginei o movimento tentando sair ou tentando acontecer.

Parece os movimentos de uma alma que não suporta mais a vida que vive e quer sair do corpo de qualquer jeito... Credooo... kakaka

MARAVILHOSA

Não consigo evitar a tensão de cruzar a SC 404 sem rotatórias, sem semáforos, sem lombadas. Um trânsito perigoso devido ao fluxo intenso da região.

Sua performance me trouxe este aborrecimento: constante, inevitável, diário!

Vejo a representação de uma personagem fictícia. Uma trabalhadora brasileira que ingenuamente aceita e valida o discurso falacioso/neoliberal de que todas as condições em sua vida são de sua exclusiva responsabilidade.

Vive tempos desoladores. Preços absurdos, desemprego, violência, crise ambiental, política, pandemia, muita mentira e gente escrota, machista, racista, homofóbica e fundamentalista.

É diariamente bombardeada por discursos liberais "sacadas" dos gurus/místicos/coachs/empreendedores/CEOs anunciando que ela deve parar de mimimi, que ela faz sua realidade, logo a culpa é dela que não se esforçou o suficiente.

Portanto em certos momentos toma fôlego, avança, morre, revive, se revolta, se acomoda, tenta esquecer, adocece e segue individualizando e se culpando por não ser "suficiente".

Uma pessoa lutando para sobreviver, com dor, com muita dificuldade para respirar, exausta... como se fosse o último dia dela.

Muito bom Dani. Afffffe

Vejo um corpo que pulsa, que se acha, que se perde e que ao mesmo tempo sofre. Um corpo à procura, que anseia se encontrar nos seus próprios movimentos, na sua própria história.

Um vendaval que o tempo pede para parar e o corpo não cessa de soprar.

Um corpo que cansa e se alimenta do cansaço, fadigado da sua própria procura, que grita ao infinito, que responde: não para! Eu nunca espero.

O que eu sinto:

Sinto vontade de ver a libertação, e a posso ver no momento de paz e aceitação do que é.

Sinto vontade de persistir junto, ir para um lugar de mais fluidez e alívio.

Sinto agonia, vontade de ajudar, acalantar.

Sinto- Aflição.

SINTO: vontade de mover, respirar e gritar junto.

Sinto mais do que a palavra pode dizer.

Sinto: angústia.

Sensação de remar contra a maré, de lutar com fantasmas, de bater sempre na mesma tecla, de caminhar em círculos e de sempre chegar num beco sem saída.

Sinto um corpo em ebulição ansioso pelo retorno dos velhos-novos tempos dos gestos espontâneos.

Sinto falta de ar.

Sinto: empatia, vontade de ajudar.

Cansaço

E vontade de me jogar no chão

Mas ao mesmo tempo dá vontade de alongar

E de respirar fundo

Agonia, tédio... uma sensação horrível de não aguentar mais se sentir preso.

Alguns movimentos com batida parecem uma referência ao relógio e ao tempo que não passa...

Me deu um aperto no peito...

Sinto angústia e tormento

(Eu amo acompanhar as tuas performances!)

Para onde ir:

Para fora do corpo.

Para a alegria, para o amor.

Vai para um lugar de calma, acalento, para algo fluido, conectado.

Que tal partir pra uma tentativa de respiração mais lenta, para um desafio de respirar fundo e ver o quanto você consegue prolongar a expiração e a partir disso ver o que acontece com o movimento?

Vai - para fora do sistema.

Ir para a natureza

Deixar vir, deixar....

Corra. Grite. Gaste. Rasgue.

Pra onde ir? A uma floresta bem linda, se possível perto do mar, e respirar muito e bem profundo!

Para onde ir? Em sentido contrário.

E.s.v.a.z.i.a.r

ar

ar

Vaziar... vadiar

PARA ONDE IR: sobretudo, em frente.

Para onde ir? para o caminho da satisfação dos sentidos, até se chegar a uma espécie rara de amor, em que a pausa de todos os sentidos esteja satisfeita.

Obrigada Dani 🥰❤️

Linda tua arte, minha irmã, orgulho de ti. Te amo. ❤️

#### Colaboradoras virtuais:

Alexandra Klen, Aline Pereira, Ana Paula Freitas, Caio Tomaz, Catharina Coimbra, César Félix, Denise Alves, Diana Gilardenghi, Elisabeth Gonçalo, Eva Laura Nuñez Alvez, Flavia Ramos, Grasiella Basso, Graziela Cicatto, Gus Truppel, Karina Collaço, Karine Padilha, Leonardo Ybarra Llano, Leticia Losso, Loren Fischer, Luana Guirado, Luana Raiter, Luciana Gomes Alves, @luzdeneon2608, Malu Rabello, Mancilio Carvalho, Maria Elisete Hemmer, Melina Alarcon, Monica Siedler, Marina Speranza, Nataly Delacour, Nathalie Quaiba, Nathiele Muriel, Rose Santana, Shaiani Gyrão, Tatiana Campos, Vanessa Soares, Zilá Muniz.

#### **Videoexperimento (C):**



Visceral!!! Vontade de ir juntooooo 🥰👏🔥

Liberdade, independência! 🔥

Um corpo mola

Liberdade, liberação, soltura, conexão com instintos primitivos, estado de não-mente, repetição frenética.

Energia vibratória em potência máxima!

Sinto um misto de alegue, agitação e ansiedade. Deve ir para um lugar de conforto

Liberação geral, imagino a sensação ...

Articulações respirantes e soltas, pulso interno, frequência, parquinho de diversão

😄 delícias uhullll 🔥 amei

Vejo a liberdade em movimento. Sinto a tranquilidade de admirar todas as formas da livre-expressão. ✨🌟🌟🌟

Catarse, desprendimento, energia libidinal, Eros!

Vejo espontaneidade, tradução literal da música.

Uma marionete com articulações de mola. Um corpo sem alma movimentando-se aleatoriamente... sem rumo, sem foco, sem expressão facial e sem objetivos...

E sem graça!!

Não acho sem graça não... acho que tem que ser muito bom pra fazer isso... só na minha interpretação é como se fosse um corpo de mola movido pelas leis da física ou frequências musicais ao invés de movido pela vontade ou desejo da alma...

Nossa!! Não consegui ver nada tão profundo.

Chegou chegando no evento, estava segura de si, exibida. Causou inveja, incomodou o ambiente. Começar a miná-la. A exibida foi ficando deslocada.

Conversas chatas e assuntos desagradáveis a deixaram inquieta. Deveria ir pra casa e se livrar dessa festa pobre de espírito.

Uma delícia de expressões e relaxamento. Amei!!

eu sinto um êxtase muito grande. uma agonia em estar parado. uma vontade imensa de sair dançando bem desse jeito como está no vídeo

parece até que é em períodos diferentes ... de como isso se repete na vida dela...

ela pode ter se relacionado com vários... em momentos diferentes... e sempre do mesmo modo... sem muito afeto. É a liberdade passando um pouco dos limites...

as vezes ela gosta, as vezes ela não gosta, mas segue o baile

Oxe .São adultos

Que delícia de entrega! 😄👉 Amoooo! 💕✨👉

Eu vejo uma liberdade, uma autonomia, um fluir de movimentos espontâneos ao ritmo das batidas. Parece libertador.

Sinto alguém achando o ritmo, fluindo e dançando com o movimento da vida.

Movimento que quase sempre nos leva para gestos e ritmos que não podemos escolher.

Vejo uma mulher sem ritmo achando que está dançando.

👏👏👏👏👏 show...na batida da música ❤️

Vejo um corpo em cura pelo movimento. Sinto cura também, vontade de me por em movimento. Devo dançar.

Senti vontade de mover meu corpo sem controlar, o corpo foi virando um instrumento de percussão que batia na batida do chão

Eu vejo uma mãe, que precisa cuidar dos filhos, mas ao mesmo tempo ter que dá conta de mil e uma coisas e o pouco de tempo que resta é para isso, se sentir um pouco louca e um pouco livre. 😂😂😂😂😂

Vejo uma mulher “extravasando”! Isso é terapêutico... 🌹👏🎵🦋👏👏👏😊

Amei

Liberdade, ela curtindo só, desestressando, relaxando, sem se preocupar com ninguém e nem depender de ninguém

Lembrei do movimento água em um pote tibetano, se movimentando com a ressonância do som

Eu sugiro uma quebra no ritmo em algum momento, a música segue e movimento muda por um tempo e depois retoma, pode ter também uma mudança de humor na presença algo como um cansaço e ligeiro retoma. pensei outras coisas, espero contribuir. amei a ideia.

Sem regras e limites para ser feliz..adorei

Liberação de stress, momento de relaxamento e liberdade.

Quantas possibilidades de expressão! Vejo intensidade, gosto, suor, alegria, feromônio, flexibilidade com firmeza, ousadia, gandaia underground, me dá um drink, se joga na parede, no chão, vamo amiga, esquenta, carão, mais! Infinitude energética

Vejo expressão com fluidez. Acho graça. Deve ir pra onde quiser ir.

Oi Dani! Vejo flexibilidade, liberdade, instinto, loucura. Imaginei um ventríloquo.

Uma boneca que deram corda.

Um chão mole tipo cama elástica que te embalança e vc só se deixa levar pelo embalo.

Um corpo que entra em movimento para aliviar a mente ou para tentar não pensar.

Espetáculo! O palco e as luzes e a bailarina de borracha.

Corpo, animal, a presa que abriu a porta da jaula.

Eu vejo a Dani na essência.

Mas também me enxergo gritando por dentro, tentando exorcizar toda a dor, o peso, o medo, o julgamento e tudo que não aguento mais carregar.

Linda! Linda! Te adoro sempre! 🥰

Deve sair e dançar muitoooooooo

Senti vontade de dançar, bem solta....

Sinto algo meio o descontrole do orgão. Uma parada meio selvagem, longe dessa ideia de humanidade/papéis de gênero miseráveis. Algo tipo um bicho da natureza seguindo as vontades com constância. Aí sei lá quero me mexer

Quero ser assim

Porra amei

Tentativa/exaustão/fuga para algo que parece retornar para caminhos já conhecidos/o que vem depois? que presença se constitui?

Corpo livre para se movimentar como quiser.... vejo liberdade, flexibilidade e entrega à música.

Percebo uma expressividade espontânea, querendo ser vc mesma. Sem regras ou tabus. Apenas vivendo o momento 😊

Vejo liberdade.

Vejo agitação, inquietude.

Sinto uma angústia.

Inicialmente, muito ritmo... Um corpo me convidando a dançar junto! Qdo no chão, me pareceu um corpo querendo se libertar...

Fluindo arte!!!

Deve ir pra longe do chão. Curti mais o rolê de pé!

Solto, moderno, fashion, neutro, frescor...

No início do vídeo vejo uma mulher deixando seu corpo seguir o ritmo da música.

Muito vibrante, ritmo forte

Senti vontade de dançar junto

De me entregar para a música tbem

Quando os movimentos vão para o chão, parece que a mulher está sofrendo. Os movimentos são mais truncados, como se a mulher estivesse sendo agredida

Isso ajudou?

Vejo geometria no corpo



Sinto uma cócegas, como se eu estivesse solto, deixando um rigidez escapa  
sinto q a intencao eh musicalidade sem definicao de movimento tecnica se tecnica  
tem algo querendo sair de vc atravez da musicq  
Solta, divertida, movimentou minhas crianças. Sorrimos e assistimos mais de uma  
vez, a danca é marcante.  
tem várias qualidades né  
Não contenção  
é um corpo que arranha seu espaco  
não se limita a ficar num passo sem salto, num braço sem rodopio  
Usa tbem o cabelo e o balanço  
brinca com a malemolência  
Esse eco do movimento  
Senti agonia. Senti teu corpo ali vibrando como se tivesse agoniado, incomodado,  
como se tivesse com uma epilepsia ou algo nesse sentido.  
Eu vejo ritmo  
Quero dançar junto 😊  
Arrasa muito!  
Expressão corporal impecável!!!  
Eu vejo uma mulher, muito linda, charmosa, delicada, desenvolta!  
Eu sinto a força que a dança tem de nós dizer coisas que no dia a dia não  
percebemos!  
Você de ir em frente, perseguindo seu ideal de dança, aprimorando sua linguagem  
corporal, pois seu corpo fala, interpreta e tem um impacto muito forte causando  
reação de admiração atraindo o olhar e facilitando vc dizer e transmitir a  
mensagem desejada!  
Parabéns da hora!  
Linda demais!  
Me parece como um Marionete. Se um controle estabelecido, sem padrão. No  
início da coreografia parece se ter mais alegria e liberdade, na sequência parece  
mais preso. Sucesso Dani

### Colaboradoras virtuais:

Adriane Klamt, Alexandra Klen, Aline Larissa, Aline Lima, Andréa Kowalski, Angela Beatriz, Carolina Lepletier, Claudia Grandi, Cristina Gabriel, Denise Alves, Dill Menezes, Diller Reis, Dione Sandres, Eliana de medeiros Oliveira, Emanuelle Souza, Estela Domingues, Flávia Pimentel, Flávia Ramos, Francielle dos Santos Pinheiro, Gabriela @gabawan, Georgelita Bacelar Dias Nova, Graziela Cicatto, Hospital da Alma, Ianô Hak, Jovita Bonsiepe, Jossuí Basílio, Juliana Bassetti, Juliana Quint, Juli Agg, Karina Collaço, Leonardo Ybarra Llano, Larissa Linhares, Lily Neto, Lucas de Gal, Luciana de Moraes, Luiza Allui, Magali Rodrigues, Mancilio Carvalho, Manoella Back, Márcia Aranalde Kaul Pigozzi, Marcia Maurilia Vieira, Maria Flor Penrose, Marta Cesar, Martha Vila Nova, Monique Pfau, Mayanna Martins, Patricia Muniz, Paula Guimarães, Pedro Indra, Regina Perin, Renata Swoboda, Rosangela Nascimento, Rossana Ghilardi, Simone Fortes, Suzana Dallanhol, Silvia Moura, Sarah Viana, Sabrina Dias, Spínola Graziela, Valéria Pereira Silva, Vandira, Vanessa Barreiros.

### **Videoexperimento (D):**



Percebo uma fluidez paradoxal, um improviso derivado de um plano. É um retrato da contradição da existência.

Vendo e revendo o vídeo áudio vejo um corpo e seus movimentos totalmente conectado com o balanço-ritmo das músicas. Um corpo em movimento livre .

Arte, dança, corpo, espírito, sentidos e movimento...Liberte-se! 🙌🙌❤️💥🌀🌊



Muito feeling amiga 🙌🙌🙌 arrasou 😍

Um corpo livre ❤️

Eu vejo uma mulher se divertindo muito nessa vida! Viva a mulherada!!!



Confiança// fraqueza, insegurança

Fico com vontade de instalar sensores digitais no corpo em movimento para verificar a representação do movimento real em meio digital. Nesse registro áudio-visual, eu vejo um corpo humano em movimento espontâneo, sem limites, sem coreografia pre-formatada . Me impressiona a autenticidade e liberdade de

resposta ao input da música. Também acho que o movimento conversa com o chão... como se o chão fosse uma extensão do próprio corpo. Até a roupa é um elemento importante, pois conversa com o movimento todo e reage ao toque e ao próprio movimento sendo uma continuidade do movimento... um efeito, um impacto... movimentos extras, que resultam da interação com o corpo em movimento. Show! 🙌🙌🙌🙌🙌

No começo ouvi sem áudio e me lembrou o filme " O Colchão Epiléptico" da Alice Guy-Blache.

Sinto extremos, a euforia e a tristeza, mas a parte da tristeza as vezes se transforma em momentos de autoconhecimento

Assisti num dia que tava mais pra trilha de piano e praquela movimentação que, pra mim, se apresentou suuuuper introspectiva. Me pegou num dia em que tudo está "pra dentro". Então, eu me vi esperando a calmaria a cada cena. Hoje eu diria que vc deve ir mais pra dentro ainda... Mas amanhã? Não sei!

Vejo um corpo vazio.

Eu vejo dualismo no contraste entre movimentos dinâmicos e lentos. Mas esse dualismo tem um ponto em comum, ou seja, parte da mesma essência. Você pensa em adicionar mais elementos? Brincar com objetos, imagem, cenário? Seria divertido! 😍

Muito bom Dani! Sinto a liberdade nos seus movimentos

Vejo: ambivalência; sinto: liberdade para existir de forma plural; para onde você deve ir: para cima

Muito bom as quebras, é que tal manter a quebra na música e o movimento seguir rápido e quando a música mais lenta parar que v um outro tempo de movimento, como se o corpo demorasse pra entender a quebra?????

Eu vejo um corpo dispensando a educação espacial que teve. Que se movimenta com força, entusiasmo, tbem muito controle. Eu vai de a a z. Ele explode, e se acalma.

1- O que vc vê: a dançarina tende a se lançar ao chão, independente dos ritmos. Gravidade agindo?

2- o que vc sente: um pouquinho de preocupação com os joelhos... sentimento caótico. A expressão facial é fechada então o que passa é algo um pouco pesado. Volto a pensar que talvez os joelhos sintam as pancadas..

Rola uns rodopios? Tiamu

Vejo: contrastes

Sinto: tristeza

Para onde ir: para onde quiser, mas se quiser chegar a um ponto, em direção a ele.

Lugares e coisas que harmonizem a dualidade e tragam felicidade

Perturbador!

O corpo acompanha o ritmo imposto e a psique não o bloqueia, não reage, é inerte.

Haverá batalha?

A psique reagirá ou seguirá insatisfeita, manipulada?

Eu vejo: um caos. Eu sinto: deleite e prazer. Eu sugiro: tudo isso novamente de olhos vendados. Bons sonhos 🌸

Alternancia de estados, momentos opostos, fragmentos curtos apoiados na qualidade e andamento da música. Ou é o movimento que atrai o som?

- continuaria mantendo essa fragmentação, frases curtas, essa mudança abrupta que acentua essa oposição.

experimentações

a calma e o agito estão ligados quando há controle

o agito quando é descontrolado se torna uma bagunça

a calma quando é controlada é mais fácil de ter consciência

da mesma forma quando junta os dois dá pra ter uma consciência corporal mais ampla

Eu vejo uma mulher entre o batidão e a melancolia. Vejo uma mulher se alternando entre dois ritmos muito diferentes, exatamente como fazemos pra dar conta de conciliar a demanda doméstica e familiar e o desejo de criar, voar, ser livre pra fazer o que desejamos

### Áudios resumidos:

Pauleira, cansaço e solidão de uma mãe de um bebê recém-nascido, uma mãe no puerpério. Quando a criança tá acordada, cuida cuida cuida pauleira pauleira pauleira, depois ela nem pensa mais em descansar, se conforma com o cansaço, e vem a solidão. o piano me trouxe o momento contraponto da correria. Momento que era pra ser relax mas não deu bem pra ser.

Começa tranquila, depois dança enlouquecida, perde o controle.  
 Lembrou o conto dos Sapatinhos Vermelhos, do Livro Mulheres que correm com os Lobos - um aprofundamento na mulher selvagem - psique  
 livro dolorido  
 tapas na cara pra enxergar coisas que não queremos enxergar  
 Conto sapatinhos vermelhos:  
 criança pobre, órfã e abandonada  
 ela mesma construía seus sapatos  
 uma senhora rica a adota e começa a podar a menina, que perde sua liberdade  
 a mãe adotiva leva a menina para escolher um sapato para um importante evento religioso familiar  
 ela escolhe um sapato vermelho que tinha vida própria  
 ele dançava  
 ela amou a sensação de dançar  
 era feliz nessa dança  
 com o tempo passou a não controlar os seus sapatos e os seus atos  
 o sapato não parava de dançar  
 dançou dias e noites sem parar  
 até que ela cortou os próprios pés  
 perde os pés e os sapatos, mas ao menos para de dançar  
 o conto nos ensina a nos controlar, autoconhecimento  
 a escritora traz os arquétipos e pontos dessa história pro nosso feminino  
 a mulher quando é muito privada, presa na infância, perde o controle ao conseguir a liberdade  
 não encontra o equilíbrio  
 exemplo, mulheres adultas que se separam e viram alcoólatras, não conseguem controlar essa liberdade

#### Colaboradoras Virtuais:

Adriane Klamt, Andréa Kowalski, Carol Shiquefuzi, Claudia Grandi, Cinthia Vale, Diana Gilardenghi, Flávia Ramos, Juliana Bassetti, Juliana Quint, Karine Padilha, Leonardo Ybarra Llano, Ludmila Pimentel, Luciana de Moraes. Luiza Allui, Maria Rosa Ferraz Themer, Melina Alarcon, Milena Farias, Milton Júnior, Nataly

Delacour, Renata Afonso, Roberta Alencar, Silvia Moura, Suzana Dallanhol, Tami LaPrem, Tatiana Campos, Thaís Sincero.

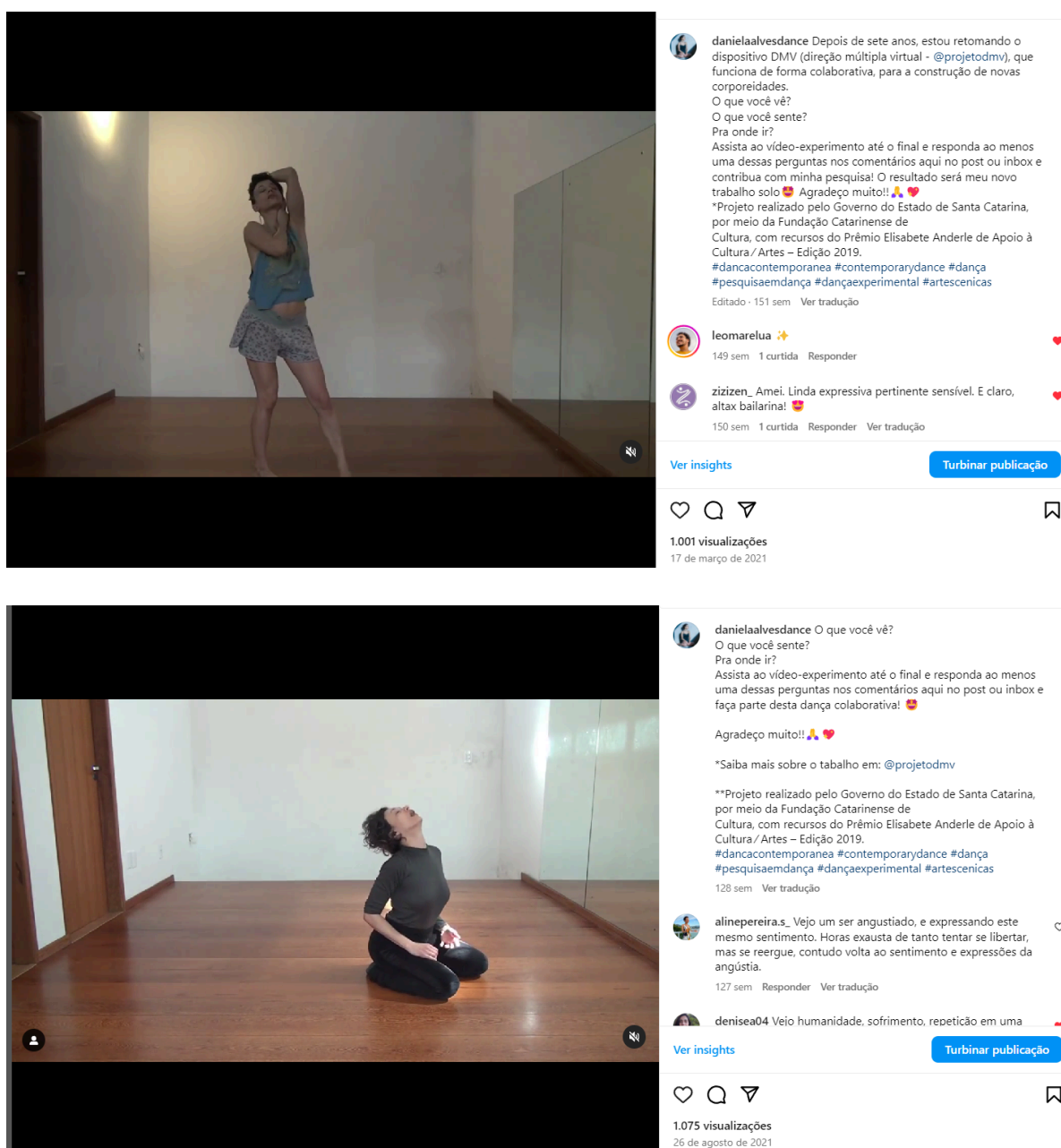
## APÊNDICE B

### Projeto DMV – continuidade Relatório de execução do projeto (resumido)

Período de execução do projeto: março de 2020 a outubro de 2021.

#### OBJETO (Ações realizadas)

1. Iniciação da pesquisa para a composição de um novo trabalho solo de Dança Contemporânea da bailarina catarinense Daniela Alves, utilizando o dispositivo DMV (direção múltipla virtual);



2. Realização da Imersão em Dança “Corpo Infinito – conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea”, proposto pelas artistas Daniela Alves, Lucas Santana, e Will Mario, com 26 horas de duração, divididas em 8 encontros (3 online e 5 presenciais), oferecidas gratuitamente a 10 profissionais e estudantes de dança interessados em desenvolver suas próprias pesquisas corporais, com emissão de certificado;



**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Realiza a  
**IMERSÃO EM DANÇA**  
**“Corpo Infinito – conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea”**  
com Daniela Alves, Lucas Santana e Willian Mario

**19, 20 e 21 de fevereiro/2021**  
Encontros Virtuais

**22, 23, 24, e 25 de fevereiro/2021**  
Encontros presenciais\* – Cenarium Escola de Dança  
R. Eduardo Gonçalves D’Ávila, 150 – Itacorubi, Florianópolis/SC (Próximo à UDESC – Rua da ASTEL)

**26 de fevereiro/2021**  
Encontro presencial – Garagem da Dança  
R. Vera Linhares de Andrade, 2680 – Cônego Grande, Florianópolis - SC

Sempre das 13h às 16h (exceto no dia 26/02 – das 13h às 18h) – \*Obrigatório o uso de máscara

Apoio:

Realização:

**CENARIUM**  
ESCOLA DE DANÇA

**GARAGEM DA DANÇA**

**FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA**  
quatro décadas

**GOVERNO DE SANTA CATARINA**

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
ig/projetodmv

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.



# PROJETO DMV

DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

## INSCRIÇÕES GRATUITAS

\*\*As vagas são oferecidas a quem venha frequentar todos os dias da imersão. Inscrição única.\*\*

Formulário de inscrição disponível na bio da página @projetodmv no instagram até o dia 10/02/2021.

Apenas 10 vagas mediante seleção. Emissão de certificado (26 horas).

Realiza a

## IMERSÃO EM DANÇA

**"Corpo Infinito – conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea"**

com Daniela Alves, Lucas Santana e Willian Mario

## CONCESSÃO DE BOLSAS DE PESQUISA E BOLSAS PARA AULAS REGULARES

As pessoas que tiverem frequentado a imersão poderão concorrer a uma bolsa para iniciação de pesquisa em dança e produção de vídeo a ser exibido na mostra virtual de processo aberta ao público. Serão duas pessoas selecionadas.

O projeto disponibiliza também, às participantes, três bolsas para frequentarem aulas regulares com Daniela Alves por quatro meses, com seleção por critério socioeconômico.

Apoio:



Realização:



## MAIS INFORMAÇÕES:

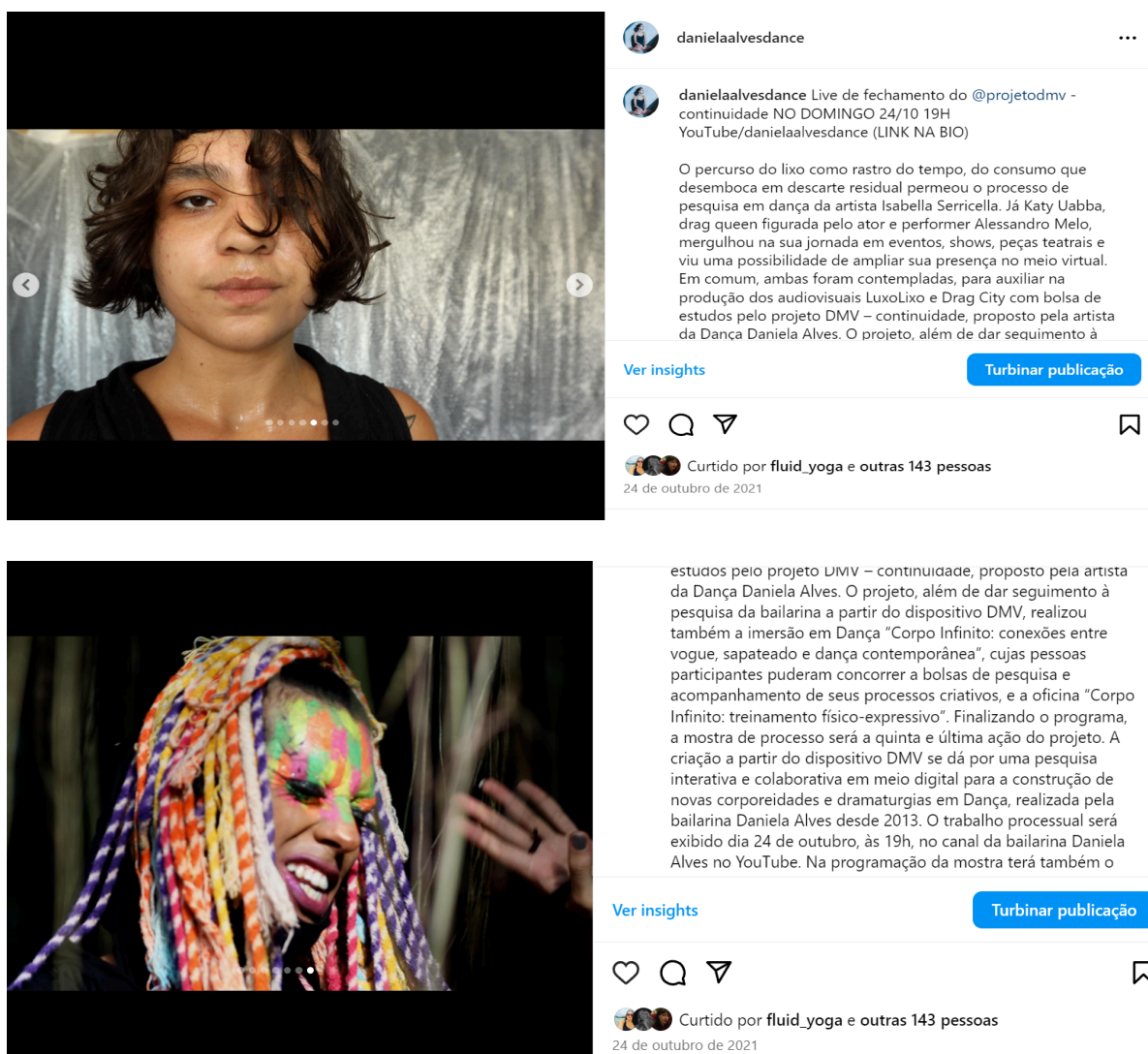
f/direcaomultipla  
i/projetodmv

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.



1.3 Concessão de bolsas a 2 pessoas participantes das oficinas a fim de desenvolverem suas pesquisas, mediante apresentação de propostas;

1.4 Produção de 2 videodanças das 2 pessoas bolsistas - captação e edição de suas propostas de pesquisa feitas em vídeo pela profissional contratada pelo projeto (Fernanda Hinnig);



1.5 Realização da oficina online "Corpo Infinito", ministrada por Daniela Alves, com duração de 4 horas divididas em 2 encontros, com 20 vagas, oferecidas gratuitamente ao público em geral, com emissão de certificado;



**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Realiza a Oficina Virtual

# Corpo Infinito

TREINAMENTO FÍSICO-EXPRESSIVO

21 e 22 de maio/2021  
das 16h às 18h

oficina gratuita

Inscrição na bio do Instagram  
@projetodmv até 18/05/2021

Apenas 20 vagas  
Emissão de certificado

Concorra a bolsas  
para aulas regulares

Proposta para todos os corpos:  
não é preciso  
ter experiência  
em dança

AUTOCONHECIMENTO INTELIGÊNCIA CORPORAL AUTOCUIDADO EXPERIMENTAÇÃO

Apoio:  

Realização:   

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetodmv

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes - Edição 2019.

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Realiza a Oficina Virtual

# Corpo Infinito

TREINAMENTO FÍSICO-EXPRESSIVO

## Proposta

A ideia de Corpo Infinito parte do pensamento em Dança, oferecendo ferramentas para exploração do corpo e suas infinitas possibilidades. Pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação, o trabalho é realizado com base na percepção do próprio corpo, e suas características e potencialidades únicas.

21 E 22 DE MAIO/2021 DAS 16H ÀS 18H OFICINA GRATUITA LINK NA BIO

Apoio:  

Realização:   

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetodmv

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes - Edição 2019.

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Realiza a Oficina Virtual

# Corpo Infinito

TREINAMENTO FÍSICO-EXPRESSIVO

## Objetivos

- Perceber o corpo a partir de sua estrutura anatômica e sensações;
- Criar e recriar autoimagem;
- Relaxar as articulações;
- Exercitar o autotoque e o autocuidado, bem como uma relação íntima e afetiva com seu próprio corpo;
- Buscar um estado de corpo que utilize o mínimo de esforço para mover, evitando tensões desnecessárias;
- Levar a atenção aos múltiplos apoios do corpo, criando consciência do nível de tensão de cada estrutura;
- Buscar movimentos que gerem prazer e expressividade espontânea a partir dos estímulos no corpo.

**21 E 22 DE MAIO/2021 DAS 16H ÀS 18H OFICINA GRATUITA LINK NA BIO**

Apoio:   Realização:  

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetoDMV

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Realiza a Oficina Virtual

# Corpo Infinito

TREINAMENTO FÍSICO-EXPRESSIVO

## Exercícios propostos/Metodologia

Propõe-se exercícios que ativam caminhos neuronais para a construção de um corpo inteligente, que busca o que é bom para si, sem precisar mentalizar, mas ativar a inevitável conexão corpo-mente. O objetivo é mover a partir dessa ativação, de um corpo consciente e sensitivo, e buscar autenticidade nesse mover, guiada pelos desejos do corpo.

O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatômicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam no corpo todo.

**21 E 22 DE MAIO/2021 DAS 16H ÀS 18H OFICINA GRATUITA LINK NA BIO**

Apoio:   Realização:  

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetoDMV

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.



1.6 Realização de Mostra de Processos no formato de Live, no modo online, com mostra de vídeos resultantes das pesquisas das bolsistas (videodanças) e bate-papo ao vivo entre artistas, bolsistas e público, com entrada franca.

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

**PROJETO DMV -  
LIVE CONTINUIDADE**  
mostra de processos +  
videodanças + bate-papo

com  
Daniela Alves artista proponente  
Lucas Santana e Willian Mario artistas convidados  
Isabella Serricella e Katy Uabba artistas contempladas

**24 de outubro de 2021 - 19h**  
CANAL DO YOUTUBE Daniela Alves  
Evento gratuito

Apoio: Realização:

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes - Edição 2019.

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
ig/projetodmv

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

**Mostra de processo**  
**Criação a partir do  
dispositivo DMV**  
DANIELA ALVES

Pesquisa interativa e colaborativa  
em meio digital para a construção de  
novas corporeidades e dramaturgias  
em Dança e suas características  
e potencialidades únicas.

**24 DE OUTUBRO DE 2021 19H EVENTO GRATUITO CANAL DO YOUTUBE DANIELA ALVES**

Apoio: Realização:

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes - Edição 2019.

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
ig/projetodmv

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Lançamento do videodança

# LuxoLixo

ISABELLA SERRICELLA

Trabalho realizado a partir de bolsa de pesquisa concedida pelo Projeto DMV – continuidade, proposto por Daniela Alves

24 DE OUTUBRO DE 2021 19H EVENTO GRATUITO CANAL DO YOUTUBE DANIELA ALVES

Apoio:   Realização:   

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetoDMV

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

Lançamento do videodança

# Drag City

KATY UABBA

Trabalho realizado a partir de bolsa de pesquisa concedida pelo Projeto DMV – continuidade, proposto por Daniela Alves

24 DE OUTUBRO DE 2021 19H EVENTO GRATUITO CANAL DO YOUTUBE DANIELA ALVES

Apoio:   Realização:   

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetoDMV

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.

**PROJETO DMV**  
DIREÇÃO MÚLTIPLA VIRTUAL  
COM DANIELA ALVES

# Bate-papo sobre as ações realizadas

LUCAS SANTANA E WILLIAN MARIO

Artistas convidadas para a realização das 4 ações do projeto: pesquisa a partir do dispositivo DMV; imersão em Dança "Corpo Infinito: conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea"; seleção e acompanhamento da pesquisa das artistas contempladas com bolsa; mostra de processo.

24 DE OUTUBRO DE 2021 19H EVENTO GRATUITO CANAL DO YOUTUBE DANIELA ALVES

Apoio:   Realização:   

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
f/direcaomultipla  
@projetoDMV

Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019.

## INFORMAÇÕES SOBRE PÚBLICO

A imersão teve a participação de artistas e estudantes de Dança residentes em Florianópolis/SC. Das dez pessoas selecionadas para participar, oito eram profissionais da Dança, uma era profissional do Circo, e uma pessoa era atuante na área da Performance e Teatro. Todas elas, portanto, já possuíam experiência em práticas corporais artísticas, de vertentes diversas, como Tap Dance, Vogue, Danças Urbanas, Danças de Salão, Danças Afro-brasileiras, Dança Contemporânea, Pole Dance, além do Circo, Performance e Teatro, como já mencionado. O envolvimento e dedicação das participantes foi evidente, com nove pessoas presentes em todas as atividades. Apenas um participante precisou faltar, não por falta de comprometimento, mas por problemas de saúde na família. Ainda assim, retornou e concluiu os trabalhos com o grupo. Foram também nove propostas de pesquisas para concorrer às bolsas, todas elas muito contundentes e interessantes, o que demonstra o quanto a imersão foi estimulante e significativa para essas artistas participantes.

A oficina virtual Corpo Infinito também teve um público assíduo. Das 20 pessoas selecionadas, 18 estiveram presentes, sendo que 14 vieram nos dois dias, e 4 vieram em um dos dois dias. O público dessa oficina contou com pessoas em geral interessadas na arte do movimento, experientes e não-experientes. As pessoas participantes estavam receptivas e instigadas para experimentar novas formas de treinar o corpo, em uma abordagem físico-expressiva, assim, demonstraram grande aproveitamento da proposta.

Interesse e comprometimento foram características priorizadas no processo de seleção de participantes tanto da imersão como da oficina, que ocorreu mediante formulário, com perguntas direcionadas, e análise criteriosa.

O público participante do processo criativo de Daniela Alves com o dispositivo DMV também foi diverso, contando tanto com artistas da Dança como com pessoas que não transitam em meios produtores de Dança Contemporânea, enaltecendo um dos propósitos da pesquisa, que é levar o pensamento contemporâneo em Dança a um contexto mais amplo.

Das bolsistas contempladas pelo Projeto, Isabella Serricella é profissional da Dança, e Katy Uabba é artista da Performance e Teatro. Ambas já desenvolviam as temáticas abordadas em suas propostas de pesquisa, assim, a bolsa fornecida pelo Projeto DMV - continuidade proporcionou o aprimoramento desses trabalhos, que se estenderam para além deste projeto, em eventos posteriores.

A live DMV - continuidade contou com público em geral interessado em mostra de processos artísticos, que interagiu com perguntas e comentários no chat

do YouTube, e permaneceu presente na maior parte do tempo da transmissão ao vivo do evento.<sup>67</sup>

## EQUIPE TÉCNICA QUE ATUOU NA EXECUÇÃO DO OBJETO

**1. Daniela Alves:** Artista proponente. Pesquisa, ensaio e criação (dispositivo DMV); captação e edição dos videoexperimentos; imersão em dança (elaboração e condução); seleção e orientação às bolsistas; colaboração artística nos videodanças produzidos; oficina virtual (elaboração e condução); mostra de processo e bate-papo. Produção e coordenação do projeto. Elaboração do Relatório Final.

**2. Willian Mario:** Artista convidado. Colaboração artística na pesquisa de Daniela Alves (dispositivo DMV); imersão em dança (elaboração e condução), seleção e orientação às bolsistas; colaboração artística nos videodanças produzidos; mostra de processo e bate-papo.

**3. Lucas Santana:** Artista convidado. Colaboração artística na pesquisa de Daniela Alves (dispositivo DMV); imersão em dança (elaboração e condução), seleção e orientação às bolsistas; colaboração artística nos videodanças produzidos; mostra de processo e bate-papo.

**4. Fernanda Hinnig:** Arte gráfica (certificados e cartazes/cards virtuais). Fotografia. Pesquisa, criação, direção e edição de vídeo (videodanças LuxoLixo e Drag City).

**5. Luciana de Moraes:** Assessoria de Imprensa.

**6. Isabella Serricella:** Bolsista contemplada. Concepção, pesquisa, criação e direção de performance, figurino e cenário (videodança LuxoLixo).

**7. Katy Uabba:** Bolsista contemplada. Concepção, pesquisa, criação e direção de performance, figurino e maquiagem (videodança Drag City).

## DESCRIÇÃO DETALHADA

O início da execução do projeto ocorreu em março de 2020, com a produção e organização de todas as ações previstas e contratação da equipe para execução do projeto: profissional responsável pela coordenação e produção do projeto (Daniela Alves); artistas convidados (Lucas Santana e Willian Mario); designer gráfica / fotógrafa / videomaker (Fernanda Hinnig); e assessora de imprensa (Luciana de Moraes). Nesse período foram reservados também os espaços para ensaio e a imersão em dança (Cenarium Escola de Dança e Garagem da Dança),

<sup>67</sup> A gravação da live está disponível nos links: [Live Projeto DMV - continuidade \(parte 1\)](#) e [Live Projeto DMV - continuidade \(parte 2\)](#). Acesso em: 8/10/2023.



e foi criada a arte gráfica para divulgação do projeto e das oficinas que compunham a proposta original, modificada por conta da pandemia do novo coronavírus, que iniciou também em março de 2020.

Os encontros entre mim, artista proponente (Daniela Alves) e as artistas convidadas (Willian Mario e Lucas Santana) já estavam acontecendo e o cartaz de divulgação das oficinas, agendadas para ocorrerem em maio de 2020, estava praticamente finalizado para a publicação, mas não chegou a ser divulgado.

Durante o primeiro período da quarentena, de meados de março até maio de 2020, ficamos na expectativa de podermos voltar aos trabalhos dentro da normalidade, porém essa possibilidade foi se tornando cada vez mais volátil. A partir de junho de 2020, iniciaram encontros virtuais, e, até julho, os encontros foram intensos, porém, a partir de agosto de 2020, Lucas e Willian passaram a ter menos disponibilidade devido a outros projetos já agendados, o que tornou necessário adiar ainda mais a realização das ações públicas. Ainda assim, os encontros continuaram ao longo de todo o ano de 2020, com a intenção de retornar à vida presencial e poder realizar o projeto o mais próximo possível da ideia inicial.

Sabendo que essa situação ideal ainda demoraria, e, considerando a agenda das artistas participantes, a disponibilidade das instituições parceiras que cederiam o espaço (Cenarium Escola de Dança e Garagem da Dança), além do momento crítico da pandemia e necessidade de mais rigoroso isolamento social, o projeto foi readequado e teve seu prazo prorrogado para dezembro de 2021.

Ao longo do período de isolamento social no ano de 2020, os encontros com Lucas e Willian aconteceram virtualmente a fim de definir o conteúdo programático das oficinas e, ao mesmo tempo, fomentar o processo investigativo com o dispositivo DMV. Constatamos, dessa forma, a necessidade de nos envolvermos ainda mais para potencializar a temática inicial das oficinas, que era abordar as conexões entre as vertentes de Dança trabalhadas, buscando princípios sugeridos a partir da concatenação de elementos variados da Dança Contemporânea, do Vogue e do Sapateado.

Assim, concluímos que o ideal seria unificar suas propostas em uma única oficina, que, na verdade, passaria a ser designada como uma “imersão em Dança”, ministrada por nós três, de forma menos segmentada, mas preservando a proposta inicial.

Foram muitos experimentos, diálogos, reflexões, e logo perceberam que, além de considerar as intersecções entre a Dança Contemporânea e o Vogue, e entre a Dança Contemporânea e o Sapateado, seria de suma relevância haver também como um dos tópicos as interfaces entre o Vogue e o Sapateado, de modo a tornar o conteúdo da imersão ainda mais consistente. Ao mesmo tempo, a proposta inicial de oferecer a oficina-demonstração “Direção Múltipla” – na qual os participantes seriam convidados a experimentar no corpo os diversos princípios de

movimentação testados ao longo do processo criativo do espetáculo Direção Múltipla – tornou-se distante da ideia de trazer as conexões entre as três vertentes – Dança Contemporânea, Vogue e Sapateado. Por outro lado, durante esse período de desenvolvimento do projeto em modo virtual, minha pesquisa pessoal caminhou para uma proposta de treinamento físico-expressivo, que parte do viés da Dança, com o uso de ferramentas de exploração do corpo e suas infinitas possibilidades – conceito batizado de “Corpo Infinito”. Pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação, essa concepção de prática corporal está fundada no pensamento em Dança Contemporânea e busca preparar o corpo para desenvolver práticas variadas: aqui, portanto, entrou a conexão dança contemporânea-sapateado-vogue.

A ideia de oferecer ao público uma imersão em Dança no lugar de oficinas segmentadas se conecta também à proposta original de manter um único grupo de participantes e fomentar neles o desejo de embarcar em um processo de pesquisa pessoal, a partir de estímulos inventivos intensificados em oito encontros seguidos. Além disso, esse formato facilita o entendimento da proposta pelos possíveis inscritos, por se tratar de um único evento, para um único grupo.

Contando com essas questões, o formato inicial de oficinas segmentadas em três blocos - 1) dança contemporânea; 2) dança contemporânea e vogue; e 3) dança contemporânea e sapateado - foi alterado para a proposta de imersão em dança “Corpo Infinito – conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea”, devidamente aprovada pela comissão de acompanhamento do Edital Elisabete Anderle 2019.

A readequação do projeto se deu também no sentido de as ações públicas serem realizadas dentro do protocolo de segurança exigido para o combate ao coronavírus:

- Redução do número de participantes selecionados para 10 pessoas;
- Redução da carga horária da imersão (ministradas por Daniela, Lucas e Willian) para 26 horas, sendo 9 horas online e 17 horas presenciais, respeitando as pausas requeridas ao longo desse período, a fim de evacuar e ventilar o espaço;
- Alteração da mostra de processo para o modo online (mostra de vídeos resultantes das pesquisas e bate-papo ao vivo entre artistas, bolsistas e público).
- Inserção de mais uma oficina, "Corpo Infinito", ministrada por Daniela Alves, no modo online, com duração de 4 horas divididas em 2 encontros, com 20 vagas, compensando a redução de horas e de participantes da oficina original.

Além disso, foi obrigatório o uso de máscaras nos encontros presenciais, a medição de temperatura na entrada do estabelecimento, o uso de álcool para higienizar as mãos, o distanciamento, e todas as medidas requeridas para o

funcionamento de academias de Dança dentro da legislação vigente na data em que ocorreu o evento.

Devido ao novo horário de funcionamento desses espaços parceiros, que não estavam mais abrindo aos finais de semana, e à necessidade de diminuir a carga horária diária, para reduzir também o tempo de contato entre os participantes, as oficinas foram realizadas em 8 encontros: 5 presenciais, em dias úteis, e 3 virtuais.

Com a readequação do projeto, os trabalhos para o lançamento das ações públicas foram retomados em janeiro de 2021. A arte gráfica da imersão foi finalizada e o compartilhamento do cartaz e card virtuais para divulgação da imersão e das bolsas de pesquisas se iniciou ao final de janeiro de 2021, até o prazo de inscrição de participantes (10/02/2021). A seleção dos participantes da imersão, realizada por mim, Willian e Lucas, foi finalizada no dia 10/02/2021.

A imersão “Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea”, com Daniela Alves, Willian Mario e Lucas Santana, foi realizada nas seguintes datas:

- dias 19, 20, e 21 de fevereiro de 2021 – modo online (9 horas)
- dias 22, 23, 24, 25 e 26 de fevereiro de 2021 – modo presencial (17 horas).

Em seguida, foi criada a arte gráfica para os certificados da imersão e enviadas por e-mail para cada participante separadamente.

As propostas de pesquisa das participantes da imersão foram recebidas até o dia 28 de fevereiro de 2021. A seleção de bolsistas foi feita por Daniela, Will e Lucas, finalizada em 03 de março de 2021. Foram contempladas com a bolsa: Isabella Serricella e Alesandro Melo (Katy Uabba). A orientação das pesquisas das bolsistas por Daniela, Lucas e Willian ocorreu ao longo dos meses de março e abril de 2021, com encontros presenciais e virtuais. A captação de imagens para a criação dos videodanças e divulgação da estreia desses trabalhos ocorreu ao final de abril e início de maio de 2021, e as edições foram entregues por Fernanda Hinnig no início de outubro de 2021.

Em maio de 2021, foi também iniciado o processo de realização da oficina online Corpo Infinito - treinamento físico-expressivo, conduzida por mim, com a criação da arte gráfica e compartilhamento de cartaz e cards virtuais para divulgação. As inscrições foram encerradas no dia 18/05/2021 e foram selecionadas por mim. As oficinas aconteceram nos dias 21 e 22 de maio de 2021. Em seguida, foi criada a arte gráfica para os certificados da oficina e enviadas por e-mail para cada participante. Essa oficina foi criada também para satisfazer a readequação do projeto à situação da pandemia: com 4 horas de duração e 20 vagas de participantes, somadas às 26 horas e aos 10 participantes da imersão em Dança, totalizou as 30 horas e 30 vagas oferecidas na proposta inicial.

A pesquisa utilizando o dispositivo DMV ocorreu ao longo de todo o período de execução do projeto, a partir de encontros com as pessoas artistas convidadas a fim de colaborarem com a criação, e da captação e edição de imagens para a elaboração de partituras propositivas em formato de videoexperimentos compartilhados nas redes sociais da artista. O vídeoexperimento (A) foi postado em março de 2021; em abril, foi compartilhado um vídeo com os comentários das pessoas colaboradoras virtuais, exibindo as ricas contribuições do público com a pesquisa; em agosto, foi publicado o vídeoexperimento (B). Ainda, em junho, o vídeo-experimento (A) participou da Mostra de vídeos da 3ª Jornada Elétrica de Dança Digital<sup>68</sup>, realizado pelo Elétrico Grupo de Pesquisa, dirigido pela Profa. Dra. Ludmila Pimentel, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pesquisa na área da Dança Digital, Performance Interativa e Teoria da Dança Digital. O videoexperimento recebeu mais uma camada de edição, realizada pela professora Ludmila, com a substituição do áudio original por som de metrônomo, alteração gerada por conta do bloqueio do vídeo no Youtube por uso de trilha sonora com direitos autorais. Essa edição é considerada também um ato colaborativo na criação, que tende sempre a reagir com os estímulos externos.

Passei a integrar o grupo Elétrico ao ingressar no Prodan - Mestrado Profissional em Dança da UFBA, em março de 2021. O objeto de pesquisa do mestrado é o dispositivo DMV, reativada com este presente projeto; portanto, o ingresso nesse percurso acadêmico profissional é considerado uma ação de continuidade, assim como as pesquisas das bolsistas e as ações formativas aqui realizadas, que, por si só promovem a continuidade do fazer artístico, pois estimulam os participantes a produzirem a partir das proposições potencializadoras de criação.

Outra ação de continuidade, e também de contrapartida, já prevista no projeto original, foi a concessão de bolsas para aulas regulares ministradas por mim. Foram oferecidas três bolsas (uma total e duas parciais) em horário e local disponíveis no período em que o projeto foi executado, durante quatro meses. No caso, as bolsas foram disponibilizadas para frequentar a turma Corpo Infinito na escola Garagem da Dança, pois, devido à condição do isolamento social, outras turmas foram extintas por falta de alunos. Foram três pessoas candidatas inscritas, participantes da imersão, porém apenas duas foram selecionadas pois a terceira tinha interesse apenas na bolsa total, e havia apenas uma. Depois, foram abertas inscrições para as pessoas participantes da oficina virtual Corpo Infinito, para bolsas em turma online, porém não houve inscrições. Houve ainda, como contrapartida e continuidade, abertura de mais um dia de oficina gratuita online Corpo Infinito, para aqueles que ficaram de fora da edição oficial, por causa do grande número de inscritas; e ainda, abertura de uma turma de Corpo Infinito

---

<sup>68</sup> Disponível em [3a Jornada Elétrica em Dança Digital/MOSTRA DE VIDEODANÇA VIDEOARTE \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=3aJornadaElétricaemDançaDigital/MOSTRA%20DE%20VIDEODANÇA%20VIDEOARTE), aos 2'32" da gravação. Acesso em 28/10/2021.

online com valor social (contribuição espontânea), que teve a participação de 2 pessoas inscritas na oficina oferecida pelo projeto.

A finalização do projeto ocorreu com a live Projeto DMV - continuidade, com mostra de processos, estreia dos videodanças das bolsistas e bate-papo entre mim, Will Mario, Lucas Santana, Isabella Serricella, Katy Uabba e público participante. O evento ocorreu no dia 24/10/2021, no canal do Youtube da artista proponente. A divulgação contou com compartilhamento de cartazes e cards virtuais, além de obtenção de mídia espontânea em veículos de comunicação, com o trabalho da assessora de imprensa Luciana de Moares, que atuou ao longo de todo o período de execução do projeto.

Por fim, o projeto cumpriu todas as suas ações para além das expectativas, visto o caráter de pesquisa e formação, que é algo a ser continuado a partir de estímulos propiciados pelas atividades desenvolvidas, de encontro à valorização dos profissionais e estudantes da Dança, bem como a história da Dança em Santa Catarina;

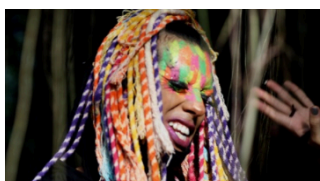
A reativação do dispositivo DMV, que outrora demonstrou grande potencial compositivo, gerador de pensamento artístico e conector de artistas e pessoas interessadas no fazer artístico em torno das artes cênicas, possibilitou a continuidade da minha pesquisa, agora complexificada e sistematizada pela vivência em ambiente acadêmico de excelência, a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Além disso, o projeto promoveu a conexão entre diferentes saberes em Dança, bem como entre artistas de variadas vertentes da Dança e das Artes do corpo, incentivando a produção de novos trabalhos nessas áreas, fomentando a especialização, capacitação, aperfeiçoamento e atualização de artistas do corpo, na realização de um trabalho de excelência e de efeito multiplicador, relevante para a história da Dança em Santa Catarina.

## APÊNDICE C

### Projeto DMV – continuidade Clipagem

Uma transmissão on-line apresenta o processo investigativo com a ferramenta DMV - Direção Múltipla Virtual -, desenvolvido pela bailarina Daniela Alves. O projeto contemplou com bolsas de pesquisa os trabalhos das artistas Isabella Serricella e Katy Uabba. A Mostra ocorre domingo agora, 24 de outubro, às 19h, no YouTube ([danielaalvesdance](https://www.youtube.com/channel/UCdanielaalvesdance)).



Katy Uabba, drag queen figurada pelo ator e performer Alessandro Melo, mergulhou na sua jornada em eventos, shows, peças teatrais e viu uma possibilidade de ampliar sua presença no meio virtual.



Já o percurso do lixo como rastro do tempo, do consumo que desemboca em descarte permeou o processo de pesquisa em dança da artista Isabella Serricella.

Em comum ambas foram contempladas, para auxiliar na produção dos audiovisuais, com bolsa de estudos pelo projeto *DMV – continuidade*, proposto pela artista Daniela Alves.

O projeto, além de dar seguimento à pesquisa da bailarina a partir do dispositivo DMV, realizou também a imersão em Dança "Corpo Infinito: conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea". As duas artistas que receberam as bolsas de pesquisa tiveram acompanhamento dos seus processos criativos, além da oficina "Corpo Infinito: treinamento físico-expressivo". Essa é a quinta e última ação do projeto.

A noite encerra com bate-papo envolvendo os processos criativos e a participação de Lucas Santana e Willian Mario, artistas convidados para a realização das quatro ações do projeto: a pesquisa de Daniela Alves / Imersão em Dança / seleção e acompanhamento da pesquisa das artistas contempladas com bolsa / e a mostra de processo.

O projeto DMV - direção múltipla virtual - é realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes – Edição 2019. E conta com o apoio da Garagem da Dança e Cenário Escola de Dança.

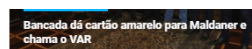
\*\*\*\*\*



#### FIQUE POR DENTRO

Receba novidades no seu e-mail

#### MAIS VISTOS



<https://portalmakingof.com.br/direcao-multipla-virtual-na-danca>



VOCÊ NÃO TEM O DEVER DE SABER TUDO, MAS TEM O DIREITO DE SER INFORMADO.

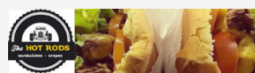
Home O Clube Adri Colunistas Notícias Fotos Contato

ANUNCIE



Inscrições abertas para imersão

EVVIVA



A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea". Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas - exercícios - que ativam conexões neuronais para a busca de um corpo consciente e sensível. "O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatómicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam", explica Dani.

A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros - são nove horas on-line e 17 horas presenciais. Willian Mario, artista do Vogue, e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina.

"Juntos construímos um conteúdo programático que irá conduzir a proposta da imersão com os 10 participantes selecionados a fim de proporcionar novas corporeidades", acrescenta.

As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário [https://docs.google.com/forms/d/1S\\_61tDA77ahPVRWdaIC2XwNZqorGi\\_whtRrJ5eRu5tA/edit](https://docs.google.com/forms/d/1S_61tDA77ahPVRWdaIC2XwNZqorGi_whtRrJ5eRu5tA/edit) O link está disponível na Bio no perfil do projeto no Instagram @projetodmv

O processo integra o projeto de pesquisa "DMV - continuidade" aprovado pelo Edital Elisabete Anderle 2019, que investiga a criação de novo solo da bailarina.

Crédito Caio Cezar



<https://www.clubedochampanhe.com.br/materia/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea1611706936>



← → 🔍 Não seguro | [agendadedanca.com.br/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea/](http://agendadedanca.com.br/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea/)


Agenda de Dança

FAÇA UMA DOAÇÃO  
Ajude o Agenda de Dança a continuar no ar

CLIQUE AQUI

HOME QUEM SOMOS EVENTOS AUDIÇÕES NOTÍCIAS ENTRETENIMENTO CONTATO

🔍



**DIVULGUE CONOSCO**  
300x250

**CUPOM DE DESCONTO**  
10% de desconto nas bailarinas da Lojinha do

**Inscrições abertas para imersão “Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea”**

30/01/2021 Tarciso Cunha 739 Views 0 comentários

*Crédito da foto: Caio Cezar Willian Mario*

A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo **Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea**. Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas – exercícios – que ativam conexões neurais para a busca de um corpo consciente e sensível. “O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatômicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam”, explica Dani.

A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros – são nove horas on-line e 17 horas presenciais. Willian Mario, artista do Vogue, e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina.

*“Juntos construímos um conteúdo programático que irá conduzir a proposta da imersão com os 10 participantes selecionados a fim de proporcionar novas corporeidades”, acrescenta.*

As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário [https://docs.google.com/forms/d/1S\\_61tDA77ahPVRWdaIC2XwNZqorGI\\_WhIRj5eRu5tA/edit](https://docs.google.com/forms/d/1S_61tDA77ahPVRWdaIC2XwNZqorGI_WhIRj5eRu5tA/edit)

O processo integra o projeto de pesquisa “DMV – continuidade” aprovado pelo Edital Elisabete Anderle 2019, que investiga a criação de novo solo da bailarina.

**Serviço**

Projeto DMV – Direção Múltipla Virtual – Daniela Alves  
Imersão em dança Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea  
Com Daniela Alves, Lucas Santana e Willian Mario

**Encontros Virtuais**  
19, 20 e 21 de fevereiro de 2021

**Encontros presenciais\* – Cenário Escola de Dança**  
\*22, 23, 24, e 25 de fevereiro de 2021  
R. Eduardo Gonçalves D’Ávila, 150 – Itacorubi, Florianópolis/SC (Próximo à UDESC – Rua da ASTEL)

**Encontro presencial\* – Garagem da Dança**  
\*26 de fevereiro de 2021  
R. Vera Linhares de Andrade, 2660 – Córrego Grande, Florianópolis – SC

**\*Obrigatório o uso de máscara**

**Inscrições Gratuitas:**  
\*\*As vagas são oferecidas a quem venha frequentar todos os dias da imersão. Inscrição única.\*\*  
Formulário de inscrição disponível na bio da página @projetodmv no Instagram até o dia 10/02/2021. Apenas 10 vagas mediante seleção. Emissão de certificado (26 horas)

us: AGENDADANCA

**VEM PRA COLOMBO OU**  
CHAMA no WHATS 800 642 42 42

**FACEBOOK**  
Agenda de Dança  
13.131 curtidas  
Curtir Página Fale conosco

**Norton360**  
Escolha ficar mais seguro online.  
Diga sim à segurança cibernética.  
SAIBA MAIS

**INSTAGRAM**  
Agenda de Dança  
@agendadedanca Follow

Ver no Instagram

<http://www.agendadedanca.com.br/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea/>





**Informação** atualizada e completa.  
**Opinião** com coerência e objetividade.  
O portal que deixa você sempre atualizado.



COMUNICAÇÃO

MARKETING

RADAR MAKINGOF

INTERNET

COLUNISTAS

Home / Yula Jorge / Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança



Yula Jorge JANEIRO 26, 2021

## Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança



Fotos Caio Cezar

A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea". Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.



O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas - exercícios - que ativam conexões neuronais para a busca de um corpo consciente e sensível.



"O trabalho é pautado em autoconhecimento e experimentação. O desenvolvimento se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatómicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem e as sensações que provocam", explica Dani.



A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros - são nove horas on-line e 17 horas presenciais. Willian Mario, artista do Vogue (na foto de Bolívar Alencastro), e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina.

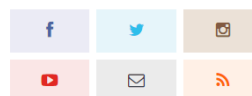
As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário abaixo:

[https://docs.google.com/forms/d/15\\_61tdA77ahPVRWdaIC2XwNZqorGI\\_wmRj5eRuStA/edit](https://docs.google.com/forms/d/15_61tdA77ahPVRWdaIC2XwNZqorGI_wmRj5eRuStA/edit)

O link está disponível no Bio no perfil do projeto no Instagram @projetoDMV



### MEDIA SOCIAL



### FIQUE POR DENTRO

Seu e-mail.

### MAIS VISTOS

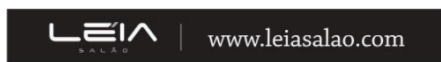


<https://portalmakingof.com.br/corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca>

# TOP SOCIETY

POR KARLA CRUZ

[início](#) [quem somos](#) [revista](#) [programa](#) [contato](#)



LIFESTYLE

## INSCRIÇÕES ABERTAS PARA IMERSÃO "CORPO INFINITO - CONEXÕES ENTRE VOGUE, SAPATEADO E DANÇA CONTEMPORÂNEA"

01/02/2021 MARISTELA BRITES



Imersão proposta pela bailarina Daniela Alves investiga novas corporalidades a partir das conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea. Inscrições abertas e gratuitas até 10 de fevereiro

BUSQUE NO BLOG

0 que você procura?

PUBLICIDADE



REDES SOCIAIS



CATEGORIAS

Informação (1328)  
Novidades (1321)  
Coluna Social (848)  
Lifestyle (775)  
Geral (519)  
Saúde (464)

VER TODAS CATEGORIAS

ARQUIVO

2022

fevereiro janeiro

2021

dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho  
maio abril março fevereiro  
janeiro

2020

dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho  
maio abril março fevereiro  
janeiro

2019

dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho  
maio abril março fevereiro  
janeiro

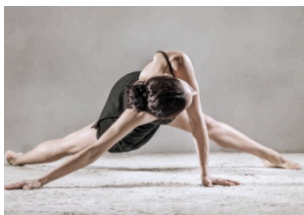
2018

dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho  
maio abril março fevereiro  
janeiro

2017

dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho





A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea". Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas - exercícios - que ativam conexões neurais para a busca de um corpo consciente e sensível. "O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatómicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam", explica Dani.

A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros - são nove horas on-line e 17 horas presenciais. William Mario, artista do Vogue, e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina.

"Juntos construímos um conteúdo programático que irá conduzir a proposta da imersão com os 10 participantes selecionados a fim de proporcionar novas corporeidades", acrescenta.

As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário [https://docs.google.com/forms/d/1S\\_61tDA77ahPVRWdaIC2xwNZqorG1\\_WhiRrJ5eRuSta/edit](https://docs.google.com/forms/d/1S_61tDA77ahPVRWdaIC2xwNZqorG1_WhiRrJ5eRuSta/edit). O link está disponível na Bio no perfil do projeto no Instagram @projetodmv

O processo integra o projeto de pesquisa "DMV - continuidade" aprovado pelo Edital Elisabete Anderle 2019, que investiga a criação de novo solo da bailarina.

#### SERVIÇO

O que: Projeto DMV - direção múltipla virtual - daniela alves

realiza a imersão em dança "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea com Daniela Alves, Lucas Santana e William Mario

Datas:

Encontros Virtuais

19, 20 e 21 de fevereiro/2021

Encontros presenciais - Cenário Escola de Dança

\* 22, 23, 24, e 25 de fevereiro/2021

R. Eduardo Gonçalves D'Ávila, 150 - Itacorubi, Florianópolis/SC (Próximo à UDESC - Rua da ASTEL)

\*26 de fevereiro/2021

Encontro presencial - Garagem da Dança

R. Vera Linhares de Andrade, 2668 - Córrego Grande, Florianópolis - S

\*Obrigatório o uso de máscara

#### INSCRIÇÕES GRATUITAS

\*\*As vagas são oferecidas a quem venha frequentar todos os dias da imersão. Inscrição única.\*\*

Formulário de inscrição disponível na bio da página @projetodmv no Instagram até o dia 10/02/2021.

Apenas 10 vagas mediante seleção. Emissão de certificado (26 horas)

Compartilhe nas redes sociais:



dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho  
maio abril março fevereiro  
janeiro

2015  
dezembro novembro outubro  
setembro agosto julho junho  
maio abril março fevereiro  
2014  
setembro maio março fevereiro  
janeiro

#### TAGS

(13)

TAJ (6)

LAGES GARDEN SHOPPING (4)

YANG (3)

KARLA VIVIAN (3)

ACIL (3)

FESTA DO PINHÃO (2)

LAGES (2)

VER TODAS TAGS

#### BLOGS PARCEIROS

Edson Varela  
Paulo Chagas - Opinião  
Rosilene Bejarano

#### ÚLTIMOS POSTS

Pátio mileno se consolida  
como ambiente multiuso em  
2022

Construção é o setor com  
maior variação positiva na  
geração de empregos em SC em  
2021

Musa das estradas fará  
reconstrução facial em  
blumenau

Fernando de noronha: o  
paraíso para recarregar as  
energias

VER TODAS POSTAGENS

#### CURTA NOSSA PÁGINA



<https://topsociety.blog.br/posts/4923/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea>

→ C revistanews.com.br/2021/01/29/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea/ 🔍 📄 ☆ ⓘ ⋮

**revistanews** 📍 Porto Alegre, RS 24 °C

🕒 9 de fevereiro de 2022 🔍

**Inscrições abertas para imersão “Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea”**

Imersão proposta pela bailarina Daniela Alves investiga novas corporalidades a partir das conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea. Inscrições abertas e gratuitas até 10 de fevereiro

📅 29 de janeiro de 2021

Facebook Twitter LinkedIn




Foto: Calo Cesar

A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo “Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea”. Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas – exercícios – que ativam conexões neuronais para a busca de um corpo consciente e sensível. “O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatômicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam”, explica Dani.

A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros – são nove horas on-line e 17 horas presenciais. Willian Mario, artista do Vogue, e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina.

“Juntos construímos um conteúdo programático que irá conduzir a proposta da imersão com os 10 participantes selecionados a fim de proporcionar novas corporeidades”, acrescenta.

As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário [https://docs.google.com/forms/d/1S\\_61tDA77ahPVRWdalC2XwNZqorGi\\_wHiRrJ5eRu5tA/edit](https://docs.google.com/forms/d/1S_61tDA77ahPVRWdalC2XwNZqorGi_wHiRrJ5eRu5tA/edit) O link está disponível na Bio no perfil do projeto no Instagram @projetodmv

O processo integra o projeto de pesquisa "DMV – continuidade" aprovado pelo Edital Elisabete Anderle 2019, que investiga a criação de novo solo da bailarina.

#### SERVIÇO

**O que:** Projeto DMV – direção múltipla virtual – Daniela Alves – realiza a imersão em dança "Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea com Daniela Alves, Lucas Santana e Willian Mario

#### Datas:

##### Encontros Virtuais

19, 20 e 21 de fevereiro/2021

##### Encontros presenciais\* – Cenarium Escola de Dança

\* 22, 23, 24, e 25 de fevereiro/2021

R. Eduardo Gonçalves D'Ávila, 150 – Itacorubi, Florianópolis/SC (Próximo à UDESC – Rua da ASTEL)

\*26 de fevereiro/2021

##### Encontro presencial\* – Garagem da Dança

R. Vera Linhares de Andrade, 2660 – Córrego Grande, Florianópolis – SC

\*Obrigatório o uso de máscara

#### INSCRIÇÕES GRATUITAS

\*\*As vagas são oferecidas a quem venha frequentar todos os dias da imersão.

Inscrição única.\*\*

Formulário de inscrição disponível na bio da página @projetodmv no Instagram até o dia 10/02/2021.

Apenas 10 vagas mediante seleção. Emissão de certificado (26 horas)



<https://revistanews.com.br/2021/01/29/inscricoes-abertas-para-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea/>





← → ↻ [www.imagemdailha.com.br/agenda/2998/inscricoes-abertas-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea.html](https://www.imagemdailha.com.br/agenda/2998/inscricoes-abertas-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea.html) 🔍 📁 ⚙️

**image3** Verão • Cidade • Gastronomia • Decoração • Femina • Auto imagem • Kids Encontre-nas nas redes sociais [f](#) [i](#) [t](#) [v](#) Florianópolis, 09 de fevereiro de 2022

Sobre Anuncie Contato Blog Galerias 12:20 21° | Nublado Busque aqui... 🔍

Você está em: [Imagem da Ilha](#) > [Blog](#) > [Inscrições abertas: imersão 'Corpo Infinito' - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea](#)

---

**Programe-se**

**NOVA DATA! Leonardo e Bruno & Marrone apresentam a nova temporada de Cabaré**  
13/02/2022

**Música e gastronomia: Confira a programação do Franz Cabaret**  
01/02/2022

**Exposição: Standa Seclak apresenta 'From Sea to Sea' no Café Del Mar**  
20/01/2022

**Para a família: pista de patinação no gelo e outras atrações indoor**  
14/01/2022

[Confira outros eventos](#)

**FRUTAS E VERDURAS SELECIONADAS a partir de**  
**R\$ 2,29KG**

**Colunistas**

**Raul Sartori**  
Política

**Vinicius Lummertz**  
Turismo

**Tia Setembrina**  
Humor

**Ceros Azevedo**  
Lifestyle

**Maria do Carmo de Lima Martins**  
Nutrição

**Dr. Jamil Mattar Valente**  
Medicina Preventiva

[Conheça outros colunistas](#)

**Auto** 01 02 03 04 05

**Inscrições abertas: imersão 'Corpo Infinito' - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea'**

Data: 19/02/2021

A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea". Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas - exercícios - que ativam conexões neurais para a busca de um corpo consciente e sensível. "O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatómicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam", explica Dani.

A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros - são nove horas on-line e 17 horas presenciais. Willian Mario, artista do Vogue, e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina.

"Juntos construímos um conteúdo programático que irá conduzir a proposta da imersão com os 10 participantes selecionados a fim de proporcionar novas corporeidades", acrescenta.

As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário AQUI. O link está disponível na Bio no perfil do projeto no Instagram @projetodmv

O processo integra o projeto de pesquisa "DMV - continuidade" aprovado pelo Edital Elisabete Anderle 2019, que investiga a criação de novo solo da bailarina.

**Serviço:**

O que: Projeto DMV - direção múltipla virtual - daniela alves

realiza a imersão em dança "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea com Daniela Alves, Lucas Santana e Willian Mario

**Datas:**

Encontros Virtuais

19, 20 e 21 de fevereiro/2021, das 13h às 16h

Encontros presenciais\* - Cenarium Escola de Dança

\* 22, 23, 24, e 25 de fevereiro/2021, das 13h às 16h

R. Eduardo Gonçalves D'Ávila, 150 - Itacorubi, Florianópolis/SC (Próximo à UDESC - Rua da ASTEL)

\*26 de fevereiro/2021, das 13h às 18h

[Twitter](#)

**Podcast**

[Imagem da Ilha](#)  
09/02 9h Transl...

[Privacy policy](#)

**TV Imagem da Ilha**

**Golpe em aeroportos tem upgrade**

**Olha só perigo desta travessia**

**Sem limites para o descaso**

**Eu fico.' sensibiliza sobre a importância do Centro Leste da Capital**

[Ver mais WebTV](#)


**350 MEGA** **99** **99** **Claro**

**Femina** 01 02 03 04 05

<https://www.imagemdailha.com.br/agenda/2998/inscricoes-abertas-imersao-corpo-infinito-conexoes-entre-vogue-sapateado-e-danca-contemporanea.html>

arqsc.com.br/imersao-corpo-infinito-tem-inscricoes-abertas/

sobre contato envie seu projeto publicidade



projetos notícias artigos entrevistas anuário eventos vídeo podcast

Início > Notícias > Ação de dança "Corpo Infinito" tem inscrições abertas

## Ação de dança "Corpo Infinito" tem inscrições abertas

Proposta da bailarina Daniela Alves é investigar novas corporalidades a partir das conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea. Inscrições gratuitas até 10 de fevereiro.

Por **Redação** — 04 fev 2021 em Notícias, Arte



Compartilhar

Tweetar

Enviar

A relação com o corpo a partir da dança como linguagem experimental é a proposta da bailarina Daniela Alves no processo "Corpo Infinito - conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea". Uma imersão que oferece caminhos para mapear o corpo, explorar sua história, os sentidos, o sentir e movimentos.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de exercícios que ativem conexões neuronais para a busca de um corpo consciente e sensível. "O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatômicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam", explica Dani.


A pesquisa envolve mais dois artistas convidados e o curso tem carga horária de 26 horas distribuídas em oito encontros - são nove horas on-line e 17 horas presenciais. Willian Mario, artista do Vogue, e Lucas Santana, artista do Tap Dance (Sapateado), somam seus repertórios ao da bailarina. "Juntos construímos um conteúdo programático que irá conduzir a proposta da imersão com os 10 participantes selecionados a fim de proporcionar novas corporeidades", acrescenta.

[As inscrições são gratuitas e os interessados devem preencher o formulário aqui](#)

O processo integra o projeto de pesquisa "DMV - continuidade" aprovado pelo Edital Elisabete Anderle 2019, que investiga a criação de novo solo da bailarina.

Últimos Projetos


Iluminação na fachada é o grande atrativo do projeto


Pousada recria cenário da Vila do Chaves

Últimos Projetos


Iluminação na fachada é o grande atrativo do projeto


Pousada recria cenário da Vila do Chaves


Franz Cabaret: cenário para extravasar

assine nossa newsletter

E-mail

Últimas Notícias


Exposição coletiva sobre curadoria e arte gráfica no Oeste de SC

Álbum de Família: inscrições gratuitas para a oficina de colagens com Pati Peccin

Movimento #Vivacentroeste: manifesto reafirma

Últimos Projetos


Iluminação na fachada é o grande atrativo do projeto


Pousada recria cenário da Vila do Chaves


Franz Cabaret: cenário para extravasar

assine nossa newsletter





### SERVIÇO

O que: Projeto DMV – direção múltipla virtual – Daniela Alves

Imersão em dança "Corpo Infinito – conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea com Daniela Alves, Lucas Santana e Willian Mario

Datas:

Encontros Virtuais

19, 20 e 21 de fevereiro/2021

Encontros presenciais\* – Cenarium Escola de Dança

\* 22, 23, 24, e 25 de fevereiro/2021

Rua Eduardo Gonçalves D'Ávila, 150 – Itacorubi, Florianópolis/SC (Próximo à UDESC – Rua da ASTEL)

\*26 de fevereiro/2021

Encontro presencial\* – Garagem da Dança

Rua Vera Linhares de Andrade, 2660 – Córrego Grande, Florianópolis – SC

Sempre das 13h às 16h (exceto no dia 05/02 – das 13h às 18h)

\*Obrigatório o uso de máscara

### Inscrição Gratuitas

\*\*As vagas são oferecidas a quem venha frequentar todos os dias da imersão. Inscrição única.\*\*

Formulário de inscrição disponível na bio da página @projetodmv no instagram até o dia 10/02/2021.

Apenas 10 vagas mediante seleção. Emissão de certificado (26 horas).

Fonte: com assessoria de imprensa.

Tags: arquitetura ArqSC dança corpo arqsc noticia artes Corpo Infinito Daniela Alves

### Últimos Projetos

TODOS PROJETOS SC



Iluminação na fachada é o grande atrativo do projeto



Pousada recria cenário da Vila do Chaves



Franz Cabaret: cenário para extravasar

### assine nossa newsletter

E-mail

### Últimas Notícias

TODAS

- Exposição coletiva sobre curadoria e arte gráfica no Oeste de SC
- Álbum de Família: inscrições gratuitas para a oficina de colagens com Pati Peccin
- Movimento #Vivacentroleste: manifesto reafirma urgência de melhorias para a região

### Últimos Projetos

TODOS PROJETOS SC



Iluminação na fachada é o grande atrativo do projeto



Pousada recria cenário da Vila do Chaves



Franz Cabaret: cenário para extravasar

### assine nossa newsletter

E-mail

### Últimas Notícias

TODAS

- Exposição coletiva sobre curadoria e arte gráfica no Oeste de SC
- Álbum de Família: inscrições gratuitas para a oficina de colagens com Pati Peccin
- Movimento #Vivacentroleste: manifesto reafirma urgência de melhorias para a região



do Chaves



Franz Cabaret: cenário para extravasar

<https://arqsc.com.br/imersao-corpo-infinito-tem-inscricoes-abertas/>

Capa NSC Total » Leo Coelho

DANÇA

## Uma imersão que soma a trajetória de três artistas em vertentes distintas da dança



Por Leo Coelho

03/02/2021 - 08h45 - Atualizada em: 03/02/2021 - 09h32

COMPARTILHE



Para mexer o corpo (Foto: Caio Cesar/divulgação)

A bailarina Daniela Alves, com trajetória na dança contemporânea, Lucas Santana do Tap Dance (Sapateado) e Willian Mario, do Vogue, estão juntos no "Corpo Infinito", **com inscrições abertas até 10 de fevereiro**.

O objetivo, segundo a artista, é se apropriar de ferramentas - exercícios - que ativam conexões neuronais para a busca de um corpo consciente e sensível. *"O trabalho é pautado em autoconhecimento, autocuidado e experimentação. O desenvolvimento da percepção de si e da criação de autoimagem se dá a partir do exercício de simplesmente levar a atenção para as estruturas anatômicas do corpo, minuciosamente, observando suas formas, peso, qualidades, percebendo como se movem, e as sensações que provocam"*, explica a bailarina Daniela Alves.



Colunista

**Leo Coelho**

Referência no segmento social e com vasta experiência no mercado, o jornalista traz informações relevantes e exclusivas sobre Florianópolis. Notícias de bastidores da sociedade, círculos de influência, curiosidades, frases e causos. Os olhos e ouvidos da NSC na Capital catarinense.

Siga Leo Coelho



Mais colunistas

COMPARTILHE



Willian Mario, do Vogue, também faz parte do projeto "Corpo Infinito" (Foto: Caio Cesar/divulgação)

A programação, que é totalmente gratuita e com 26 horas de prática corporal dividida em encontros online e presencial, foi aprovada pelo Edital Elisabete Anderle 2019 e irá selecionar 10 participantes, que ainda concorrem a uma bolsa de iniciação em pesquisa em dança e produção de vídeo.

Temas:

dança Destaque Leo Coelho

<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/leo-coelho/uma-imersao-que-soma-a-trajetoria-de-tres-artistas-em-vertentes-distintas-da>

← → ↻ select.art.br/agenda-do-fim-do-mundo-3-a-10-2-2021/ 🔍 📄 ☆ ⚙️ 👤

**select** 📡 📺 📖 📅 📄 📄 📄 📄 📄

**RÁDIO CELESTE DA HORA SELECTV AGENDA A REVISTA PROJETOS ESPECIAIS ENGLISH**

**Agenda do fim do mundo (3 a 10/2/2021)**

**Ivan Serpa; Milton Machado; Ayoung Kim; Glauco Rodrigues; Santos Film Fest; 8x Hilda; Videoartepapo; Dean Kissick**

Da redação

PUBLICADO EM: 03/02/2021 | CATEGORIA: AGENDA, DESTAQUE

📧 📧 📧 📧 📧

**INSCREVA-SE**

**Corpo Infinito - Conexões entre Vogue, Sapateado e Dança Contemporânea**

A bailarina Daniela Alves propõe uma imersão com o objetivo de mapear o corpo e criar associações entre as diferentes modalidades de dança. Com encontros on-line e presenciais, na cidade de Florianópolis, as inscrições seguem abertas até 10/2 e devem selecionar dez participantes.

**Painel da Fotografia Cearense**

Até 10/2, estão abertas as inscrições para o edital que busca selecionar 120 fotógrafos residentes ou nascidos no Ceará,

**COMPRA A SUA SELECT**

**Notebook e Desktops Dell**

**AGENDA**

**Agenda para Adiar o Fim do Mundo (2 a 9/2)**

02/02/2022

**Agenda para Adiar o Fim do Mundo (26/1 a 2/2)**

<https://www.select.art.br/agenda-do-fim-do-mundo-3-a-10-2-2021/>



VARIADADES ECONOMIA E NEGÓCIOS TECNOLOGIA GERAL EVENTOS TURISMO MEIO AMBIENTE SAÚDE OUTROS CONTATO



VARIADADES

## Live exhibe processo com o dispositivo DMV e videodanças LuxoLixo e Drag City

21 DE OUTUBRO DE 2021



Transmissão on-line apresenta o processo investigativo com a ferramenta DMV - direção múltipla virtual -, desenvolvido pela bailarina Daniela Alves, e os trabalhos das artistas Isabella Serricella e Katy Uabba, contempladas com bolsas de pesquisa pelo projeto DMV - continuidade, para desenvolvimento das performances audiovisuais.

Mostra ocorre no dia 24 de outubro, às 19h, no YouTube

O percurso do lixo como rastro do tempo, do consumo que desemboca em descarte residual permeou o processo de pesquisa em dança da artista Isabella Serricella. Já Katy Uabba, drag queen figurada pelo ator e performer Alessandro Melo, mergulhou na sua jornada em eventos, shows, peças teatrais e viu uma possibilidade de ampliar sua presença no meio virtual. Em comum ambas foram contempladas, para auxiliar na produção dos audiovisuais, com bolsa de estudos pelo projeto DMV - continuidade, proposto pela artista da Dança Daniela Alves.

O projeto, além de dar seguimento à pesquisa da bailarina a partir do dispositivo DMV, realizou também a imersão em Dança "Corpo Infinito: conexões entre vogue, sapateado e dança contemporânea". O programa ofereceu bolsas de pesquisa para duas artistas que tiveram acompanhamento dos seus processos criativos, além da oficina "Corpo Infinito: treinamento físico-expressivo". Essa é a quinta e última ação do projeto.

A criação a partir do dispositivo DMV se dá por uma pesquisa interativa e colaborativa em meio digital para a construção de novas corporeidades e dramaturgias em Dança, realizada pela bailarina Daniela Alves desde 2013. O método será exibido dia 24 de outubro, às 19h, no YouTube. Na programação da mostra também terá o lançamento dos vídeos LuxoLixo, elaborado a partir da pesquisa da artista Isabella Serricella, e Drag City, produzido com a investigação da artista Katy Uabba.

A noite encerra com bate-papo envolvendo os processos criativos e a participação de Lucas Santana e Willian Mario, artistas convidados para a realização das quatro ações do projeto: pesquisa de Daniela Alves; imersão em Dança; seleção e acompanhamento da pesquisa das artistas contempladas com bolsa; e mostra de processo.

### LixoLixo e Drag City

LixoLixo, de autoria de Isabella Serricella, propõe uma reflexão sobre o lixo e questiona a responsabilidade dos seres humanos como produtores de resíduos. A artista parte de questões como: Como e por que seres humanos geram tanto lixo? Para onde ele vai e em que momento ele desaparece do planeta? Qual é a nossa responsabilidade com relação ao destino do nosso descarte doméstico? Existe interesse de investimento governamental para que essa realidade se modifique? Existe "jogar fora"? E aponta para o assustador montante de 2,2 bilhões de toneladas geradas até 2025, segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

Drag City, trabalho com assinatura de Alessandro Melo, mergulha na trajetória artística da Drag Queen Katy Uabba e amplia sua performance por meio do projeto "KU - Especial de Verão". É uma janela que se abre para retratar a drag na cidade, a utilização dos espaços urbanos e a relação e interação do corpo com o tecido urbano, com foco especial no corpo LGBTQ.

"Ao participar da imersão tive interesse imediato pela bolsa de pesquisa em dança e produção de vídeo, pois quero ampliar o leque da minha pesquisa como drag queen. Exploro movimentos do Vogue, do sapateado e do contemporâneo para desenvolver uma partitura corporal mais consciente de movimentos, transicionando de um estilo para o outro, e passando por experiências que o meu corpo já tem pelo trabalho que venho desenvolvendo com a atuação nos últimos sete anos", conta Alessandro Melo.

O projeto DMV - direção múltipla virtual - é realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Artes - Edição 2019. E conta com o apoio da Garagem da Dança, Cenário Escola de Dança.

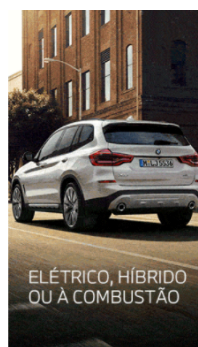
### SERVIÇO

O que: Mostra de Processo + Videodanças + bate-papo

Quando: 24 de outubro

Horário: 19h

Local: <https://www.youtube.com/danielaalvesdance>



ELÉTRICO, HÍBRIDO OU À COMBUSTÃO

### LEIA MAIS

Asilo Irmão Joaquim recebe Troco...  
9 de fevereiro de 2022

Vagas abertas: ESSS busca atuar em mercado de inovação...  
9 de fevereiro de 2022

Continente Shopping promove evento para famílias se divertirem com jogos de...  
9 de fevereiro de 2022

Bar de Florianópolis presta homenagem para Franklin Cascaes  
9 de fevereiro de 2022

Food hall pioneiro em Florianópolis, Pátio Milano se consolida como ambiente...  
9 de fevereiro de 2022

Food hall pioneiro em Florianópolis, Pátio Milano se consolida como ambiente...  
9 de fevereiro de 2022

Torneio em SC vai reunir um dos maiores line-ups mundiais de beach tennis da história  
9 de fevereiro de 2022

CDL de Florianópolis doa 70 unidades de álcool gel 70% para...  
9 de fevereiro de 2022

Chegou a vez da pisadinha no Stage Music Park  
8 de fevereiro de 2022

Exposição HASSIS CARNAVAL estreia no Shopping Itaguau  
8 de fevereiro de 2022

Livro expõe os desafios para uma "nova Justiça"  
8 de fevereiro de 2022

MAIS HISTÓRIAS

Asilo Irmão Joaquim recebe mais de R\$ 91 mil do Troco...  
9 de fevereiro de 2022

<https://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/live-exibe-processo-com-o-dispositivo-dmv-e-videodancas-luxolixo-e-drag-city/>

## **APÊNDICE D**

### **Projeto DMV – Woman's Performance Memorial de Experimentação Artística**

Período de execução: Janeiro a Abril de 2022.

#### **Resumo do processo de investigação e experimentação do projeto**

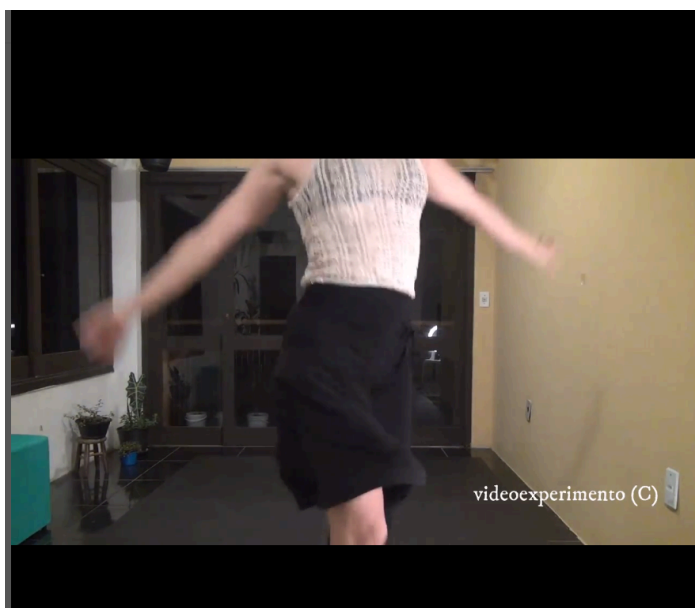
O Projeto DMV - Woman's Performance deu continuidade à minha pesquisa com o dispositivo DMV (direção múltipla virtual), dispositivo digital de composição colaborativa e interativa em Dança, a partir de duas estratégias principais: 1) elaboração de novos videoexperimentos, e decorrentes colaborações virtuais; 2) potencialização da minha pesquisa corporal com o Vogue, contando com a participação de duas pessoas artistas da área, Will Mario e Izhy Silveira, líderes da primeira casa de Vogue do Sul do Brasil, a Casa das Feiticeiras (anteriormente denominada "House of Sorceress"). A colaboração artística dessas duas convidadas ocorreu tanto por meio de encontros semanais direcionados para meu trabalho corporal, quanto por meio da minha participação nos treinos da House, onde contribuí com minha ampla experiência técnica em Dança, propondo às integrantes da House ações de corpo que fizeram parte da minha formação na área de Dança Contemporânea. Em troca, pude me aproximar da cultura Ballroom e de novos olhares acerca da ideia de corpo feminino, já que a pesquisa tem o intuito de construir novas corporeidades e dramaturgias em Dança, ampliando a discussão acerca do corpo na contemporaneidade, especificamente o corpo da mulher, quebrando padrões relacionados à beleza, feminilidade e masculinidade. Os treinos da House ocorreram na Mutama Escola de Movimento e Expressão, em Florianópolis, e contou com a presença das integrantes que residem nesta cidade. Como algumas moram fora, realizamos uma Imersão no fim de semana, com uma programação intensificada, realizada no Centro Social Urbano (CSU) - Centro Comunitário do Saco dos Limões, em Florianópolis/SC, com a presença de Willian Mario, Izhy Siveira, Luiza Feiticeira, Adryel Feiticeira, All Feiticeira, Lara Feiticeira,

Téo Feiticeira, e Deca Feiticeira. Deca veio de Criciúma; Lara, de Curitiba; e Téo, de Balneário Camboriú. Infelizmente, Maritza Feiticeira (Curitiba) e Zara Feiticeira (São Paulo) não puderam vir por conta de suas agendas de trabalho. Manuela Feiticeira, sempre presente nos treinos na Mutama, também não participou da Imersão pois tinha sofrido um acidente. As duas demais integrantes, que totalizavam 12 pessoas quando este projeto foi proposto, já não faziam mais parte da House quando o projeto foi executado. Ao final da Imersão, o encontro entre as Feiticeiras foi aproveitado para a produção de imagens em foto e vídeo das integrantes da House. Os estudos de Vogue com Will Mario aconteceram no hall do CED/UFSC e na Cenarium Escola de Dança. Os treinos com Izhy Silveira ocorreram em minha sala de trabalho particular e na Praia do Santinho. O trabalho corporal com esses dois artistas colaboraram com a produção dos videoexperimentos, material artístico que expõe minha Dança, partindo do corpo e suas subjetividades. Foram criados o Videoexperimento (C) e o Videoexperimento (D), postados em todas as minhas redes sociais, perguntando, a respeito dos vídeos, a quem quisesse responder: o que você vê?; o que você sente?; para onde devo ir? Houve ampla interação das pessoas colaboradoras, e os comentários foram utilizados para a elaboração das audiodescrições desses vídeos, que contou com a orientação de Moira Braga. Foram produzidos dois novos vídeos, com narração da audiodescrição feita por mim, com a inserção também de todos os nomes das pessoas colaboradoras virtuais. Houve também contratação de serviços de marketing digital, além de impulsionamentos dos posts no Instagram, a fim de divulgar o projeto e trazer mais colaboradoras virtuais. Ainda, foi construído um vídeo-memorial de experimentação artística, que apresenta algumas imagens dos encontros com os artistas convidados, dos treinos com a House, e da Imersão DMV - Feiticeiras. O projeto teve a duração de 4 meses, de janeiro a abril de 2022.

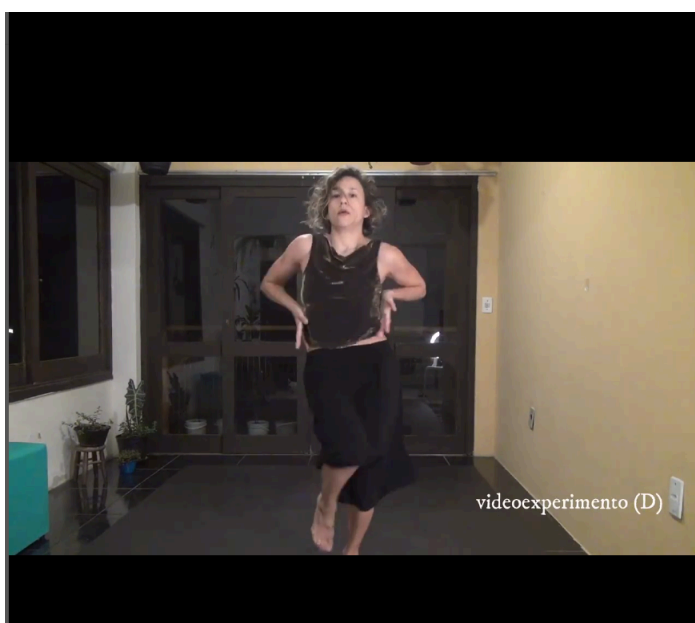
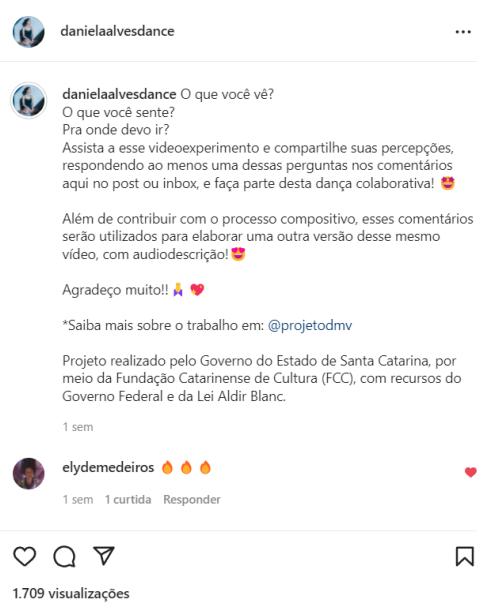
### **Memorial em Vídeo:**

[Memorial Projeto DMV - Woman's Performance - YouTube](#)

## Capturas de tela (registro de imagens):



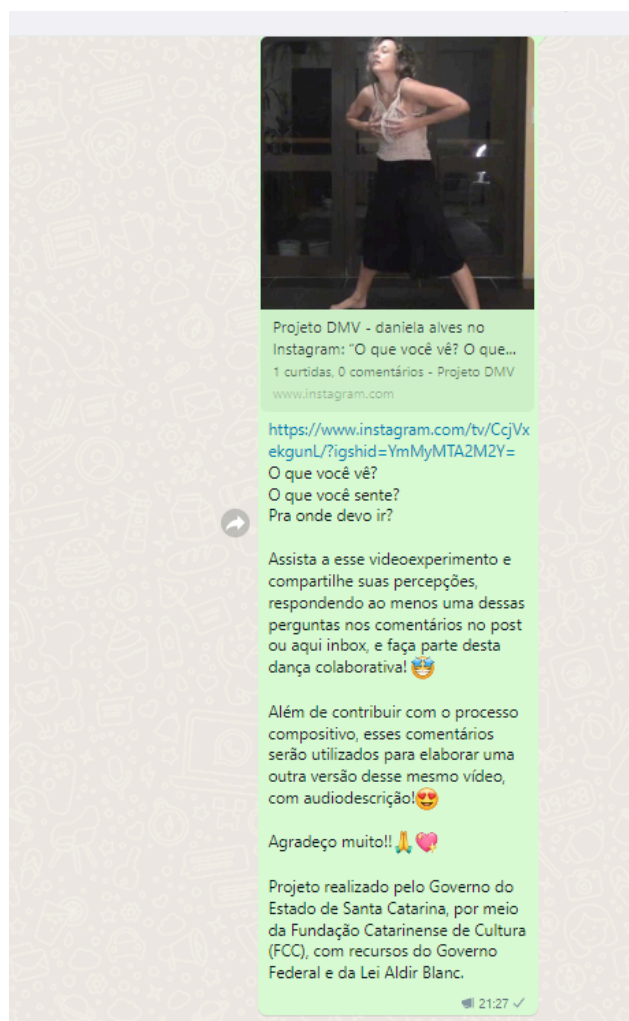
videoexperimento (C)



videoexperimento (D)





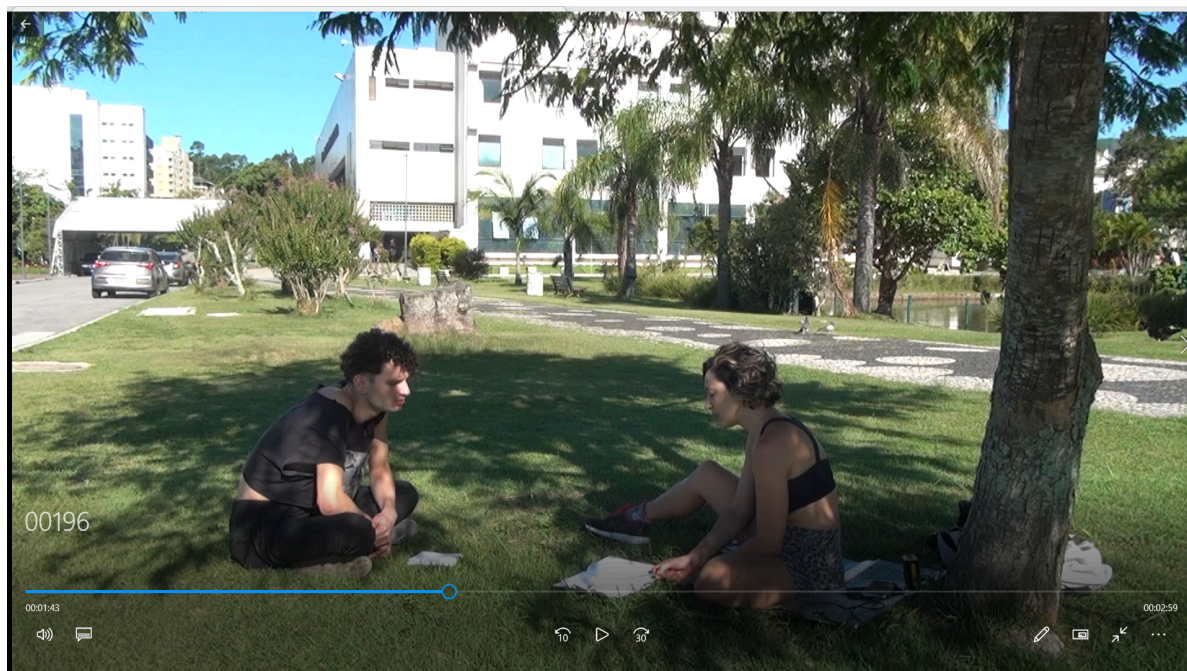


WhatsApp - Lista de transmissão



Primeiro encontro com Izhy Silveira

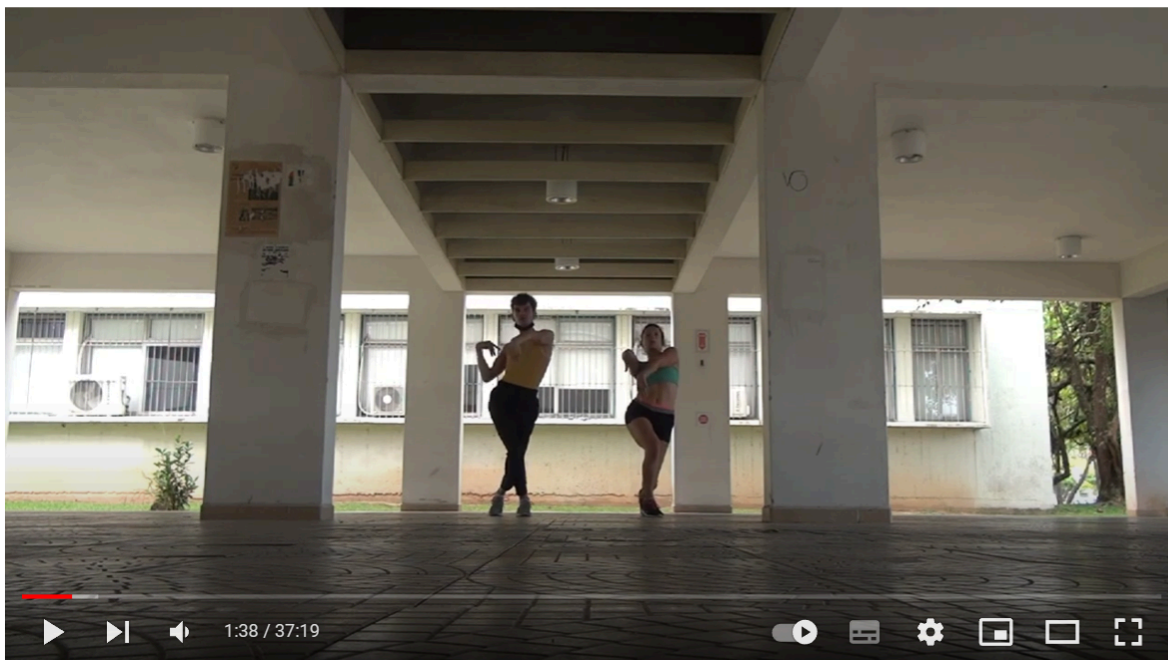




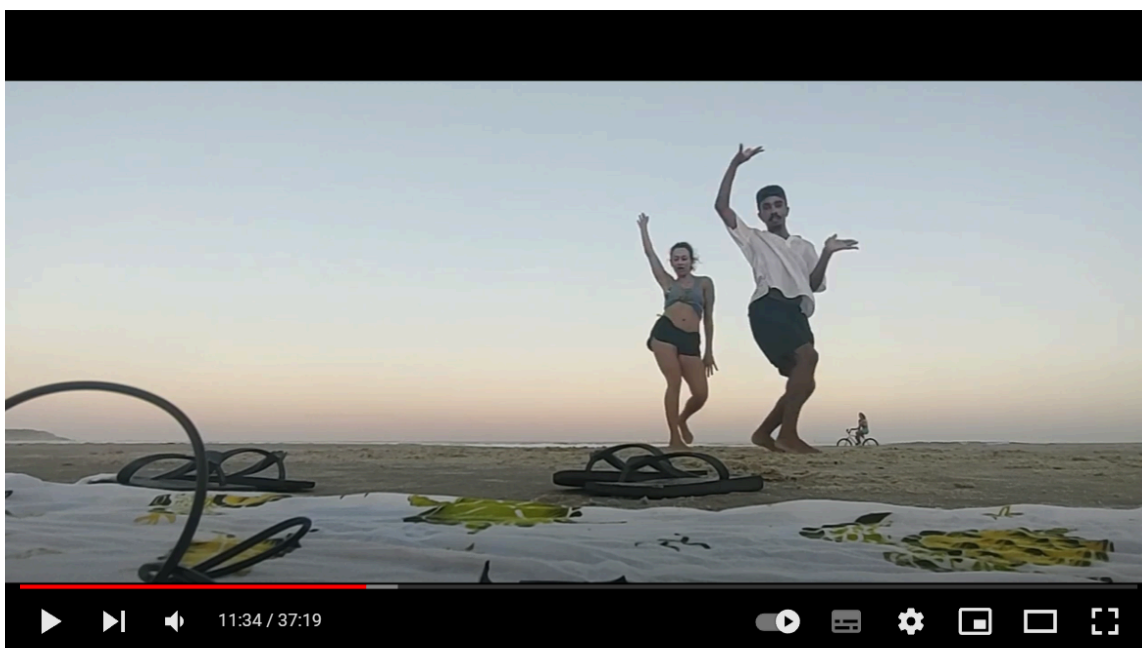
Primeiro encontro com Will Mario



Treino Casa das Feiticeiras



Encontro com Will Mario



Encontro com Izhy Silveira





Casa Das Feiticeiras - participantes da Imersão  
(foto feita no dia da Imersão no CSU)